

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

KAROLINE GASQUE DE SOUZA

A DUPLICAÇÃO DE SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**PORTO ALEGRE
2021**

KAROLINE GASQUE DE SOUZA

A DUPLICAÇÃO DE SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero

PORTO ALEGRE
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Gasque de Souza, Karoline

A duplicação de sujeito no português brasileiro /
Karoline Gasque de Souza. -- 2021.

122 f.

Orientador: Gabriel de Ávila Othero.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Duplicação de sujeito. 2. Deslocamento à
esquerda de sujeito. 3. Português brasileiro. I.
Othero, Gabriel de Ávila, orient. II. Título.



ATA PARA ASSINATURA Nº 1284

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Letras
LETRAS - Mestrado Acadêmico
Ata de defesa de Dissertação

Aluno: Karoline Gasque de Souza, com ingresso em 12/08/2019
Título: **A duplicação de sujeito no português brasileiro**
Orientador: Prof. Dr. Gabriel de Avila Othero

Data: 15/12/2021
Horário: 14h
Local: Banca Virtual

Banca Examinadora Origem

Pablo Nunes Ribeiro UFRGS
Marcos Goldnadel UFRGS
Leonor Simioni UNIPAMPA

Porto Alegre, 15 de dezembro de 2021.

Membros	Assinatura	Conceito
Pablo Nunes Ribeiro		A
Marcos Goldnadel		A
Leonor Simioni		A

Conceito Geral da Banca: (A) Correções solicitadas: (X) Sim () Não

Observação: Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.

Aluno

Orientador

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para que eu pudesse realizar esta dissertação, em especial:

À minha família, meus pais e meus avós, pelo carinho, pela paciência e pelo apoio para que eu pudesse me dedicar ao estudo e à pesquisa. Muito obrigada pela força e por sempre me motivarem a alcançar meus objetivos;

Ao meu orientador, Gabriel de Ávila Othero, por ter aceitado guiar minha pesquisa, por acreditar em mim e em minha capacidade. Sou grata pelo incentivo, pela compreensão e por me trazer sensatez nos momentos de dúvidas e incertezas;

À professora Leonor Simioni, por ter me apresentado ao mundo da sintaxe na graduação e por provocar em mim o instinto de pesquisadora. Graças aos seus ensinamentos e conselhos, consegui chegar à pós-graduação;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Meu muito obrigada, em particular, aos professores Marcos Goldnadel, Sabrina Pereira de Abreu e Sergio de Moura Menuzzi por todo conhecimento que me ofereceram nestes dois anos;

À professora Elisa Battisti e à equipe do LínguaPOA, pela gentil disponibilização das entrevistas em transcrição e em áudio para a elaboração desta pesquisa;

Às colegas do grupo de pesquisa, Melissa Lazzari e Mônica Ayres, pelas discussões teóricas e pelas trocas de experiências;

Às colegas do PPG, Joanne Bittencourt e Júlia Ricardo, por me apresentarem o Vale e por sempre me acolherem nos momentos de ansiedade;

Aos meus amigos, pelo companheirismo, pelas manifestações de afeto e por compreenderem os meus momentos de ausência durante o mestrado;

À UFRGS, pela oportunidade de estudar em uma instituição pública, gratuita e de qualidade, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível (CAPES), pelo apoio financeiro concedido, o que me permitiu desenvolver a minha pesquisa de mestrado com dedicação exclusiva;

Aos queridos professores da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Jaguarão, pela formação acadêmica de excelência, e ao Programa de Educação Tutorial (PET), por me proporcionar experiências intelectuais e pessoais, as quais foram fundamentais para me moldar enquanto profissional e ser humano.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é compreender como a construção com sintagma nominal sujeito adjacente ao pronome correferente é usada em português brasileiro. Em português brasileiro, a literatura acerca dessa construção tem o seu princípio em Pontes (1987), que, apoiada em Ross (1967), para o inglês, a considera como deslocamento à esquerda de sujeito, uma construção de tópico-comentário caracterizada por admitir a presença de um pronome-cópia e favorecer a pausa entre sintagma inicial e o pronome. Outros autores também seguem a mesma linha de Pontes (cf. Callou *et al.*, 2002[1993]; Duarte, 1995; 2000; Britto, 1998; Moraes e Orsini, 2003; Duarte e Soares da Silva, 2016), porém há alguns que diferenciam as construções com deslocamento à esquerda de sujeito das construções com redobro de sujeito (cf. Costa, Duarte e Silva, 2004; Quarezemin, 2018; 2019) pautados especialmente na ausência de ruptura prosódica entre o sintagma sujeito e o pronome. Neste trabalho, investigamos as ocorrências da construção com sintagma nominal seguido imediatamente pelo pronome correferente encontradas em uma amostra de *corpus* de língua falada pelos aspectos prosódicos (presença ou ausência de pausa entre o sintagma nominal e o pronome), sintáticos e informacionais/discursivos. Os resultados das análises dos dados nos mostram que a construção é frequente e que, contrariando a literatura, a maioria das ocorrências não registra pausa entre o sintagma sujeito e o pronome. Ao contrapor as construções com pausa prosódica com as sem pausa, descobrimos que os referentes destas podem veicular informação nova e ser referentes não ativados no contexto discursivo, enquanto os referentes daquelas não podem. Diante disso, as construções com pausa se comportam como um deslocamento à esquerda de sujeito, ao passo que as sem pausa são inovadoras, por não ter obrigatoriamente propriedades de tópico, e precisam ser consideradas como uma possibilidade de manifestação do sujeito no português brasileiro atual, a duplicação de sujeito via pronome.

Palavras-chave: Duplicação de sujeito. Deslocamento à esquerda de sujeito. Português brasileiro.

ABSTRACT

The goal of this dissertation is to investigate how the construction with subject noun phrase adjacent to the co-referent pronoun is used in Brazilian Portuguese. In Brazilian Portuguese, the pioneering work was Pontes (1987), who, supported by Ross (1967), for English, considers this kind of construction to be a left dislocation of subject, a topic-commentary construction characterized by admitting the presence of a copy-pronoun and by favoring the pause between the initial phrase and the pronoun. Other authors also follow the same line as Pontes (cf. Callou *et al.*, 2002[1993]; Duarte, 1995; 2000; Britto, 1998; Moraes and Orsini, 2003; Duarte and Soares da Silva, 2016), but some differentiate constructions with left dislocation of subject from constructions with double subject (cf. Costa, Duarte and Silva, 2004; Quarezemin, 2018; 2019) based especially on the absence of a prosodic pause between the subject phrase and the pronoun. In this work, we investigate the occurrences of the construction with noun phrase followed immediately by the co-referent pronoun found in a sample of spoken language corpus. We focus on prosodic (presence or absence of pause between noun phrase and pronoun), syntactic and informational/discursive aspects. The results of data analysis show us that construction is frequent and that, contrary to the literature, most occurrences do not register a pause between the subject phrase and the pronoun. By contrasting the constructions with the prosodic pause with those without a pause, we found that the first can convey new information, while the latter cannot. Therefore, constructions without pause are innovative, as they do not necessarily have topic properties, and need to be considered as a possibility of manifestation of the subject in current Brazilian Portuguese, the subject duplication via pronoun.

Keywords: Subject duplication. Left dislocation of subject. Brazilian Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Praat “O meu irmão ele tem oito anos” [INF77]	82
Figura 2 – Praat “O meu pai ele trabalha com: com publicidade” [INF77]	82
Figura 3 – Planilha de análise dos dados	83
Figura 4 – Praat “A minha mãe ela é professora de inglês” [INF24]	86
Figura 5 – Praat “Queijo camembert ele vira um molho da massa” [INF48]	86
Figura 6 – Praat “O meu marido, ele é motoboy” [INF06]	87
Figura 7 – Praat “O meu marido, ele fuma onde ele tá” [INF06]	88
Figura 8 – Praat “Porto Alegre, ela tem mais essa diversi/diversidade” [INF48]	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrências de pausa após SN sujeito, SN DE e SN TOP.....	65
Gráfico 2 – Padrões entoacionais das construções	65
Gráfico 3 – Distribuição entre presença de pausa e ausência de pausa total.....	85
Gráfico 4 – Informação velha <i>versus</i> informação nova nas construções com pausa	99
Gráfico 5 – Informação velha <i>versus</i> informação nova nas construções sem pausa.....	100
Gráfico 6 – Distribuição das construções pelos gêneros dos informantes	107
Gráfico 7 – Distribuição das construções pelas faixas etárias dos informantes	108
Gráfico 8 – Distribuição das construções pelos níveis de escolaridade dos informantes.....	109
Gráfico 9 – Distribuição das construções pelas zonas dos informantes	110
Gráfico 10 – Distribuição das construções pelo estrato social dos informantes	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Paradigmas flexionais do português brasileiro em três tempos.....	31
Quadro 2 – Definição de sujeito pela gramática tradicional, descritiva e gerativa	33
Quadro 3 – Modo pragmático <i>versus</i> modo sintático.....	40
Quadro 4 – Topicalização <i>versus</i> Deslocamento à esquerda.....	47
Quadro 5 – Configurações sintáticas de juízos categórico e tético em PE e PB	69
Quadro 6 – Padrões prosódicos nas construções examinadas por Moraes e Orsini (2003) .	72
Quadro 7 – Informações sociolinguísticas dos informantes	79
Quadro 8 – Resumo dos aspectos sociolinguísticas favorecedores das construções.....	111
Quadro 9 – Resumo de todos os aspectos analisados	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Combinações categoriais dos elementos DE e dos co-indexados	62
Tabela 2 – Distribuição da possibilidade de ocorrências de pausa em DE e TOP	63
Tabela 3 – Relação entre padrões prosódicos e ocorrência de pausa em DE e TOP.....	64
Tabela 4 – Referência do duplo sujeito por faixa etária	67
Tabela 5 – Tempo de duração da pausa em milissegundos	87
Tabela 6 – Composição do sintagma nominal total.....	90
Tabela 7 – Composição do sintagma nominal nas construções sem e com pausa	91
Tabela 8 – Os pronomes correferentes das construções	93
Tabela 9 – O tipo oracional das construções	94
Tabela 10 – Traços semânticos dos SNs	97
Tabela 11 – Informação velha <i>versus</i> informação nova total	98
Tabela 12 – Graus de ativação do SN	102
Tabela 13 – Contraste do SN	104
Tabela 14 – Informantes e as ocorrências de construções sem e com pausa	106

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

- AP – Sintagma adjetival (abreviação do inglês *Adjectival Phrase*)
- Art – Artigo
- CP – Sintagma complementizador (abreviação do inglês *Complementizer Phrase*)
- D2 – Diálogo entre dois informantes
- DE – Deslocamento à esquerda
- DID – Diálogo entre o informante e o documentador
- DP – Sintagma determinante (abreviação do inglês *Determiner Phrase*)
- EF – Elocução formal
- EPP – Princípio de Projeção Estendido (abreviação do inglês *Extended Projection Principle*)
- GT – Gramática tradicional
- IP – Sintagma flexional (abreviação do inglês *Inflectional Phrase*)
- NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira
- NP – Sintagma nominal (abreviação do inglês *Noun Phrase*)
- NURC – Projeto da Norma Urbana Linguística Culta
- PB – Português brasileiro
- PE – Português europeu
- PP – Sintagma preposicionado (abreviação do inglês *Prepositional Phrase*)
- SN – Sintagma Nominal
- Spec – Especificador (abreviação do inglês *Specifier*)
- SubjP – Sintagma sujeito (abreviação do inglês *Subject Phrase*)
- SV – Sintagma verbal
- TOP – Topicalização
- TopP – Sintagma tópico (abreviação do inglês *Topical Phrase*)
- TP – Sintagma de tempo (abreviação do inglês *Tense Phrase*)
- V – Verbo
- VP – Sintagma verbal (abreviação do inglês *Verb Phrase*)
- ΣP – Sintagma sigma (abreviação do inglês *Sigma Phrase*)
- ∅ – Categoria vazia

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1 O sujeito lexicalmente realizado	19
1.1.1 Pela tradição gramatical	19
1.1.2 Pela real descrição gramatical	22
1.1.3 Pela reinvenção gramatical.....	27
1.1.4 Resumo.....	33
1.2 O tópico no português brasileiro	34
1.2.1 Resumo.....	55
1.3 Deslocamento à esquerda ou redobro de sujeito	57
1.3.1 Resumo.....	75
2 PRÉ-ANÁLISES	78
2.1 O corpus LínguaPOA	78
2.2 Metodologia	80
3 ANÁLISES	84
3.1 Aspectos prosódicos	84
3.1.1 Com pausa ou sem pausa entre o SN e o pronome correferente?	85
3.1.2 Qual o tempo de duração da pausa entre o SN e o pronome correferente?.....	86
3.2 Aspectos sintáticos	89
3.2.1 Qual é a forma do sintagma nominal nas construções?	89
3.2.2 Todo o sintagma nominal é definido?.....	92
3.2.3 Quais são os pronomes usados na construção?	92

3.2.4 A construção é utilizada em quais orações?.....	93
3.2.5 E a estrutura sintática?.....	94
3.3 Aspectos informacionais e discursivos	96
3.3.1 Qual o valor dos traços [+/-específico] e [+/-humano] dos SNs?	97
3.3.2 O SN é um referente que veicula informação velha na entrevista?	98
3.3.3 A estrutura marca uma continuidade discursiva ou ruptura?	100
3.3.4 O SN está envolvido em alguma relação de contraste?	104
3.4 Aspectos sociolinguísticos	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

A presente dissertação se propõe a investigar a construção de sintagma nominal sujeito adjacente ao pronome correferente no português brasileiro (PB). Sob um olhar analítico, nos preocupamos em investigar o fenômeno quanto aos aspectos prosódicos, sintáticos e informacionais/discursivos. O objetivo principal desta dissertação é compreender como a estrutura é usada e se há contextos favorecedores. Este objetivo se justifica pela necessidade de descrever e explicar a construção especializada para o sujeito da estrutura sentencial, que é utilizada, principalmente, no português brasileiro falado.

Tradicionalmente, o sujeito no português pode ser explicitado pelo menos de três formas: pelo sintagma nominal, pelo pronome ou somente pela flexão verbal:

- (1) a. A Maria comprou uma casa.
- b. Ela comprou uma casa.
- c. Ø Comprou uma casa.

No entanto, no início da década de 1980, foram observadas outras manifestações do sujeito no PB, que inicialmente foram denominadas como construções de tópico, de acordo com Pontes (1987, p. 12 e 19):

- (2) a. Os livros, eles estão em cima da mesa.
- b. Eu, eu não quero saber dela.
- c. Essas regras, sejam da base, sejam da ES, elas são construídas...

Essas ocorrências de fala espontânea são classificadas como um tipo de construção de tópico por Pontes: “deslocamento à esquerda de sujeito”. Assim como acontece com o sujeito, em PB é possível deslocar qualquer sintagma para a esquerda, esteja ele em função de objeto, complemento nominal ou adjunto. Basicamente, o que irá caracterizar o deslocamento à esquerda para Pontes é a autorização, e até um certo favorecimento, de um pronome no lugar originário do sintagma e a presença de uma pausa na segmentação prosódica entre o que foi deslocado e o restante da sentença. Nos exemplos acima, então, há um sintagma nominal deslocado e um pronome correferente a ele na posição de sujeito da sentença (2a), um pronominal sendo referido pelo mesmo pronominal (2b) e um sintagma nominal encabeçado

por um pronome demonstrativo sendo retomado pelo respectivo pronome após duas orações intervenientes (2c).

Durante os quarenta anos que separam o princípio das pesquisas de Pontes e esta dissertação, as ocorrências de deslocamento à esquerda de sujeito foram discutidas em diversos estudos. Alguns deles são Callou *et al.* (2002[1993]), um precursor por analisar o deslocamento à esquerda e a topicalização através da interface sintaxe-prosódica, e os clássicos de Duarte (1995; 2000), nos quais a autora associa as construções de “duplo sujeito” à perda do Princípio “Evite Pronome”¹ e considera que a existência de tais construções é uma indicação de que o português brasileiro está em processo de transição para ser caracterizado como uma língua de sujeito preenchido, ou seja, não *pro-drop*.

No decorrer dos anos, a construção que foi denominada inicialmente como deslocamento à esquerda de sujeito (cf. Pontes, 1987, Callou *et al.*, 2002) se tornou sinônima de “duplo sujeito” (cf. Duarte, 1995; 2000) e, mais recentemente, é distinguida do redobro do sujeito (cf. Costa, Duarte e Silva, 2004; Quarezemin, 2018; 2019), em que não há nenhum tipo de deslocamento. Em geral, a literatura considera todas as manifestações do sujeito expostas em (2) e não aprofunda a discussão acerca dos aspectos prosódicos e informacionais/discursivos. Diante disso, neste trabalho, voltamos nossas análises prosódicas, sintáticas e informacionais/discursivas exclusivamente para as ocorrências com sintagma nominal, que tem um nome como núcleo, como sujeito pré-verbal, seguido imediatamente de pronome correferente, como o exemplo em (2a), que foram encontradas em um *corpus* de língua falada, o LínguaPOA.

As hipóteses que subjazem esta dissertação são as seguintes:

- (i) esperamos encontrar as referidas construções com pausa prosódica entre o sintagma nominal e o pronome correferente que o segue imediatamente;
- (ii) acreditamos que também encontraremos construções sem pausa prosódica entre o SN e o pronome;
- (iii) as construções com e sem pausa terão “usos” diferentes, ou seja, deve haver alguma relação entre forma prosódica e sentido/significado.

¹ Conforme Chomsky, em 1981: “Principle [*Avoid Pronoun*] might be regarded as a sub case of a conversational principle of not saying more than is required, or might be related to a principle of deletion-up-to-recoverability, but there is some reason to believe that it functions as a principle of grammar” (CHOMSKY, 1988[1981], p. 65).

Quanto à estruturação, a dissertação está organizada em três seções, além desta Introdução e das Considerações Finais. No primeiro capítulo, será exposta a fundamentação teórica utilizada para o presente estudo, partindo da definição, ou das definições, de sujeito e do pioneiro trabalho de Pontes acerca das construções de tópico no português brasileiro para, então, focalizar exclusivamente na literatura acerca das construções com sintagma nominal sujeito seguido imediatamente pelo pronome que o refere. No segundo capítulo, como pré-análise, serão apresentados o *corpus* utilizado e a metodologia empregada na pesquisa. Já o terceiro capítulo será dedicado exclusivamente à exposição das análises em si, quanto aos aspectos prosódicos, sintáticos, informacionais/discursivos e sociolinguísticos das construções que encontramos no *corpus*. Por fim, retomaremos os principais resultados obtidos nas Considerações Finais do estudo.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O sujeito lexicalmente realizado

O sujeito pode ser lexicalmente realizado em português brasileiro através de pelo menos três formas: por sintagma nominal, por pronome ou somente pela flexão verbal, conforme já apresentamos em (1), retomado aqui para conveniência do leitor:

- (1) a. A Maria comprou uma casa.
b. Ela comprou uma casa.
c. Ø Comprou uma casa.

Neste capítulo, apresentaremos três grandes perspectivas de definição e manifestação do sujeito. Algumas definições são simples, mais taxativas e pouco variáveis entre si, elas estão presentes nas gramáticas tradicionais (aquelas que se preocupam com a sistematização e registro da língua culta escrita, tendo como base especificamente o registro de escritores conceituados). Outras, porém, reconhecendo as limitações destas últimas, tratam de definições, ou melhor, descrições do sujeito baseadas na língua tal qual é produzida realmente. Finalmente, as definições e as formas de manifestação do sujeito se completam com o estudo das propriedades sintáticas presente em um modelo teórico formal de gramáticas.

1.1.1 Pela tradição gramatical

O filólogo brasileiro e sintaticista Manuel Said Ali, em sua *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*, de 1923, define o seguinte: “Sujeito denota o ser a propósito do qual se declara alguma coisa. É expresso por um nome ou um pronome” (SAID ALI, 1966[1923], p. 105), em oposição ao Predicado, “aquilo que se declara do sujeito” (Ibid., p. 106), tal qual as definições presentes na 9ª edição da obra atualizada por Adriano da Gama Kury, de 1966. As

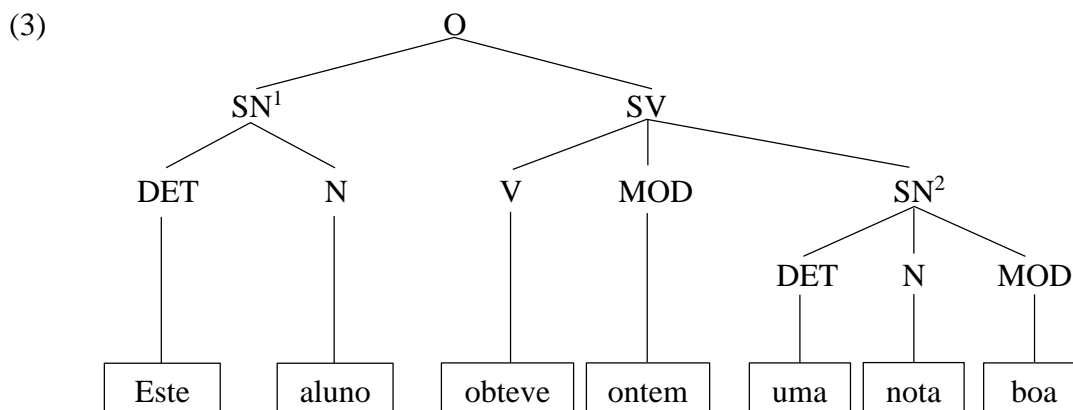
normas da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) seguem o mesmo viés de Said Ali ao estabelecer: “Sujeito - ser de que se afirma alguma coisa”, conforme Nascentes (1946, p. 186)².

Um pouco mais tarde, em 1961, surge a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, dedicada à memória de seu mestre, Said Ali. Ao comparar com a já referida gramática de Said Ali, que foi estruturada em três grandes partes: Fonética, Morfologia (substituindo o título Lexeologia no original de 1923) e Sintaxe, a “modernidade” da gramática de Bechara está no fato do autor dissertar sobre algumas noções de fonêmica, semântica e estilística, englobando até a versificação e a rima em análises literárias.

Bechara (1961) segue a NGB, mas não se apega somente ao que foi definido por ela. Os termos essenciais da oração são inicialmente definidos pelo autor como “sujeito: ser de quem se declara alguma coisa” e “predicado: aquilo que se declara na oração” (BECHARA, 1961, p. 223). Em seguida, tratando especificamente de cada termo, o sujeito é definido como “o termo da oração que denota a pessoa ou coisa de que afirmamos ou negamos uma ação, estado ou idade” (Ibid., p. 228), podendo estar “elítico” ou “oculto” quando incluído na desinência verbal.

Já em 1985, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, não trouxe nenhuma novidade para a definição do sujeito da oração com: “sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 119). O diferencial desta gramática para a de Said Ali (1966[1923]) e de Bechara (1961) está em dois pontos principais. O primeiro diz respeito à obra como um todo, que surge com o intuito de descrever a unidade oriunda das três línguas portuguesas (a dos portugueses, a dos brasileiros e a dos africanos) com uma gramática e estilística do português contemporâneo, mas ainda levando em conta a “norma”. O segundo, especificamente sobre o sujeito, está na consideração de que o sujeito lexical é um sintagma nominal (SN), cujo núcleo é um substantivo (N), que admite a presença de determinantes (DET) e modificadores (MOD). Um esquema oracional é apresentado pelos autores (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 121) dessa forma:

² A respeito da definição do sujeito como “ser”, não é possível considerar como uma propriedade, que às vezes é até tida como determinadora (por exemplo, nos anos iniciais da trajetória escolar), ao pé da letra. Nas próprias sentenças de Said Ali usadas para exemplificar sua definição os sujeitos expressos são “Júlio” e “Alfredo [+humano], “leão” [-humano][+animado], “férias” [-humano][-animado] e “Deus”.



Os autores, especialmente Cunha, que foi o responsável pela redação do capítulo em que se encontra a definição de sujeito, consideram que nem sempre o sujeito está “materialmente expresso”, o que nomeiam como “orações elípticas”. Nestes casos, o sujeito é indicado apenas pela desinência verbal, com verbos na 1ª ou 2ª pessoas, ou até mesmo pela presença do sujeito em uma oração anterior. Se expresso, é posicionado, quando em “ordem direta e lógica do enunciado” (Ibid., p. 120), à esquerda do verbo. Em termos de classes de palavras, os sujeitos de verbos conjugados na 3ª pessoa podem possuir como núcleo: um substantivo, pronomes pessoais de 3ª pessoa, singular ou plural, outros pronominais, um numeral, uma palavra ou expressão substantiva ou uma oração subjetiva.

Em 1999, Bechara revisou e ampliou a sua *Moderna Gramática Portuguesa*, obra composta somente por dois prefácios, o da 1ª edição em 1961 e o da 37ª edição em 1999, permanecendo este até os dias atuais. Agora, a “função sintático-semântica chamada sujeito”, conforme as palavras do autor, é definida como a “unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração” (BECHARA, 2006, p. 409), sendo que a “explicitação léxica” do sujeito está normalmente incluída no morfema número-pessoal. Nesta versão atualizada, que na verdade pode muito bem ser vista como uma nova gramática, o autor considera que não é possível falar de elipse do sujeito, de maneira rigorosa, quando aparece somente o núcleo verbal da oração, pois o sujeito estará representado pela flexão verbal (de todas as pessoas, inclusive pela 3ª pessoa, do singular ou plural). Ainda em Bechara, está evidenciada a caracterização do sujeito como uma noção gramatical, em oposição à noção semântica, ou seja, nem sempre será o *agente* do processo verbal.

Todas as obras referidas até o momento são “gramáticas tradicionais” dedicadas ao ensino da língua portuguesa, especialmente aos anos escolares. A primeira, a de Said Ali (1966[1923]) apresenta até exercícios ao final de cada seção conforme os professores devem passar a seus alunos; a segunda, a de Bechara (1961) já apresenta na própria capa a indicação

para “cursos de 1º e 2º graus”; a terceira, a de Cunha e Cintra (1985), apesar de ser definida pelos autores como uma descrição do português contemporâneo das nações lusófonas, segue a mesma orientação de uma gramática tradicional (GT), pela centralidade das classes gramaticais e pelos exemplos de escritores renomados, sob o objetivo de ser um “guia orientador de uma expressão oral e, sobretudo, escrita que, para o presente momento da evolução da língua, se pudesse considerar ‘correta’” (Ibid., p. XIII); a quarta, a segunda de Bechara (2006[1999]) anuncia a preocupação em aliar “uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa” (Ibid., p. 20).

As duas últimas gramáticas foram distribuídas pelo Ministério da Educação, através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, e serviram, e ainda servem, de base para inúmeros livros didáticos. Inclusive, é notória a interferência da “nova” gramática de Bechara, de 1999, nas definições de sujeito presentes nos livros didáticos, o que podemos perceber ao contrapor dois livros indicados para o 2ª ano. Como exemplo, no livro de Nicola (1993), o sujeito é apresentado como “o tema do que se vai comunicar; o ser de quem se declara algo” (NICOLA, 1993, p. 224), ou seja, lembra totalmente a definição de “sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 119). Já em Amaral *et al.* (2010) a definição é bem distinta, pois é posto que o sujeito é “o termo da oração com o qual o verbo estabelece concordância de pessoa (1ª, 2ª e 3ª) e número (singular, plural)” (AMARAL *et al.*, 2010, p. 346). Esta é uma definição parecida com o que está presente na segunda gramática de Bechara, em que, sintaticamente, a “explicitação léxica” do sujeito está incluída no morfema número-pessoal do núcleo verbal da oração (BECHARA, 2006, p. 409). Ambas as gramáticas são referidas nos respectivos livros didáticos.

1.1.2 Pela real descrição gramatical

Mário Perini é um linguista de referência quando o assunto é a descrição gramatical, arriscamos afirmar até que ele é “a referência” da gramática descritiva do português brasileiro. Como o autor apresenta, uma gramática descritiva se preocupa em descrever a gramática internalizada, isto é, a parte do nosso conhecimento de mundo que governa o uso da língua (PERINI, 2006, p. 23-4). Em sua primeira gramática, *Gramática Descritiva do Português*, em 1995, dividida em três grandes partes: Sintaxe, Semântica e Lexicologia, Perini já demonstrava

a preocupação em reconhecer como “padrão” o que estava presente em textos modernos, e não o padrão artificial apresentado nas gramáticas tradicionais.

Nesta obra, o sujeito é definido formalmente na parte “Sintaxe” como “o termo da oração que está em relação de concordância com o NdP[verbo]” (PERINI, 2005[1995], p. 77), com a ressalva de que esta definição “não diz nada a respeito do papel semântico ou discursivo do termo” (Ibid., p. 77), o que é explorado na próxima parte da obra. O autor muito bem explica que, se houver dúvidas em identificar qual constituinte é o sujeito da oração, alterar os traços de número de cada constituinte (um de cada vez) irá indicar qual está desempenhando a função de sujeito, pois automaticamente afetará a forma do verbo. Para o autor, o sujeito pode ser retomado por pronome em caso reto e, pela definição apresentada, ele se considera obrigado a analisar casos de sujeito exposto somente pela flexão verbal como orações “sem sujeito”, o que a GT nomeia como “sujeito oculto”.

O sujeito também é explorado na parte “Semântica” da obra de Perini (2005[1995]), especificamente na abordagem dos papéis semânticos, que diz respeito “às relações de significado expressas pelas funções sintáticas em si, independentemente de seu preenchimento léxico” (Ibid., p. 260). Dessa forma, é posto que se interpreta o sujeito como agente (4a), instrumento (4b) ou paciente (4c), nesta ordem de preferência (Ibid., p. 266), sendo que o papel semântico de agente precisa ser manifesto por um ente animado.

- (4) a. Sueli quebrou a vidraça com este martelo.
b. Este martelo quebrou a vidraça.
c. A vidraça quebrou.

(PERINI, 2005[1995], p. 262-7)

A abordagem dos papéis semânticos feita por Perini é importante para considerarmos a aceitabilidade de uma sentença, além de sua gramaticalidade. Bechara, na sua gramática revisada de 1999 (ou seja, já com o lançamento da gramática de Perini), até considera a função semântica de agente e paciente para o sujeito, mas em passagens muito breves, não era o “foco” da discussão. Já o que Perini (2005[1995]) faz é considerar os papéis semânticos também como pontos centrais e concomitantes às funções sintáticas.

Em 2010, Ataliba Castilho lança a *Nova Gramática do Português Brasileiro* rompendo com a tradição de ter como base as obras escritas, sejam elas ficcionais ou modernas, ao considerar a “conversação falada” como referência para a sua gramática. Outra ruptura está na organização da obra, pois ao invés de separar os capítulos conforme a área, como fizeram os

autores anteriores, Castilho, no capítulo “Estrutura funcional da sentença”, dedica um subcapítulo inteiro para o sujeito e ainda o divide conforme as propriedades sintáticas, discursivas e semânticas do sujeito.

Castilho apresenta as propriedades sintáticas do sujeito da seguinte forma: o sujeito “(i) é expresso por um sintagma nominal; (ii) figura habitualmente antes do verbo; (iii) determina a concordância do verbo; (iv) é pronominalizável por ele; e (v) pode ser elidido” (CASTILHO, 2014[2010], p. 289), podendo ser expresso por: expressão nominal, expressão pronominal, toda uma sentença ou um zero sintático. Logo, o autor considera este último, o zero sintático, ou a flexão verbal, também como uma forma de expressão do sujeito, marcando até a categoria vazia/anáfora-zero iconicamente (com \emptyset). Quanto à posição, para Castilho, o sujeito expresso pode estar anteposto (ordem direta, lógica, pela GT)³ ou posposto ao verbo (ordem inversa, irregular, pela GT). Já especificamente sobre o sujeito e a categoria vazia, o autor considera as pesquisas sobre o PB se incluir nas línguas de Parâmetro *pro-drop*, citando até interpretações gerativista e funcional-variacionista, mencionando as que relacionam a morfologia verbal pobre do PB atual com a retenção do sujeito na língua.

Já pelo ponto de vista discursivo, a sentença é considerada como o “lugar da informação” pelo autor. De acordo com Castilho, por essa perspectiva “o sujeito é aquele ou aquilo de que se declara algo. Ele é o ponto de partida da predicação, é seu tema” (CASTILHO, 2014[2010], p. 295), tal percepção frequente na GT é oriunda da Escola de Praga, segundo o autor. Em seguida, Castilho expõe duas estratégias discursivas interessantes utilizadas pelos falantes do PB para dar existência ao sujeito da oração: a primeira é a sondagem psicopragmática do tema-sujeito, que ocorre quando o substantivo não é verbalizado e há somente o determinante, o que o autor chama de “sintagma nominal que não deu certo”; e a segunda diz respeito à constituição do tema-sujeito por derivação do rema - quando o rema é imediatamente recategorizado como tema-sujeito. O autor apresenta exemplos extraídos do *corpus* do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), de 1969, para cada uma delas⁴ e ainda questiona se, considerando a articulação tema-remas, o tema será sempre sujeito. Esta

³ Para Castilho (2014[2010], p. 291), a ordem SV é favorecida pelo SN que apresenta as seguintes propriedades: (i) foneticamente “leve”, isto é, que contenha até 7 sílabas; (ii) sintaticamente construído com Especificadores à esquerda do núcleo e por Complementadores à direita; (iii) semanticamente não específicos e agentivos; (iv) informacionalmente já conhecidos; (v) textualmente já mencionados.

⁴ Exemplos das duas estratégias discursivas mencionadas por Castilho (2014[2010], p. 295, grifos do autor):

1ª. *agora o:: o:: eu não sei bem por que que chamavam colonos.* (DID SP 18);

2ª. *só depende da temperatura, mas **a temperatura muda*** (EF RJ 251).

correspondência só irá acontecer quando “o tema tem alta topicidade” (cf. Votre; Naro, 1989 *apud* Castilho, 2014[2010], p. 296).

Na continuidade, Castilho se dedica à propriedade semântica do sujeito, que é identificado basicamente pela propriedade semântica de agentividade por ser “o responsável pela ação expressa pelo verbo” (CASTILHO, 2014[2010], p. 296). No entanto, o autor também considera que nem sempre o sujeito será o agente da ação verbal, como acontece, por exemplo, com o sujeito de verbos intransitivos, psicológicos e na voz passiva. Castilho exhibe algumas discussões em torno da caracterização semântica do sujeito, sendo elas: (i) animacidade/não-animacidade - os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas do discurso são sempre animados, enquanto a 3ª pessoa é variável; (ii) referencialidade/não-referencialidade, questão que está ligada a (iii) determinação/indeterminação do sujeito - um sujeito referencial é marcado por sua definitude.

Em 2016, Perini lança a *Gramática Descritiva do Português Brasileiro*. Como o autor mesmo apresenta no prefácio, esta obra é uma introdução ao estudo científico da língua com base no português falado, o que a difere da já referida *Gramática Descritiva do Português* (PERINI (2005[1995]) que tinha por base os textos. Após conceituar o que é uma oração, Perini (2016) explora então a noção de sujeito observando que “um dos papéis temáticos associados ao verbo pode ser elaborado duas vezes [...]: por um dos SNs presentes na oração, e, redundantemente, pelo sufixo de pessoa-número do verbo” (p. 93). Como os exemplos extraídos do autor, em (5a) o papel temático de agente é redundantemente marcado pelo SN “eu” e pela flexão, então é possível omitir o SN, como em (5b). Já o mesmo não acontece com a dupla (5c) e (5d), pois o agente do sufixo do verbo de 3ª pessoa do singular pode ser qualquer pessoa (“você”, “meu tio”, “ele”, “a gente”), exceto “eu”, e acrescentamos “nós”.

- (5) a. Eu vendi um lote.
b. Vendi um lote.
c. Meu tio vendeu um lote.
d. *Vendeu um lote.

(PERINI, 2016, p. 93-4)

A partir dos exemplos, Perini (2016) apresenta o que define por sujeito: “SN inicial que aparece logo antes do verbo” (Ibid., p. 95). Dessa forma, (5b), apesar de ter o agente marcado pela flexão verbal, não tem sujeito, já que não há nenhum SN antecedendo o verbo - em Perini (2005[1995]) já estava presente a concepção de orações “sem sujeito”, que são chamados de orações com “sujeito oculto” na GT. Na sequência, o autor apresenta a noção de sujeito

concomitante ao papel temático de agente, porém, em seguida, ressalta que nem sempre o sujeito é agente. O autor considera que o sujeito também pode indicar o papel temático de paciente - “a pessoa que sofreu o processo descrito pelo verbo” (PERINI, 2016, p. 95) ou possuidor, dentre outros.

Perini (2016) também investiga como o usuário da língua identifica o sujeito. De acordo com o autor, o usuário se baseia pela sequência de palavras que é recebida e pela valência do verbo. Assim, por exemplo, faz parte do conhecimento de mundo do usuário que o verbo “machucar” precisa de sujeito e objeto direto, mas os papéis temáticos só serão atribuídos pela ordem dos termos. Contudo, o autor apresenta uma regra de identificação de sujeito que não necessite utilizar os papéis temáticos por considerar que antes de atribuir o papel temático é preciso identificar qual SN é o sujeito. A regra, especificamente para períodos simples e casos sem redução anafórica, é exposta a seguir:

Regra de identificação do sujeito

Condição prévia: o sujeito é um SN cuja pessoa e número sejam compatíveis com a pessoa e número indicados pelo sufixo de pessoa-número do verbo.

(i) Se na oração só houver um SN nessas condições, esse SN é o sujeito.

(ii) Se houver mais de um SN, então o sujeito é o SN que precede imediatamente o verbo.

(iii) Se o SN que precede o verbo for um clítico (*me, te, nos, se*), ele não conta, e o sujeito é o SN precedente. (PERINI, 2016, p. 97, grifos do autor)

De acordo com esta regra de identificação do sujeito, se houver só um SN compatível com o sufixo do verbo, a flexão verbal, ele será o sujeito, independente de estar posicionado antes ou após o verbo, como acontece com os casos de verbos intransitivos. Já se houver mais de um SN, o sujeito será o SN que precede o verbo e, se o precedente do verbo for um clítico, o sujeito será o SN anterior. Enfim, a regra exposta acima serve para distinguir qual SN é o sujeito da oração e nada diz a respeito do papel temático, o que, conforme o autor, depende do verbo e de sua respectiva valência.

1.1.3 Pela reinvenção gramatical

A reinvenção da gramática começa com “a reinvenção da linguística”⁵ feita por Noam Chomsky na segunda metade do século XX, dando início à Linguística Gerativa. Ao invés de trabalhar com prescrições ou noções de certo/errado, como as gramáticas tradicionais (cf. 1.1.1), ou somente descrever e agrupar dados, como as gramáticas descritivas (cf. 1.1.2), a Linguística Gerativa encara a gramática como um mecanismo formal de produção de todas as sentenças de uma língua, conforme é exposto no primeiro parágrafo do primeiro livro de Chomsky:

A sintaxe é o estudo dos princípios e dos processos por meio dos quais as sentenças são construídas em línguas particulares. O estudo sintático de uma determinada língua tem como objetivo a construção de uma gramática que pode ser encarada como algum tipo de mecanismo de produção das sentenças da língua sob análise. De maneira mais geral, os linguistas devem se dedicar à tarefa de determinar quais as **propriedades básicas fundamentais de gramáticas adequadas**. O resultado final destas investigações deveria ser uma **teoria da estrutura linguística** em que os recursos descritivos utilizados em gramáticas particulares são apresentados e estudados abstratamente, sem que se faça referência específica a línguas particulares. Uma função desta teoria é fornecer **um método geral para selecionar uma gramática para cada língua**, dado um *corpus* de sentenças da língua. (CHOMSKY, 2015[1957], p. 15, grifos nossos)

De acordo com a citação, a gramática de uma língua é construída a partir de estudos sintáticos, uma abordagem sintaticocêntrica, e o linguista/sintaticista é colocado na mesma posição que, por exemplo, um químico, biólogo ou físico, pois precisa determinar quais são as “propriedades básicas fundamentais de gramáticas adequadas”. Nesse viés, o sintaticista primeiramente precisa separar o que é fenômeno sintático do que não é, depois o descrever para, por fim, desenvolver uma hipótese explicativa para o fenômeno considerando o conhecimento que o falante possui sobre a sua língua, denominada posteriormente como língua-I (língua interna), em oposição a língua-E (externa e extensional) (CHOMSKY, 1994[1986]). A língua-I, o conhecimento linguístico presente no cérebro humano, é formada a partir das informações presentes na língua-E, o código linguístico, esta última diz respeito à concepção de “língua” comumente entendida como “idioma”.

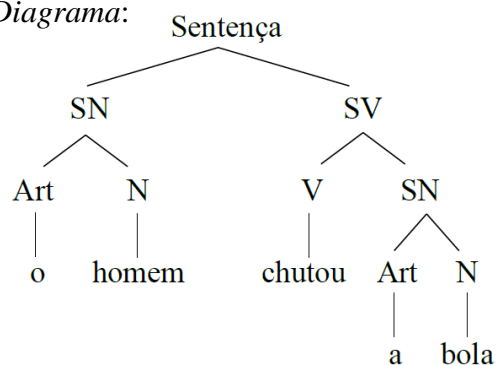
⁵ Alusão ao livro *Chomsky: a reinvenção da linguística*, organizado por Gabriel de Ávila Othero e Eduardo Kenedy (2019).

A “teoria da estrutura linguística” começa a ser desenvolvida na concepção de estrutura sintagmática com a análise dos constituintes, por exemplo, a sentença (6a) é analisada pelas regras expostas em (6b) e pode ser representada pelo diagrama (6c):

(6) a. *Sentença*: O homem chutou a bola.

- b. *Regras*:
- (i) $Sentença \rightarrow SN + SV$
 - (ii) $SN \rightarrow Art + N$
 - (iii) $SV \rightarrow Verbo + SN$
 - (iv) $Art \rightarrow o, a$
 - (v) $N \rightarrow homem, bola$
 - (vi) $Verbo \rightarrow chutar$

c. *Diagrama*:



(CHOMSKY, 2015[1957], p. 37)

O conjunto de regras em (6b) é concebido como um modelo de gramática pressuposto em uma descrição no nível sintático. A partir das regras, os constituintes da sentença podem ser reescritos, derivados, em que primeiro a sentença (6a) é reescrita pelo sintagma nominal e pelo sintagma verbal (sujeito e predicado, respectivamente), passando então a desmembrar cada sintagma, reescrevendo um constituinte por vez. O diagrama em (6c) não é tão informativo quanto uma derivação baseada nas regras em (6b), já que não expõe a ordem das regras aplicadas aos constituintes da sentença, porém ele conserva as informações essenciais da estrutura sintagmática.

Alguns anos depois, para sanar alguns problemas com a proposta de gramática das regras sintagmáticas que estava gerando, também, sentenças não presentes nas línguas naturais, surge a Teoria X-barras. De acordo com a Teoria, a projeção da informação categorial é única e válida para todos os constituintes, em todos os sintagmas, primeiro o núcleo X se combina com o complemento e produz uma categoria intermediária X' (X-barras) que, por sua vez, se combina com o especificador para formar a projeção máxima do núcleo, o XP (cf. Chomsky, 2015[1957], p. 87). O “X” é alterado pela classe do núcleo e também determina o tipo de sintagma na projeção intermediária e na máxima. Como pode ser percebido pela descrição acima, nesta teoria a formulação é feita de baixo para cima, ao invés de de cima para baixo como nas estruturas sintagmáticas (cf. 6c).

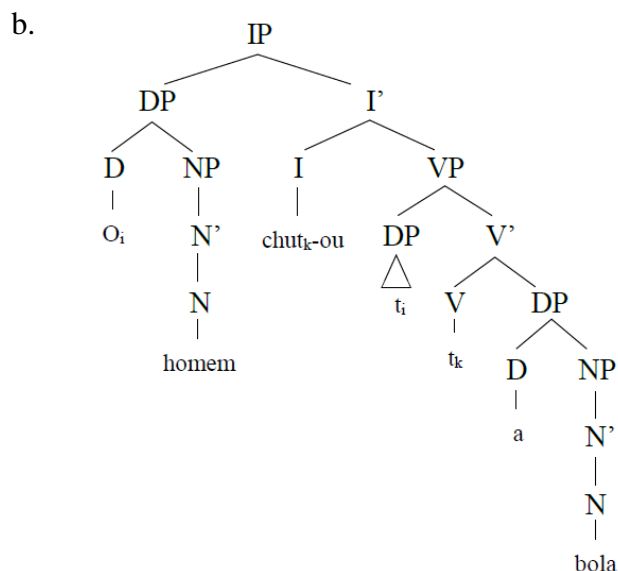
Inicialmente, a teoria foi pensada somente para núcleos lexicais: nome (sintagma nominal, NP), verbo (sintagma verbal, VP), preposição (sintagma preposicionado, PP) e adjetivo (sintagma adjetival, AP), no entanto ela foi ampliada para englobar núcleos funcionais,

por exemplo, a flexão (sintagma de flexão, IP) e o complementizador (sintagma complementizador, CP). A sentença (6a), a partir da entrada lexical do verbo, em (7a), na Teoria X-barra tem basicamente a representação arbórea exposta em (7b):

(7) a. Entrada lexical do verbo *chutar*:

categoria	[-N, +V]
número de argumentos	[__, __]
c-seleção (seleção categorial)	[DP, DP]
s-seleção (seleção semântica)	[Agente, Tema/Paciente]

(MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2018, p. 130)



Conforme (7a), já faz parte da entrada lexical do verbo que ele é [-nome] e [+verbo], que seleciona dois argumentos DPs (sintagmas determinantes) e também seus respectivos papéis temáticos⁶, o sujeito (argumento externo) é Agente e o complemento (argumento interno) é Tema ou Paciente. Em termos de representação arbórea da sentença, todos os argumentos nascem em posições argumentais, mas só o complemento recebe o papel temático, e o Caso Acusativo do verbo, em seu lugar de origem. Em orações finitas, o verbo é alçado para checar concordância e atribuir Caso Nominativo⁷ ao especificador do IP, o sujeito, que já tinha

⁶ Na Linguística Gerativa há um Princípio que regula a atribuição de papéis temáticos, ou papéis θ (*Theta*). De acordo com o Critério θ : “(i) Cada argumento tem que receber um e um só papel temático; (ii) Cada papel temático tem que ser atribuído a um e um só argumento” (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2018, p. 142).

⁷ Na Gerativa também há o Princípio do Filtro do Caso garantindo que todo DP pronunciado tenha Caso, ou K: “*[DP] se DP é pronunciado e não pertence a uma cadeira marcada com Caso” (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2018, p. 172).

recebido papel temático na sua posição de origem. Assim, de acordo com o que foi exposto até o momento, o sujeito pode ser entendido como: (i) um sintagma de caráter nominal, NP ou DP; (ii) argumento externo do verbo; (iii) recebe papel temático do verbo; (iv) recebe Caso Nominativo da flexão verbal.

O “método geral para selecionar uma gramática para cada língua” é concretizado com a Teoria de Princípios e Parâmetros, ou Teoria de Regência e Ligação, na década de 1980 (CHOMSKY, 1981). Conforme o modelo, considerando que há uma propriedade do cérebro humano dedicada à aquisição da linguagem (a faculdade da linguagem) e que há um estágio inicial da aquisição (a Gramática Universal, constituída de Princípios delimitados e Parâmetros a serem fixados conforme o idioma), a língua-I é composta por Princípios universais e invariáveis que serão fixados conforme o contato com os Parâmetros da língua do ambiente, a língua-E, sendo estes particulares e variáveis. Logo, as línguas naturais compartilham universais linguísticos, por exemplo, todas têm substantivos, verbos, sintagmas, etc., que serão formatados conforme são manifestos na língua, como positivo ou negativo.

Um dos Princípios mais conhecidos é o Princípio de Projeção Estendido (EPP, abreviação do inglês *Extended Projection Principle*), segundo o qual “toda oração tem sujeito”, isto é, as orações de todas as línguas naturais necessariamente têm que ter sujeito. As línguas irão variar justamente na possibilidade de ausência ou presença do sujeito lexicalmente realizado. De acordo com o Parâmetro do Sujeito Nulo, ou Parâmetro *pro-drop*, as línguas marcadas positivamente para este Parâmetro aceitam um *pro*, pronome sem conteúdo fonético, em outras palavras, um pronome nulo, em posição de sujeito (em Spec,IP), como é o caso do português brasileiro que aceita o sujeito expresso somente pela flexão verbal (8a) e nenhum elemento pronunciado na posição de sujeito com verbos impessoal (8b) e inacusativo (8c):

- (8) a. pro Chutei a bola.
b. pro Choveu ontem.
c. pro Chegou uma carta.

Isto não acontece em inglês, pois é preciso que a posição destinada ao sujeito seja lexicalmente realizada por um pronome ou por um expletivo⁸. O inglês, então, é uma língua

⁸ O expletivo, seja ele foneticamente nulo como é em português (cf. 8b,c) ou foneticamente realizado como é em inglês (cf. 9b,c), ocupa a posição argumental destinada ao sujeito para satisfazer o EPP, mas, como não é selecionado pelo verbo, não recebe papel temático. (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2018, p. 147).

marcada negativamente para o mesmo Parâmetro, ou seja, é não *pro-drop*. A correspondência idêntica das sentenças em (8) é exposta a seguir:

- (9) a. **pro/I* kicked the ball.
 b. **pro/It* rained yesterday.
 c. **pro/There* arrived a letter.

Diante dos exemplos, podemos perceber que em inglês a posição de sujeito precisa ser preenchida por algum elemento fonológico, seja por pronome (9a) ou expletivos (9b,c). Ao focar especificamente no verbo transitivo “to kick”, em inglês, o passado simples, por exemplo, não varia para nenhuma pessoa gramatical: “I kicked”, “you kicked”, “he/she/it kicked”, “we kicked”, “you kicked” e “they kicked” - e essa situação é bem parecida nos outros tempos verbais da língua. Já a flexão verbal do português brasileiro daria conta de exprimir o sujeito “oculto” da oração (cf. 8a), pois a morfologia verbal do PB seria rica, conforme a conjugação do verbo “chutar” em todas as pessoas gramaticais: “(eu) chutei”, “(tu) chutaste”, “(ele/ela) chutou”, “(nós) chutamos”, “(vós) chutastes” e “(eles/elas) chutaram”.

A bem da verdade, atualmente não é mais possível dizer que a morfologia verbal do português brasileiro é rica. As pesquisas de Duarte (1993) acerca da trajetória do sujeito no PB, feitas em peças de teatro escritas entre 1845 e 1992, mostram uma evolução dos paradigmas flexionais na língua, conforme o quadro:

Quadro 1 – Paradigmas flexionais do português brasileiro em três tempos

Pessoa gramatical	Pronomes	Paradigma 1 (XIX)	Paradigma 2 (XX/1)	Paradigma 3 (XX/2)
1ª pessoa singular	eu	canto	canto	canto
2ª pessoa singular	tu você	cantas -	cantas canta ∅	canta(s) canta ∅
3ª pessoa singular	ele/ela	canta ∅	canta ∅	canta ∅
1ª pessoa plural	nós a gente	cantamos -	cantamos canta ∅	cantamos canta ∅
2ª pessoa plural	vós vocês	cantais cantam	- cantam	- canta(m)
3ª pessoa plural	eles/elas	cantam	cantam	canta(m)

Fonte: Adaptado de Duarte (2018[1993], p. 85).

No quadro 1, visualizamos a mudança da morfologia verbal no PB segmentada em três tempos. O primeiro paradigma apresenta um sistema flexional rico com seis formas distintas, uma forma exclusiva para cada pronome, o segundo tem o acréscimo de dois pronomes (você e a gente) com a forma da terceira pessoa do singular e a perda de “vós” e, em menos de 150 anos após o primeiro ano de referência para o Paradigma 1, o terceiro paradigma apresenta apenas formas exclusivas para os dois pronomes de 1º pessoa, “eu” e “nós”, sendo que este último ainda divide espaço com o pronome “a gente” que tem a forma verbal sincrética, isto é, uma única forma para várias pessoas (a gente canta).

Nunes (2008) argumenta que o PB só faz distinção de número, por exemplo, “canto” para singular e “cantamos” para o plural, e a forma que era exclusiva da 3ª pessoa do singular é considerada *default*, padrão. O paradigma é ainda menor se levar em conta os dialetos do PB em que só a 1ª pessoa do singular (canto) é distintiva do resto (canta), dado o desuso de “nós” em favor de “a gente”. A atual morfologia flexional pobre do PB (cf. Nunes, 2008; Duarte, 2018[1993]) nos aproxima de línguas de sujeito preenchido, como o inglês, e ela é considerada como um argumento para caracterizar o PB como uma língua marcada negativamente para o Parâmetro *pro-drop*, porém não podemos esquecer do trabalho de Huang (1984 *apud* Duarte, 2018[1993], p. 84) por mostrar que o chinês é uma língua *pro-drop* e não exibe um paradigma flexional rico.

Ao levar em consideração este sistema flexional, parece que o sujeito em PB não pode mais ser lexicalmente realizado somente pela flexão verbal. A posição destinada ao sujeito (Spec,IP) teria que necessariamente ser preenchida por um sintagma nominal, ou pronome, quando a flexão verbal não é capaz de indicar o sujeito. No entanto, ainda há usos da forma verbal não marcada, a de 3ª pessoa do singular, com sujeito nulo, especialmente em casos de contextos favoráveis, como quando o sujeito da subordinada é correferente ao sujeito da principal ou quando o sujeito é facilmente recuperável no discurso. Ayres (2021), analisando os contextos licenciadores do sujeito nulo em PB no *corpus* do LínguaPOA, constatou mais que o dobro de sujeitos pronominais (69,7%) em comparação com os sujeitos nulos (30,3%) e descobriu uma explicação para 99% das ocorrências de sujeitos nulos na união de quatro fatores: traço de gênero semântico, conexão discursiva ótima, prosódia linear V2 e morfologia verbal.

Os trabalhos acima mencionados contribuem para o nosso entendimento de sujeito, agora este constituinte pode ser definido, compreendido e diferenciado dos outros constituintes da oração pelas seguintes propriedades sintáticas, de acordo com Quarezemin (2017):

- (i) ser identificado de forma “única”: toda sentença tem um sujeito;
- (ii) ser obrigatório: línguas não ‘pro-drop’ exibem sujeito expletivo onde não há um sujeito lexical;
- (iii) concordar com o verbo finito;
- (iv) ser hierarquicamente mais alto na estrutura;
- (v) a sua extração é mais restrita do que a de outros constituintes;
- (vi) pode ser nulo em sentenças imperativas e infinitivas;
- (vii) ser normalmente relacionado ao tópico. (QUAREZEMIN, 2017, p. 197)

Além disso, podemos ressaltar a propriedade do sujeito de estar ligado à morfologia flexional verbal nas línguas e a possibilidade de elisão em casos em que o referente discursivo é altamente saliente, mesmo em línguas não *pro-drop*, em alguns contextos específicos.

1.1.4 Resumo

Diante do que vimos, as definições/concepções de sujeito, especialmente lexicalmente realizado, podem ser esquematizadas por suas percepções: do ponto de vista das gramáticas tradicionais, do ponto de vista da descrição e pelo modelo teórico formal da Linguística Gerativa. O quadro a seguir apresenta cada definição visualizada neste subcapítulo:

Quadro 2 – Definição de sujeito pela gramática tradicional, descritiva e gerativa

Gramática tradicional
<ul style="list-style-type: none"> ● Said Ali (1966[1923], p. 105): “ser a propósito do qual se declara alguma coisa. É expresso por um nome ou um pronome”; ● NGB (cf. Nascente, 1946, p. 186): “ser de que se afirma alguma coisa”; ● Bechara (1961, p. 223): “ser de quem se declara alguma coisa”; ● Cunha e Cintra (1985, p. 119): “ser sobre o qual se faz uma declaração”, sendo o sujeito lexical um SN, cujo núcleo é um N, que admite a presença de DET e MOD; ● Bechara (2006, p. 409): “unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração”.
Gramática descritiva
<ul style="list-style-type: none"> ● Perini (2005[1995], p. 77): “o termo da oração que está em relação de concordância com o NdP[verbo]”; ● Castilho (2014[2010, p. 289-296): Pelas propriedades sintáticas: “(i) é expresso por um sintagma nominal; (ii) figura habitualmente antes do verbo; (iii) determina a concordância do verbo; (iv) é pronominalizável por ele; e (v) pode ser elidido”; Pelas propriedades discursivas: “é aquele ou aquilo de que se declara algo. Ele é o ponto de

partida da predicação, é seu tema”; Pelas propriedades semânticas: “o responsável pela ação expressa pelo verbo”;

- Perini (2016, p. 93-5): “SN inicial que aparece logo antes do verbo”, sendo que “um dos papéis temáticos associados ao verbo pode ser elaborado duas vezes [...]: por um dos SNs presentes na oração, e, redundantemente, pelo sufixo de pessoa-número do verbo”.

Modelo teórico formal da Linguística Gerativa

- Quarezemin (2017, p. 197): “(i) ser identificado de forma “única”: toda sentença tem um sujeito; (ii) ser obrigatório: línguas não ‘pro-drop’ exibem sujeito expletivo onde não há um sujeito lexical; (iii) concordar com o verbo finito; (iv) ser hierarquicamente mais alto na estrutura; (v) a sua extração é mais restrita do que a de outros constituintes; (vi) pode ser nulo em sentenças imperativas e infinitivas; (vii) ser normalmente relacionado ao tópico.”

Fonte: a autora.

Conforme a síntese exposta no quadro 2, em quase 100 anos de literatura, a noção de “ser” muito presente nas gramáticas tradicionais foi aprimorada pelas gramáticas descritivas como “aquilo ou aquele” e passou a ser considerado como um termo da oração, um sintagma nominal que desencadeia a concordância verbal. Já pelo modelo formal da gramática gerativa, o sujeito é compreendido por suas propriedades sintáticas e estruturais, e por sua rotineira associação ao assunto do discurso.

1.2 O tópico no português brasileiro

Os estudos sobre as construções de tópico no português brasileiro iniciam com os trabalhos de Pontes no início da década de 80. A pesquisadora coletou construções de tópico na fala culta informal de moradores de Belo Horizonte, em sua maioria na faixa etária de 25-50 anos e de nível universitário, e também na língua escrita contemporânea. Pontes, apoiada em grandes nomes dos estudos de tópico em outras línguas (p. ex., cf. Ross, 1967; Li e Thompson, 1976), lançou em 1987 a obra a que dedicamos este subcapítulo, *O Tópico no Português do Brasil*.

As apresentações em congressos e os artigos publicados, todos entre os anos de 1980 e 1982, a respeito das construções coletadas, foram compilados nos sete capítulos que constituem a obra, denominados como: (i) “Da importância do tópico em português”, (ii) “Construções de tópico em língua escrita”, (iii) “Topicalização e deslocamento para a esquerda”, (iv) “Um

problema para o ensino de língua materna: topicalização no português oral”, (v) “O anacoluto e as sentenças de ‘duplo sujeito’”, (vi) “A ordem VS em português” e (vii) “Ordem VS em português: uma tentativa de explanação”. Neste subcapítulo, apresentaremos as ideias principais de cada um deles.

O primeiro, “Da importância do tópico em português”, apresenta a tipologia das línguas com base em Li e Thompson (1976) e as características do tópico, abordando também o fenômeno do “duplo sujeito” e as ocorrências de “pronomes-cópia” nas construções. De acordo com Pontes (1987), Li e Thompson (1976) propuseram quatro tipos de língua, conforme a manifestação das construções de sujeito-predicado e das construções de tópico-comentário: (a) línguas com proeminência de sujeito, construções sujeito-predicado (p.ex., as línguas indo-europeias); (b) línguas com proeminência de tópico, construções tópico-comentário (p.ex., chinês, lahu); (c) línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que as construções se distinguem facilmente (p.ex., japonês); (d) línguas sem proeminência de sujeito ou tópico, em que os dois tipos não se distinguem mais (p.ex., tagalog).

A autora particularmente questiona o fato do português brasileiro ser considerado uma língua do tipo da exposta em (a), pois, para ela, o PB seria uma língua do tipo (c), como o japonês. Acontece que, em PB, ao mesmo tempo em que há poucos estudos voltados para a língua oral, predominam as construções de tópico nesta modalidade, como as seguintes:

- (10) a. Os livros, eles estão em cima da mesa.⁹ (=2a)
b. A Maria, essa não quer nada com o serviço.
c. Eu, eu não quero saber dela. (=2b)
d. Quanto a mim, estou me lixando.
e. Dessa cerveja eu não bebo.

(PONTES, 1987, p. 12)

A construção de tópico mais estudada/frequente, conforme a autora, é exposta em (10a), em que o sintagma nominal é seguido pelo pronome correferente e entre os dois elementos há uma vírgula que distingue o tópico do sujeito na oração comentário. A presença da vírgula nos exemplos de Pontes pode ser compreendida como indicativa de pausa, o que, segundo a autora, é bem variável. De acordo com Pontes, às vezes há pausa depois do tópico até mesmo com

⁹ Todos os exemplos de outros autores estão exatamente como apresentados em suas obras, especialmente no que concerne à vírgula. Apenas em alguns momentos inserimos a categoria vazia ou grifamos com sublinhado para facilitar a compreensão do leitor.

longa duração, mas não é algo definitivo para todas construções de tópico, e existem casos sem pausa até mesmo em sentenças com “duplo sujeito”, segundo a autora.

O segundo tipo de construção de tópico, em (10b), foi encontrado na língua escrita e tem a forma muito semelhante ao primeiro, com exceção do pronome ser demonstrativo. Em (10c), há a duplicação idêntica do pronome e é apresentada como uma variação de (10d), em que há uma locução introduzindo um referente como tópico. Já em (10e), o complemento verbal foi alçado para a posição de tópico, ao contrário das construções anteriores nas quais o tópico fazia referência ao sujeito da oração. Esta última sentença também é a única que não tem a presença da vírgula para separar o elemento topicalizado da oração. É posto que as sentenças do tipo das expostas em (10d,e) envolvem contraste e, por isso, devem ser consideradas como casos de tópico (cf. Chafe, 1976 *apud* Pontes, 1987).

Na sequência, Pontes aborda as construções de tópico típicas das línguas com proeminência de tópico, línguas do tipo (b) acima. Nestas línguas, as ocorrências chamadas de “duplo sujeito” são como os exemplos em (11), em mandarim, em que o tópico é caracterizado, citando Chafe e Li e Thompson, por “estabelecer um quadro de referência para o que vai ser dito a seguir” (PONTES, 1987, p. 13). A fim de contrapor com as ocorrências “clássicas” de tópico, a autora apresenta algumas construções semelhantes que foram encontrados em fala não monitorada em PB, abaixo evidenciamos duas de cada língua:

(11) a. Nèi-chang huó xìngkuì xíaofang-duì láif de kuài.

“Aquele fogo (top.), felizmente o corpo de bombeiros veio rápido”

b. Nèi-xie shùmu shù-shén dà.

“Aqueles árvores (top.), os troncos são grandes”

(LI; THOMPSON, 1976 *apud* PONTES, 1987, p. 13)

(12) a. Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira.

b. O Mardônio pifou o freio de mão do carro e ele foi levar na oficina.

(PONTES, 1987, p. 13)

Nas construções denominadas como “duplo sujeito” ou “sujeito duplo”, o que a autora considera como inapropriado, o tópico, o primeiro sintagma nominal, anuncia a referência do que vai ser dito na oração comentário que é completa sintaticamente. Acontece que os próprios exemplos clássicos parecem não ser configurados da mesma forma, os tópicos em (11) servem perfeitamente como uma referência para a oração comentário, mas, ao contrário de (11a), (11b)

pode ser interpretado como adjunto adnominal de “troncos”. Já, em português, em (12a), parece não haver uma função sintática na oração comentário que possa ser exercida pelo elemento topicalizado, enquanto em (12b) o tópico é interpretado como adjunto adnominal de “carro”.

Conforme Pontes, a sentença em (12b) surge em resposta à pergunta equivalente a “O que houve com o Mardônio?”, ou seja, o tópico era o assunto da conversa e a construção é organizada de forma a primeiramente retomar o que foi dito antes. Diante disso, em termos discursivos, a autora percebeu que a construção de tópico se caracteriza por não poder introduzir um assunto novo, em outras palavras, se considerarmos a articulação informacional com base em informação nova/informação velha, o tópico será a informação velha, algo já ativado no contexto discursivo. A autora menciona alguns exemplos que exprimem esta relação, por exemplo, a construção de tópico “Fulano, eu encontrei ontem na rua” surge necessariamente em resposta a “Sabe o Fulano?” ou “Lembra do Fulano?”. A única exceção para o tópico ser uma informação nova, algo não mencionado previamente, acontece quando a informação faz parte do contexto discursivo (geralmente são usados pronomes demonstrativos e advérbios de lugar no tópico), está visível ou faz parte da nossa consciência.

A atenção de Pontes para as construções de tópico foi despertada pelo artigo de Chafe (1975), conforme a própria autora, especificamente o que Chafe define como o “verdadeiro tópico” que é “o tópico estilo chinês, em que ele se caracteriza como um quadro de referência ‘dentro do qual a predicação principal se aplica’” (CHAFE, 1975 *apud* PONTES, 1987, p. 16). Tal “quadro de referência” pode ser espacial, temporal e individual e o português se assemelha ao chinês por dispensar a preposição de adjuntos adverbiais nas construções de tópico, o que nem sempre acontece em inglês. Logo, em português, qualquer constituinte da sentença pode ser tópico e figurar como sintagma nominal no início da sentença mesmo que exerça uma função sintática como sintagma preposicionado no interior da oração, seja ele adjunto adverbial, adjunto adnominal, complemento nominal ou objeto. A preposição só é indispensável quando é significativa por si mesma e sua ausência comprometeria o sentido da sentença.

Em contraste com o sujeito nas línguas de proeminência de sujeito, Pontes apresenta as propriedades do tópico nas línguas em que o tópico é proeminente, tendo como base Li e Thompson:

- (13) a. o tópico é sempre definido, o sujeito pode ser indefinido;
- b. o tópico não precisa ser selecionado pelo verbo, o sujeito sim;
- c. o tópico não é determinado pelo verbo, o sujeito sim;

- d. o tópico está ligado ao discurso, exerce um papel semântico de ser o “centro de atenção” (ou o “quadro de referência”, cf. Chafe), o sujeito nem sempre;
- e. o tópico não desencadeia a concordância verbal, o sujeito sim;
- f. o tópico sempre é o elemento inicial da sentença, inclusive em línguas com partícula que marcam o tópico, o sujeito nem sempre;
- g. o tópico não desempenha processos sintáticos como a passivização, o sujeito sim.

(PONTES, 1987, p. 19-21)

Todas as propriedades descritas acima apontam para o fato de o tópico ser dependente do discurso, em oposição ao sujeito que é dependente da oração, conforme Pontes.

Ainda seguindo Li e Thompson, a autora apresenta as características das línguas de tópico e as contrapõe com o português:

- (14) a. a construção passiva é marginal - não existe ou é rara -, a autora suspeita que em português não é muito frequente;
- b. os sujeitos vazios (expletivos como o “it” em inglês e o “il” em francês) são inexistentes, em português também não há estes ditos “sujeitos vazios”;
- c. existência de construções de “duplo sujeito” (cf. 11), em português também é possível (cf. 12);
- d. controle de correferência é feito pelo tópico e não pelo sujeito, em português o tópico costuma ser o controlador da correferência;
- e. não há restrições sobre o constituinte que pode ser tópico, em português também não há restrições;
- f. as sentenças de tópico são básicas e não transformações, em português não há restrições quanto ao tipo oracional da construção de tópico.

(PONTES, 1987, p. 21-5)

Diante do exposto acima, o português partilha inúmeras características com as línguas com proeminência de tópico, porém não é determinante quanto ao tópico sempre ser o controlador da correferência e evidentemente o tópico não é marcado morfológicamente, como é em japonês.

Especificamente acerca do “pronomes-cópia” correferente ao tópico presente em algumas orações, ele é bem mais frequente quando o tópico corresponde ao sujeito da oração e pode ocorrer de várias maneiras, com referência ao sujeito da oração encaixada (15a), com

orações entre o tópico e o pronome sujeito (15b) e até quando o tópico e o sujeito estão lado a lado (15c):

- (15) a. Os nossos alunos, cumé que eles estão recebendo?
b. Essas regras, sejam da base, sejam da ES, elas são construídas... (=2c)
c. Essa competência ela é de natureza mental.

(PONTES, 1987, p. 19)

De acordo com Pontes, o “pronome-cópia” exerce as funções de: contribuir para caracterizar o tópico, que está no início da sentença, enquanto o sujeito está no início da oração e, citando Givón (1979), deixar evidente o referente, podendo o pronome ser compreendido como uma flexão do verbo. A autora não se aprofunda nesta última função, porém considera o empobrecimento da flexão verbal (cf. já apresentamos no subcapítulo anterior, no quadro 1), e expressa o seguinte:

O enfraquecimento do papel da flexão verbal para a identificação do referente aumenta a importância do pronome-pessoal, que se torna o único meio para o falante deixar claro o sujeito a que ele se refere. Estando o sujeito longe do verbo, vem a necessidade do uso do pronome. Creio que isso ajuda a explicar a alta incidência desse pronome nos casos de sujeito. (PONTES, 1987, p. 27).

Se considerarmos o que foi dito anteriormente, que o pronome-cópia contribui para caracterizar o tópico, e a citação acima, que o pronome é a única forma de explicitar o referente diante do empobrecimento da flexão verbal, podemos entender que as construções com pronome-cópia na verdade não surgiram do fato do tópico ser dependente do discurso. A questão do pronome-cópia, em especial quando adjacente ao sintagma de referência, parece ser interna e pode ser dependente especificamente da morfologia flexional pobre do PB, isto significa que é uma questão puramente dependente da oração - sujeito e concordância verbal. Ao contrário dos poucos casos com pronome-cópia não sujeito que ocorrem apenas quando o pronome é estritamente necessário para identificar o referente, conforme Pontes.

O segundo capítulo, “Construções de tópico em língua escrita”, diz respeito às construções de tópico nos estudos de Givón (1979) e Ochs (1979) e na língua escrita em português, francês e espanhol. Pontes começa citando Givón (1979) e a concepção dele de “modo pragmático” (do discurso, construções de tópico-comentário do tipo topicalização e deslocamento à esquerda) e “modo sintático” (da sintaxe, construções de sujeito-predicado). A autora apresenta cada modo da seguinte forma, com base na síntese de Givón:

Quadro 3 – Modo pragmático *versus* modo sintático

Modo Pragmático	Modo Sintático
Estrutura tópico-comentário	Estrutura sujeito-predicado
Coordenação frouxa	Subordinação compacta
Taxa lenta de articulação (vários contornos entonacionais)	Taxa rápida de articulação (um único contorno entonacional)
Ordem das palavras governada por um princípio pragmático - informação velha primeiro, nova depois	Ordem de palavras usada para assinalar funções de caso semânticos
Proporção de um para um de verbos para substantivos no discurso, com os verbos sendo “semanticamente simples”	Maior proporção de substantivos sobre verbos no discurso, com verbos sendo “semanticamente complexos”
Nenhum uso de morfologia gramatical	Uso elaborado de morfologia gramatical
Entonação proeminente (o acento marca o foco de informação nova; a entonação do tópico é menos proeminente)	Entonação mais ou menos a mesma que no modo pragmático, mas talvez não exibindo uma carga funcional tão alta e, em algumas línguas, totalmente ausente
Típico de pidgins, linguagem infantil e discurso não planejado/informal	Típico de crioulos, linguagem do adulto e discurso planejado/formal

Fonte: Adaptado de Pontes (1987, p. 42).

A caracterização de cada modo, tal qual presente em Givón (1979), subjaz a percepção de que o “modo pragmático” é o que origina o “modo sintático”, o que desencadeia uma série de críticas por parte de Pontes. Conforme a autora, por exemplo, a concepção de que o tópico é uma noção “discursivo-funcional”, em oposição ao sujeito que é “sintático-gramatical”, não se sustenta pelo fato do tópico ser discursivo somente se for entendido como “assunto” e, se o autor trata do tópico presente em sentenças de topicalização e deslocamento à esquerda, já é um tratamento de tópico gramaticalizado, e não discursivo. Pontes afirma que o tópico é uma noção sintática e que as construções de tópico-comentário aparecem sempre unidas com as de sujeito-predicado, já que o comentário é formado por uma oração com sujeito e predicado. A autora caracteriza o tópico em português objetivamente através da posição inicial na sentença, comum ocorrência de pronome anafórico ao tópico e frequente quebra oracional após o tópico.

Agora, citando Elinor Ochs (1979), Pontes discute a respeito do discurso planejado *versus* não-planejado. Givón (1979) afirma ter se apoiado no referido trabalho de Ochs (na época, Elinor Keenan) para diferenciar os dois discursos em seus estudos. Pontes, apesar de reconhecer certas semelhanças entre o trabalho de Ochs e o de Givón, ressalta que Ochs é mais

prudente que o autor por especificar o *corpus* que utilizou para chegar às conclusões a respeito do discurso planejado e do discurso não-planejado. Givón (1979) em nenhum momento esclarece qual *corpus* considerou e nem especifica as construções de tópico que foram observadas por ele, conforme a autora.

As pesquisas de Ochs foram pautadas na linguagem de americanos, classe média, educados e o discurso planejado foi considerado exclusivamente com base na língua escrita, enquanto o não-planejado teve como base a língua falada. Dito isto, é preciso considerar que a autora estudou, na verdade, o discurso relativamente planejado e o discurso relativamente não planejado. Por outro lado, Ochs (1979) foi bastante criteriosa ao seguir, em suas pesquisas, a definição de deslocamento à esquerda, conforme foi definida por Ross (1967), como “uma transformação que move um SN para fora e para a esquerda da oração, deixando em seu lugar um pronome co-referencial” (ROSS, 1967, p. 65 *apud* PONTES, 1987, p. 48).

As conclusões de Ochs, segundo Pontes, podem ser resumidas da seguinte forma: no discurso relativamente planejado (com base na língua escrita), o falante não se fia muito no contexto imediato, faz mais uso de estruturas que emergem relativamente tarde (após escolarização), não tende a fazer muitas repetições de itens léxicos e a forma e o conteúdo dos atos não são muito similares; já no discurso relativamente não planejado (com base na língua falada), o falante se fia mais no contexto imediato, faz uso de estruturas morfossintáticas adquiridas nos estágios iniciais do desenvolvimento da linguagem, tende a repetir itens léxicos e a forma e o conteúdo dos atos são mais similares. De acordo com Pontes, as conclusões de Ochs, assim como o *corpus*, são muito relativas, por exemplo, os falantes irão fazer mais, ou menos, uso do contexto imediato conforme a situação e não considerando a língua falada ou escrita e nem o nível de planejamento. Pontes conclui que o que Ochs fez foi comparar o discurso escrito formal e o discurso oral informal, modalidades distintas tanto pela forma de manifestação (fala ou escrita) quanto pela linguagem (formal ou informal) que veiculam, e chama atenção para o fato das construções de deslocamento à esquerda serem encontradas em qualquer registro.

Na terceira parte do segundo capítulo, Pontes discute as construções de tópico presentes em registros escritos em português, francês e espanhol. Esta parte é restringida a duas construções de tópico-comentário, topicalização e deslocamento à esquerda, por serem as mais mencionadas e estudadas pela autora, apoiada em Ross (1967). A definição de deslocamento à esquerda já foi evidenciada acima tal qual é estabelecida por Ross (1967, p. 65 *apud* PONTES, 1987, p. 48) e a definição de topicalização é quase idêntica, pois também envolve a mudança de um elemento para a posição inicial, a diferença é que esta não deixa um pronome

correferencial em seu lugar de origem no interior da oração (p.ex., “Feijão eu não quero Ø”), ou seja, naquela há um pronome-cópia e nesta não. De acordo com Pontes, a topicalização é muito frequente na língua escrita e, diferente do inglês, em português a elipse do pronome é opcional, o que é discutido no terceiro capítulo da obra.

Ainda no capítulo dois, Pontes discute de que forma o deslocamento à esquerda é visto pelos gramáticos tradicionais. A construção corresponde ao denominado "pleonasma", o pleonasma de sujeito é definido por Said Ali (1965) como “sujeito posto no começo da oração, depois do qual se faz pausa, pode vir repetido sob a forma do pronome esse” (SAID ALI, 1965 *apud* PONTES, 1987, p. 54). Além do "pleonasma", o deslocamento à esquerda parece ter algo em comum com o “anacoluto”, que é definido por Said Ali como: “a maneira de exprimir pensamento segundo o qual se interrompe uma parte da oração e, em lugar do seguimento pedido pela sintaxe, se passa a uma construção nova” (SAID ALI, 1965, p. 220 *apud* PONTES, 1987, p. 55). A seguir, apresentamos um exemplo para cada construção, em (16) um exemplo de pleonasma e em (17) um exemplo de anacoluto, consoante a Said Ali:

(16) A podenga negra, essa corria pelo aposento.¹⁰

(17) O furacão que devasta, o raio que fulmina, não há pincéis nem cores que possam estampá-los na tela.¹¹

(SAID ALI, 1965 *apud* PONTES, 1987, p. 54-5)

A respeito do anacoluto, exemplificado em (17), importa mencionar que Pontes (1987, p. 56) também cita Mattoso Câmara Jr. (1968), segundo o qual o anacoluto ou frase quebrada apresentada em posição inicial é seguida por uma oração em que se integra, tem o papel de “pôr em relevo a ideia primordial que temos em mente”, sendo comparado até com um título do que vai ser dito, e é comumente encontrado no grego antigo e na literatura clássica - e ainda assim é hostilizado pela gramática tradicional. Segundo Pontes, tal desprezo é evidente na GT de Bechara, pois o autor afirma que “o anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente” (BECHARA, 1978 *apud* PONTES, 1987, p. 56). Contudo, os próprios gramáticos citam exemplos encontrados em textos de escritores “modelo” como Monteiro Lobato, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade

¹⁰ Exemplo extraído de “A dama pé de cabra”, do português Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877).

¹¹ Exemplo extraído de “O monge de cister: ou, A epocha de D. João I”, do português Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877).

e Pedro Nava, por sua vez, a autora cita alguns dados encontrados em textos de jornais e revistas, como *Folha de São Paulo*, *Isto é*, *Cláudia*, etc., e na língua falada formal. Expomos aqui alguns exemplos similares aos citados por Said Ali acima que foram encontrados por Pontes:

- (18) a. A censura, no Brasil, todos a conhecem muito bem (Oswaldo Mendes, *Folha de São Paulo*, 1981).
- b. A massa na qual fermentam nossas ideias, a massa viva e social que nos sugere problemas e soluções, impasses e caminhos, essa é anônima é indigna (*Folha de São Paulo*, 1981).
- c. Eu acho que esses dois casos de Português, eles revelam... (*V Encontro de Linguística da PUC/RJ*, 1980).

(PONTES, 1987, p. 58)

Em vias de finalização, Pontes faz duas observações acerca da tradução de textos. Conforme a autora, os textos traduzidos, por exemplo, do chinês (uma língua de tópico) para o português brasileiro buscam explicar o pensamento do autor, já do chinês para o francês a tendência é de reproduzir o espírito do livro. Isto porque, em francês, as construções de tópico são abundantes. Alguns exemplos de francês moderno colhidos pela autora são os seguintes:

- (19) a. La détresse, ça existe. (cartaz no Metrô de Paris)
“Sofrimento, isso existe”
- b. Moi, mes gengives, c’est du béton. (*Marie Claire*, 1981)
“Eu, minhas gengivas são de concreto”
- c. Mais vous avez un atout: votre coiffeur. Lui, il a Edonil aux fleurs.
“Mas você tem uma conta: seu cabeleireiro. Ele, ele tem Edonil com flores”

(PONTES, 1987, p. 60)

Outra observação de Pontes é acerca da tradução da obra *Caminho de Perfeição*, de Santa Teresa d’Ávila. A tradução brasileira da obra varia em comparação com a tradução portuguesa, pois as construções de tópico que estão presentes nesta não existem naquela. A brasileira varia até em comparação com a edição espanhol, a qual é baseada em um manuscrito mais recente. Vejamos um dos trechos que foram expostos por Pontes:

- (20) a. “Que a morte de cá de baixo não a tem em nada” (Edição portuguesa, p. 423)¹².
b. “Nenhum caso faz da morte corporal” (Edição Brasileira, p. 51)¹³.
c. “Que la muerte de acá no la tienen en nada” (Edição Espanhola, p. 66)¹⁴.

(PONTES, 1987, p. 63)

A questão final do capítulo é que as construções de tópico existem e existem inclusive em línguas “de tradição literária tão rica ou mais do que a nossa, como o francês, espanhol, chinês, japonês e outras” (PONTES, 1987, p. 63). No Brasil, estas construções estão presentes na língua oral, língua escrita, em contextos formais ou informais, em diferentes registros e até mesmo nas obras de escritores renomados de outras épocas, ao mesmo tempo em que são censuradas pelos gramáticos e pela escola, o que contribui para as poucas ocorrências na língua escrita moderna.

O terceiro capítulo, “Topicalização e deslocamento para a esquerda”, conforme já mencionado anteriormente, discute exclusivamente sobre as duas construções de tópico mais mencionadas e estudadas pela autora tanto pelos aspectos formais quanto pelos aspectos funcionais. As construções são exemplificadas da seguinte forma, conforme as sentenças do inglês apresentadas por Ross (1967):

- (21) a. Beans I don't like.
“Feijão eu não gosto.”
b. The man my father works with in Boston, he's going to tell the police that...
“O homem com quem meu pai trabalha em Boston, ele vai dizer à polícia que...”

(ROSS, 1967 *apud* PONTES, 1987, p. 65)

De acordo com os exemplos originários de Ross, a topicalização (21a) e o deslocamento à esquerda (21b) se diferenciam em inglês, respectivamente, somente pela ausência e pela presença de pronome-cópia. Ocorre que esta perfeita correlação não funciona muito bem em português brasileiro, já que o pronome-cópia pode estar omitido se não houver prejuízo de significado, conforme a autora. A questão, então, é investigar se, em PB, existe uma única

¹² Conforme Pontes, a edição de Aveiro foi feita pelas freiras do Carmelo do Porto e foi baseada no manuscrito de Valladolid. O manuscrito de Valladolid está entre o mais novo, o de Toledo, e o mais antigo, que é o de Escorial.

¹³ Conforme Pontes, a edição brasileira foi feita pelo Convento do Carmo no Rio de Janeiro e também foi baseada no manuscrito de Valladolid.

¹⁴ Conforme Pontes, a edição espanhola do Camino de Perfección foi baseada no manuscrito de Toledo, o mais recente.

construção com pronome opcional ou se topicalização (TOP) e deslocamento à esquerda (DE) são duas construções diferentes. Vejamos alguns exemplos expostos pela autora nesta primeira discussão do capítulo:

- (22) a. Aqueles livros da coleção SS, eu comprei um Ø/deles por 40 dólares.
b. Meu cabelo desta vez eu não gostei Ø/dele nenhum pouco.
c. Feijão eu não gosto Ø/*dele.
d. Essa cerveja eu não gosto Ø/dela.

(PONTES, 1987, p. 66-7)

Nas primeiras sentenças (22a,b), o pronome-cópia é opcional, já na sentença em (22c) não é possível haver um pronome, o que segundo a autora diz respeito ao significado genérico do tópico, conforme pode ser confirmado pela definitude do tópico e possibilidade de presença ou ausência do pronome no exemplo (22d). Ao que parece, de acordo com Pontes, a opcionalidade do pronome-cópia está ligada a problemas de pronominalização em geral e não é suficiente para definir se uma construção é TOP ou DE em português brasileiro.

As restrições feitas por Ross (1967) para distinguir as duas construções envolvem regras transformacionais. Em inglês, as regras de corte (de TOP) estão sujeitas a algumas restrições¹⁵ que não se aplicam às regras de cópia (de DE). Pontes apresenta um exemplo para cada regra, segundo Ross (23), e as contrapõe com o PB (24):

- (23) a. *This hat I know the boy who was wearing. (Restrição de SN complexo)
b. *This hat the gloves and were on the table. (Restrição de estrutura coordenada)
c. *This hat that he was wearing is certain. (Restrição de sujeito sentencial)
d. *John's I stole bike. (Restrição do ramo à esquerda)

¹⁵ Pontes apresenta a definição para cada restrição citando Culicover (1976):

(i) Restrição de SN complexo: “Nenhuma transformação pode extrair um constituinte de um SN complexo” (p. 281);

(ii) Restrição de estrutura coordenada: “Nada pode ser movido para fora de uma estrutura coordenada” (p. 282);

(iii) Restrição de sujeito sentencial: “Nenhum constituinte pode ser movido para fora de uma S que seja ela mesma sujeito de uma S” (p. 283);

(iv) Restrição do ramo à esquerda: “Nenhum SN que é o constituinte mais à esquerda de um SN maior pode ser reordenado para fora deste SN por uma regra transformacional” (p. 295).

- (24) a. Este chapéu eu conheço o menino que estava usando.
 b. *Este chapéu as luvas e estavam na mesa.
 c. *Este chapéu que ele estava usando é verdade.
 d. ?Do João eu roubei a bicicleta.

(PONTES, 1987, p. 69-71)

A contraparte em português não apresenta as mesmas restrições pelo menos em duas situações, não há restrição quanto ao SN complexo (24a) e a sentença (24d) é ao menos estranha se o ramo à esquerda for possessivo, mas se for objeto indireto é gramatical. Logo, também não é possível distinguir TOP de DE com base nestas restrições em PB, pois as sentenças na nossa língua não obedecem às mesmas restrições que são impostas às sentenças em inglês. Uma outra restrição em inglês, citada por Pontes a partir do trabalho de Ross, é que só há tópico em orações principais, novamente o mesmo não vale em PB, uma vez que existem construções de tópico (tanto sem pronome, indicando TOP, quanto com pronome e pausa, indicando DE) em orações subordinadas causais, relativas, completivas nominais, condicionais, objetivas diretas e subjetivas, de acordo com a autora.

A análise das orações de forma isolada em PB não foi determinante para distinguir as duas construções de topicalização, Pontes busca então alguma solução no discurso em Creider (1979). Discursivamente, para Creider, TOP se caracteriza pelo tópico poder ser o tópico/assunto no enunciado seguinte, pelo caráter contrastivo (cf. também Chafe, 1976; Prince, 1981) e não poder estar no escopo da negação, mas Pontes apresenta exemplos em que esta análise não é válida para o PB:

- (25) a. O **Mardônio** o carro dele furou o pneu e ele foi levar na oficina. Mas ele já vem.
 b. Referia-me às duas mães: à do criminoso e à da vítima. A mãe de Doca eu a conheci quando ambas éramos meninas. (...) A mãe de Ângela, eu a vi, chorando, num telejornal, inconformada (*Folha de São Paulo*, 1987).
 c. Não é verdade que de feijão eu não gosto Ø.

(PONTES, 1987, p. 75-7)

Embora existam alguns exemplos de TOP em português que se comportam discursivamente como apontou Creider para o inglês, os exemplos acima mostram que em uma construção de DE (por causa do pronome) também é possível seguir falando do constituinte que foi topicalizado (cf. 25a) e que também pode haver contraste na referida construção (cf. 25b).

O último exemplo de Pontes (25c) expõe uma típica construção de TOP no escopo da negação, o que também é perfeitamente possível em PB. Na sequência, a autora expõe uma citação de Givón (1979)¹⁶ em que ele afirma, acerca do grau de obviedade do referente, que o pronome (ou a concordância) é usado quando o tópico é idêntico, o sujeito SN pleno definido é usado quando o tópico é menos óbvio e a construção de mudança de tópico (a de DE) é usada quando o sujeito é trocado inesperadamente (ou contrastivamente). No entanto, o caráter contrastivo já foi apontado para caracterizar TOP e Pontes observou que os dois tipos de construções de tópico são usados para repetir um SN. A seguir, um exemplo de TOP (26a) e um de DE (26b), ambos repetindo SN:

(26) a. A lanterna... A lanterna, já comprou as pilhas Ø?

b. E a Rosa?

A Rosa eu encontrei ela ontem.

(PONTES, 1987, p. 77)

A partir de tudo que foi dito, Pontes expõe o que os dados que coletou indicam a respeito das construções de TOP e das construções de DE. Apresentamos as considerações da autora no quadro a seguir:

Quadro 4 – Topicalização *versus* Deslocamento à esquerda

Topicalização	Deslocamento à esquerda
SN definido ou não	SN definido
Sem pronome	Com pronome
Em geral, não há pausa	A pausa é frequente e até favorecida
Construção típica de contraste	Em geral, sem contraste
Em geral, é usado para mudar de tópico	É usado para dar continuidade no discurso
Maior incidência com verbos impessoais ("O tópico é fácil de identificar o referente...")	Pouca incidência com verbos impessoais ("Esse homem parece que ele é da Colômbia")

Fonte: a autora.

¹⁶ Conforme Pontes, a citação de Givón (1979, p. 65): "...in equi-topic chains only the anaphoric pronoun (or 'subject agreement', its function equivalent) is used. When the topic is less obvious the definite full-NP subject is used, while when the subject is switched unexpectedly (or 'contrastively', which is a subcase of unexpectedly), a topic-shift construction is used".

As considerações de Pontes apresentam distinções mais precisas em termos de forma do que em termos de função discursiva. Quanto à forma, os dados da autora apresentam uma certa correlação entre a presença da pausa e a presença do pronome. Por outro lado, quanto à função, não há muita precisão e sim tendências a respeito do contraste e de ser um elemento dado no discurso ou no contexto pragmático, pois, como vimos acima, é possível haver DE com contraste e TOP usado para continuidade tópica.

Depois de apontar as diferenças entre TOP e DE, Pontes dedica a última parte do capítulo três para discorrer a respeito dos anacolutos. A autora relembra a definição de anacoluto por Said Ali (1965, p. 220), que já apresentamos anteriormente (para conveniência do leitor: “a maneira de exprimir pensamento segundo o qual se interrompe uma parte da oração e, em lugar do seguimento pedido pela sintaxe, se passa a uma construção nova”) e enfatiza que os constituintes topicalizados e os deslocados, embora ambos sejam exemplificados como anacolutos nas gramáticas, não podem ser identificados como anacolutos, uma vez que o anacoluto só é entendido no nível discursivo. Para Pontes, os anacolutos, em realidade, correspondem às sentenças com “duplo sujeito” que foram apresentadas no primeiro capítulo (cf. Li e Thompson, 1976), por exemplo:

- (27) a. Eu agora, cabô desculpa de concurso, né?
b. Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira. (=12a)
c. Cê precisa comprar outra pasta prá mim, porque aquela pasta, ó, meu relógio caiu e quebrou o vidro.

(PONTES, 1987, 83-4)

O quarto capítulo, “Um problema para o ensino de língua materna: topicalização no português oral”, diz respeito à aprendizagem da escrita, em especial, ao desconhecimento, e preconceito, referente às construções tópico-comentário. De acordo com Pontes, as sentenças com topicalização são comuns na fala de todos os brasileiros, indistintamente, e até nas obras de escritores antigos, mas a escola não as aceita na língua escrita e elas são, inclusive, consideradas como “mau português” - um desastre causado pela tradição gramatical. A intenção da autora neste capítulo é chamar a atenção para a importância de entender estas sentenças e apresentar subsídios para auxiliar os professores para que os estudantes não tenham que “aprender uma outra língua” no processo de aprendizagem da escrita.

A autora exhibe sete exemplos de sentenças de fala espontânea com topicalização e busca explicações para elas na psicologia cognitiva, na possibilidade de passivização e na teoria funcionalista. As primeiras sentenças são expostas a seguir:

- (28) a. Essa casa bate muito sol.
b. A belina cabe muita gente.
c. Essa janela não venta muito.¹⁷

(PONTES, 1987, p. 86)

Conforme Pontes, Lakoff (1977) propôs uma explicação para as sentenças do inglês que são similares a estas em (28) através da teoria dos protótipos. Para ele, de alguma forma o primeiro SN possui uma certa responsabilidade com o verbo a que está veiculado, podendo então ser classificado como sujeito paciente, por exemplo. Segundo Pontes, isto até que serviria para as sentenças em (28), “essa casa” é responsável por bater muito sol (porque é uma casa bem construída), “a belina” é responsável por caber muita gente (porque é um carro espaçoso) e “essa janela” é responsável por não ventar (porque ela é pequena). No entanto, as sentenças utilizadas por Lakoff possuem correspondentes ativas, isto é, sujeito agente, verbo ativo e objeto, e isto não pode ser dito para as sentenças acima e nem para outras com verbos ativos que são apresentadas por Pontes na sequência:

- (29) a. Esse rádio estragou o ponteiro.
b. O jasmim amarelou as pontas.
c. Meu carro furou o pneu.
d. Carlos André cresceu o nariz.

As sentenças em (28) e em (29) não são do tipo SVO, embora possam parecer pela ordenação dos sintagmas, uma vez que a transformação passiva não é aceita por nenhuma delas (p.ex., “*Muito sol é batido nesta casa”). Logo, elas não podem ser analisadas como transformações de construções do tipo sujeito-predicado e sim como construções de tópico-comentário. O último grupo de construções tópico-comentário, em (29), pode ser compreendido

¹⁷ Kenedy (2014), através de experimento de audição segmentada, constatou que a frase “Essa janela / venta muito / no verão” sem o contorno melódico de topicalização demanda um processamento mais custoso em comparação com a frase “Essa janela / fica aberta / no verão”. No entanto, a primeira frase com curva melódica típica das estruturas de topicalização demandou um processamento idêntico ao da segunda frase, o que evidencia que realmente se trata de uma construção de tópico-comentário.

através da psicologia da *gestalt* (cf. também são compreendidas as sentenças em inglês por Lakoff, 1977), porque é possível notar que “o todo é enunciado primeiro e depois segue um comentário sobre uma parte dele” (Ibid., p. 92) nestas sentenças. Por fim, ao citar Firbas (1971), Pontes evidencia que a articulação informação velha/informação nova é aplicável tanto às sentenças em (28) quanto às sentenças em (29), e em outras similares, pois, no contexto em que foram pronunciadas, o primeiro SN se referia a algo dado no contexto pragmático.

Diante do exposto, Pontes manifesta que não concorda com as várias tentativas de Lakoff para salvar um sujeito em sentenças similares às expostas em (28) e (29), o autor, por exemplo, enumera nada mais nada menos do que quatorze propriedades do sujeito e o SN pode ser caracterizado como tal se cumprir uma só propriedade. Como mostra Pontes neste capítulo, em PB, muitas vezes o SN que é analisado como potencial sujeito não cumpre nem uma única propriedade de Lakoff, e nem mesmo a passivização funciona, como é o caso das sentenças acima.

Os sete exemplos da autora que foram reproduzidos aqui podem, então, ser explicados primeiramente pela articulação informacional em primeiro informação velha e por fim a informação nova - no capítulo anterior a autora já tinha considerado a topicalização para uso anafórico, mas esta seria uma característica mais direcionada ao DE. Adicionalmente, alguns, os últimos, também funcionam perfeitamente através de *gestalt*. Em vias de concluir esta discussão, Pontes ressalta a importância de descrever a língua oral e mostrar que as estruturas que são utilizadas, como as de TOP, “são completamente normais e aceitas em línguas que têm longa tradição de escrita” (Ibid., p. 95).

O quinto capítulo, “O anacoluto e as sentenças de ‘duplo sujeito’”, é o capítulo mais curto da obra e trata de forma mais objetiva de questões que surgiram no primeiro e no terceiro capítulo. No primeiro capítulo da obra de Pontes, vimos que as construções denominadas como “duplo sujeito” ou “sujeito duplo” (cf. Li e Thompson, 1976) são típicas de línguas com proeminência de tópico (cf. 11) e algumas construções similares em PB também foram exibidas (cf. 12), contudo, já na primeira aparição, Pontes evidencia que não considera apropriada tal denominação. Na continuidade, no segundo capítulo, a autora discorreu a respeito dos “anacolutos” pela gramática tradicional de Said Ali (cf. 17), falando inclusive da similaridade de alguns exemplos de Said Ali com as sentenças de DE, e, no terceiro capítulo, concluiu que na verdade as sentenças com anacolutos coincidem com as sentenças de “duplo sujeito”. Relembramos os exemplos já citados:

- (11) a. Neì-chang huó xìngkui xíaofang-duì laí de kuài.
 “Aquele fogo (top.), felizmente o corpo de bombeiros veio rápido”
 b. Neì-xie shùmu shù-shén dà.
 “Aqueles árvores (top.), os troncos são grandes”
 (LI; THOMPSON, 1976 *apud* PONTES, 1987, p. 13)
- (12) a. Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira.
 b. O Mardônio pifou o freio de mão do carro e ele foi levar na oficina.
 (PONTES, 1987, p. 13)
- (17) O furacão que devasta, o raio que fulmina, não há pincéis nem cores que possam estampá-los na tela.
 (SAID ALI, 1965 *apud* PONTES, 1987, p. 54-5)

Segundo Pontes, Li e Thompson (1976) afirmam que as sentenças com “duplo sujeito” estão presentes em todas as línguas com proeminência de tópico, não havendo nenhuma língua com proeminência de sujeito pura que as tenha. Logo, a autora apresenta, neste capítulo, um exemplo em japonês, língua com proeminência de tópico e sujeito (cf. Li e Thompson, 1976):

- (30) Gakkoo-wa buku-ga isogasi-katta.
 “Escola, eu estava ocupado”
 (LI; THOMPSON, 1976 *apud* PONTES, 1987, p. 97)

Sentenças como (30) se caracterizam por serem formadas por um tópico inicial seguido por uma oração completa, com sujeito e predicado, sem elementos faltantes (como é o caso de sentenças com TOP) e sem pronome-cópia (como é o caso de sentenças com DE), o que as torna totalmente dependentes do discurso. Nestes casos, há quebra entonacional e o elo semântico é criado pela justaposição do SN à oração completa, como é o caso do exemplo em PB:

- (31) Tina, pode botar a louça na máquina. E o almoço, eu volto mais cedo.
 (PONTES, 1987, p. 98)

No contexto da situação em que (31) foi proferida, de acordo com Pontes, o falante quis dizer que voltaria mais cedo para casa e prepararia o almoço. Sem o contexto, poderia significar que o falante voltaria mais cedo para almoçar. Para a autora, este é um caso que ilustra uma das máximas de Grice (1975): “seja breve (evite prolixidade desnecessária)” (GRICE, 1975 *apud* PONTES, 1987, p. 98), dado que o falante proferiu apenas o que não era possível suprir pelo contexto da situação.

As sentenças apresentadas por Li e Thompson (1976) como casos de “duplo sujeito” são similares às que Keenan e Schieffelin (1976) estudaram também em inglês. Entretanto, estes autores as denominam como construções com deslocamento à esquerda, logo, para eles, não pode haver pronome correferencial (ao contrário do que considera Ross, também para o inglês). Ainda, os autores consideram que o DE é típico de discurso informal, serve para introduzir um novo assunto ou reintroduzir, sendo mais utilizado quando o referente inicial não está no discurso precedente imediato, mas é conhecido ou identificável. Pontes cita um exemplo de Keenan e Schieffelin (1976), que expomos abaixo:

(32) The modern art the twentieth century art, there’s about eight books.

“A arte moderna, a arte do século vinte, existem cerca de oito livros”

(PONTES, 1987, p. 98)

Pontes em nenhum momento cede em chamar esta sentença de Keenan e Schieffelin (1976) como deslocamento à esquerda, a autora segue defendendo a denominação de “anacoluto” para sentenças iguais a esta. Em português brasileiro, os anacolutos não são típicos de discursos informais, uma vez que eles são encontrados em textos de escritores renomados desde o português arcaico; já a característica de introduzir ou reintroduzir um assunto serve para “almoço” em (31), embora não seja a bem verdade um “novo” assunto, porque está relacionado ao tópico/assunto principal “trabalho da cozinha”, logo, preparar o almoço poderia ser um subtópico, conforme Pontes. Prince (1980) também é citada por considerar que um SN inicial em uma sentença de DE significa que o falante irá iniciar um “(sub-)texto” pondo em destaque uma entidade de certa importância.

Em síntese, para Pontes, o anacoluto é similar a DE e TOP somente pelo fato de ter um elemento inicial seguido por uma sentença comentário, ou seja, os três são construções de tópico-comentário, porém ele se distingue por nunca ter um pronome-cópia e nem ser compreendido como um constituinte da oração que foi transposto para o início da sentença. Portanto, a autora considera que existem sentenças de “duplo sujeito”/“anacoluto” em PB e,

como os estudos de frequência em textos revelam que é uma língua com proeminência de sujeito, são sentenças “marcadas” (cf. Givón, 1979), sendo usadas para chamar a atenção para o referente inicial ou mudar de subtópico no discurso (realizando o mesmo papel que a locução prepositiva “quanto a” que é amplamente aceita).

No sexto e mais extenso capítulo da obra, “A ordem VS em português”, Pontes discorre a respeito da ordenação das palavras nas orações em português brasileiro comentando sobre o que algumas gramáticas declaram sobre a ordem VS e o que pode ser verificado pela frequência das ocorrências nos dados de língua escrita contemporânea e língua oral informal. Em português brasileiro, se considera que a ordem dos constituintes em orações com verbos transitivos é SVO (sujeito-verbo-objeto), uma ordem de valor sintático que existe, conforme Pontes (1987), “para assegurar a comunicação” (p. 106).

Ainda assim, a autora ressalta que inversões são possíveis com verbos transitivos quando não há risco de comprometer a interpretação correta ou quando há intenção de suscitar humor ou proposital ambiguidade. A autora defende que a ordem SVO está para verbos transitivos ao mesmo tempo em que a ordem VS está para verbos intransitivos, embora a ordem VS também possa ser encontrada em orações transitivas de forma mais restrita. Pontes cita uma passagem em que Mattoso Câmara Jr. comenta a respeito exatamente disso, da possibilidade de inversão do sujeito em português brasileiro:

quando não há um objeto direto para opor, pela colocação, ao sujeito ou quando mesmo com objeto direto, o mecanismo da concordância pode entrar em ação. Daí, a frequente posposição do sujeito: a) com verbos intransitivos, b) com verbos transitivos desde que o sujeito e o objeto direto são de número nominal diferente. Ex.: Chegaram os viajantes; Viram os meninos o lobo (MATTOSO CÂMARA JR., 1976, p. 253 *apud* PONTES, 1987, p. 107).

O primeiro exemplo do autor (“Chegaram os viajantes”) é de um verbo intransitivo, mais especificamente, um verbo inacusativo que não seleciona sujeito (isto é, o argumento externo/especificador de VP, como vimos no subcapítulo 1.1.3). Nestes casos, o constituinte considerado como sujeito da sentença “os viajantes” (inclusive desencadeando concordância) não é agentivo, mas sim o objeto direto (argumento interno/complemento de V), por oposição aos verbos inergativos que são considerados como os verdadeiros intransitivos, pois selecionam sujeito (p. ex., “viajar”, “ligar”, “trabalhar” e “pular”). Já no segundo exemplo (“Viram os meninos o lobo”), com verbo transitivo, não há como haver confusões quanto a qual SN é o sujeito e qual é o objeto, porque somente um único SN está em concordância com o verbo.

As gramáticas, retornando a Pontes, apresentam a ordem SVO como a ordem “normal”, “natural”, “não marcada” ou “canônica”. Cunha (1976), segundo a autora, argumenta

justamente a favor da predominância da “ordem direta” em SVO tanto em português como nas demais línguas românicas. Diante disso, Pontes analisou como se dá a posição do sujeito em relação ao verbo em português brasileiro, especialmente a posposição do sujeito e em quais orações, com quais verbos, etc., ela acontece. A amostra de língua escrita contemporânea consultada pela autora é composta pelas obras *Discurso de primavera e algumas sombras*, de Carlos Drummond de Andrade (1978), e *Galo das trevas*, de Pedro Nava (1981), e pela revista *Isto É* (10 de março de 1982). Já a amostra da língua oral informal é composta por dados que foram colhidos de gravações e outros que foram ouvidos pela autora.

Acerca das amostras analisadas, Pontes ressalta há uma tendência dos verbos chamados de “existenciais-apresentativos” (cf. Givón, 1979) ocorrerem mais em posição inicial, em todos os tipos de oração. As maiores ocorrências de VS em língua oral informal são exatamente com estes verbos (“vir”, “entrar”, “chegar”, “existir”, “aparecer”, “estar”, etc.). Além da ordem VS, a autora menciona a frequência de V inicial com os verbos considerados como impessoais, pois o SN que o segue não costuma ser considerado sujeito (p. ex., “*Tava muito tarde*”).

Quanto à frequência de ordem VS nas amostras, a cada 100 estruturas com verbo e sujeito exposto, a autora atestou que 15 foram de sujeitos pospostos e 85 de sujeitos antepostos na língua escrita, ao passo que 5 foram de sujeitos pospostos e 95 de sujeitos antepostos na língua oral. Os resultados da autora corroboram a ideia de que a ordem “não-marcada”, “normal”, é de SV em PB e que VS tem um caráter marcado que é ainda mais acentuado na língua oral informal, o que, segundo Pontes, é resultante da raridade de certos tipos de orações nesta modalidade, como as subordinadas em geral, por exemplo, as orações intercaladas, com infinitivos, relativas, etc.

A partir do exposto no sexto capítulo, no sétimo e último capítulo, “Ordem VS em português: uma tentativa de explanação”, a autora apresenta as generalizações e propõe uma explicação para as ocorrências de VS em português brasileiro. As principais generalizações são as seguintes: (i) a ordem VS “pode ocorrer nos ambientes em que não seja necessário recorrer à ordem SVO para distinguir sujeito de objeto” (PONTES, 1987, p. 149); (ii) a ordem VS “ocorre em orações marcadas, ou seja, não declarativas, ativas, afirmativas, neutras” (Ibid., 151); (iii) “a ordem VS costuma ser concomitante com a topicalização de algum elemento da sentença que não o sujeito” (Ibid., p. 151).

A explicação funcional destacada pela autora trata do caráter de novidade dos SNs sujeitos pospostos ao verbo. Isto significa que o SN é introduzido no discurso através da ordem VS e esta função “apresentativa” do sujeito é usada independente dele ser ou não usado posteriormente, como Pontes salienta. O “fator surpresa” da ordem VS em PB está em

consonância com o que Givón (1981) elenca como estratégias de descontinuidade, ele lista, sem ordem: “modificadores restritivos de um SN, variação VS/SV ou OV/VO, orações passivas X ativas, orações subordinadas X principais, orações finitas X infinitas, participiais, nominalizadas, SNs indefinidos, construções existenciais-apresentativos” (GIVÓN, 1981 *apud* PONTES, 1987, p. 154), ou seja, as estratégias de descontinuidade são a exceção, o “marcado” na língua. A descontinuidade está em oposição às estratégias de continuidade que são a “norma”, o “não marcado” na língua, esta é escalar e decrescente pela ordem:

anáfora zero; pronomes presos/não acentuados ou concordância gramatical; pronomes acentuados/independentes; SN definido deslocado para a direita; SN definido simples; SN definido deslocado para a esquerda; movimento de Y/topicalização contrastiva; construções de foco/truncadas (GIVÓN, 1981, p. 7 *apud* PONTES, 1987, p. 154)

Conforme Pontes, a mudança da ordem VS para SV (a de maior incidência) em PB é desencadeada pela maior topicalidade do sujeito, que tende a estar posposto ao verbo quanto menos tópico (e mais novo) e anteposto ao verbo quanto mais tópico (e mais velho) (cf. Givón, 1977; 1979). Tal articulação informacional em informação nova/informação velha também caracteriza a construção de tópico-comentário, pois o tópico não pode introduzir um assunto novo (cf. Pontes). Pelo viés de Givón, o sujeito se origina do tópico e é isso que Pontes crê que está acontecendo em PB com as construções de tópico, em especial as de topicalização. Enfim, a autora conclui que variação VS/SV é uma tensão viva na língua, pois de um lado há a ordem VS com a função apresentativa do SN sujeito e de outro há a potência do padrão dominante da ordem SVO.

1.2.1 Resumo

Com base na obra de Pontes (1987), podemos, primeiramente, constatar que as construções tópico-comentário são produtivas em português brasileiro: há sentenças com topicalização, com deslocamento à esquerda de qualquer constituinte e até com os chamados “duplos sujeitos” ou “sujeitos duplos” (cf. Li e Thompson, 1976), que são os “anacolutos” da gramática tradicional. Tais construções são encontradas tanto na língua oral quanto na língua escrita, em contextos formais e informais e em diversos registros, inclusive nas obras de escritores renomados, embora sejam severamente censuradas pelos gramáticos tradicionais e no momento da aprendizagem da escrita. Quase quatro décadas depois do lançamento da obra,

se considerarmos a língua escrita nas redes sociais, por exemplo, todas as construções de tópico são abundantes.

As várias construções de tópico registradas por Pontes até a motivam a questionar o fato do português brasileiro ser classificado como uma língua com proeminência de sujeito (com construções sujeito-predicado). A constatação de ocorrências de “duplo sujeito” na nossa língua (que são típicas de línguas com proeminência de tópico, não havendo nenhuma língua com proeminência de sujeito pura que as tenha, cf. Li e Thompson, 1976) é o que mais contribui para a argumentação da autora de que o PB se integraria pelo menos às línguas com proeminência de tópico e sujeito (em que as construções se distinguem facilmente, como o japonês), mesmo que o tópico na nossa língua nem sempre seja o controlador da correferência e não seja marcado morfológicamente.

Segundamente, o trabalho de Pontes se destaca pelos esforços em diferenciar topicalização de deslocamento à esquerda em PB, algo não muito fácil diante da opcionalidade de elipse do pronome-cópia na oração comentário na nossa língua. Conforme expomos no quadro 4, as conclusões de Pontes acerca da TOP e do DE são feitas, em suma, com base no tipo de SN, presença ou ausência de pronome-cópia na oração comentário, presença ou ausência de pausa entre o tópico e a oração, tendência de contraste e de continuidade discursiva.

Assim, a topicalização acontece com SNs definidos ou não definidos e sem pronome-cópia e pausa, é uma construção típica de contraste e é frequentemente utilizada para mudar de tópico. Em contrapartida, o deslocamento à esquerda se distingue por acontecer quando o SN alçado é especificamente definido e deixa um pronome correferente em seu lugar de origem na oração, a presença do pronome está intimamente ligada com a presença da pausa (embora seja possível haver DE sem pronome e sem pausa), e é usada geralmente sem contraste e para dar continuidade no discurso. Esta função discursiva está em oposição ao que Givón (1979) considera para DE, como vimos, para ele é uma construção de mudança de tópico, pois é usada quando o sujeito é trocado inesperadamente ou contrastivamente.

Por fim, chamamos a atenção para duas sentenças de deslocamento à esquerda que apareceram no subcapítulo:

- (33) a. Os livros, eles estão em cima da mesa. (=10a)
b. Essa competência ela é de natureza mental. (=15c)

(PONTES, 1987, p. 12 e 19)

As ocorrências acima, ambas com o SN adjacente ao pronome-cópia, se distinguem principalmente pela presença e ausência de pausa. Como ressaltamos no início da seção, a presença da vírgula nos exemplos da autora pode ser entendida como uma indicação de pausa, mas ela não faz esta relação. O que ela exprime na primeira nota da obra é que a pausa entre o tópico e a oração comentário é variável, podendo ser de longa duração ou até mesmo não existir. No entanto, embora considere que a pausa é frequente e favorecida em DE, em nenhum momento ela comenta a respeito especificamente do DE de sujeito e a ocorrência em (33b) é a única deste tipo que ocorre sem vírgula. Como a maioria dos dados de língua informal utilizados pela autora não está registrada, não seria possível fazer uma análise entonacional das construções e a inexistência de vírgula nesse exemplo pode ser atribuída à falta de revisão.

Quanto ao pronome correferente, Pontes o considera como um dos principais caracterizadores de DE e destaca que ele é bem mais frequente quando o tópico corresponde ao sujeito da oração, independente de o tópico e o sujeito estarem lado a lado ou distantes. De acordo com ela, o pronome-cópia contribui para caracterizar o elemento deslocado e pode ser compreendido como o único meio de explicitar o sujeito que está sendo referido, diante do empobrecimento da flexão verbal em português brasileiro, especialmente quando o sujeito está longe do verbo.

1.3 Deslocamento à esquerda ou redobro de sujeito

Neste subcapítulo, percorreremos a literatura referente à construção formada por um sintagma nominal inicial, que tem um nome como núcleo, adjacente ao seu pronome-cópia no português brasileiro, por exemplo: “Os livros, eles estão em cima da mesa” (cf. 10a e 33a, exemplo extraído de Pontes, 1987). Como vimos no subcapítulo anterior, a referida construção é considerada como deslocamento à esquerda de sujeito na pioneira obra de Pontes (1987), seguindo a orientação do trabalho de Ross (1967) para o inglês, e se caracteriza pelo “SN externo” (tópico) estar vinculado a um “pronome-cópia no interior da sentença” (sujeito), com frequente e favorável pausa entre os dois constituintes. Ao destacar esta construção em especial, apresentaremos trabalhos que discorrem a respeito dela através das características sintáticas, funcionais e prosódicas, com ênfase no português brasileiro. Vale mencionar que utilizamos o critério cronológico de lançamento das obras para organizar este subcapítulo.

Começamos por um autor que está presente no referencial teórico de Pontes (1987) e que já mencionamos no último subcapítulo: o funcionalista Givón, o único autor deste subcapítulo que não considera o português brasileiro em seus trabalhos, mas sim o inglês. A seguir, iremos relembrar algumas características das construções de DE apontadas por Givón, que já apareceram em Pontes (1987), exibir alguns exemplos do próprio autor e nos dedicar especialmente à obra pós-Pontes, Givón (1993), a principal razão por considerarmos o autor neste subcapítulo. Ainda que julguemos o trabalho de Ross (1967) extremamente importante para o estudo das construções que são o foco deste subcapítulo, acreditamos que na exposição do terceiro capítulo de Pontes (1987), conforme apresentamos, com as características e as restrições das construções de TOP e das construções de DE de acordo com Ross, conseguimos divulgar as principais ideias do autor.

Anteriormente, vimos que, para Givón (1979), há três mecanismos para explicitar o referente de acordo com o “grau de obviedade” dele. Para o autor (cf. análises feitas em texto do hebraico bíblico em Givón, 1977), o falante assume que o ouvinte irá experienciar graus de dificuldade ao tentar identificar o referente. Os três graus de obviedade são representados pelas três sentenças a seguir, de acordo com os exemplos do próprio autor:

- (34) a. He will arrive tomorrow.
“Ele chegará amanhã”
b. My friend will arrive tomorrow.
“Meu amigo chegará amanhã”
c. My friend, he will arrive tomorrow.
“Meu amigo, ele chegará amanhã”

(GIVÓN, 2012[1979], p. 91)

A partir dos exemplos, e retomando o que já foi citado por Pontes, a sentença em (34a) com pronome anafórico, podendo ser utilizada também apenas a concordância em línguas que licenciam o sujeito nulo, é utilizada quando o referente é muito óbvio, ou idêntico. Já (34b), com o sujeito sintagma nominal pleno e definido, é utilizada quando o referente é menos óbvio e (34c), um caso de deslocamento à esquerda de sujeito, é utilizada quando o sujeito não é nem um pouco óbvio, em outras palavras, quando o sujeito é trocado inesperadamente, ou contrastivamente (cf. Givón, 1979). Por isso, construções do tipo (34c) são marcadas, dada a sua iconicidade de marcar a mudança de referente no discurso. Tais construções, para Givón (1979), comumente têm quebra entonacional e são muito rígidas quanto à definitude do

sintagma nominal, logo, se por um lado elas são usadas para mudar de referente, por outro é presumido que o ouvinte conhece o referente, que é “dado” de alguma forma diante da necessidade do SN ser definido.

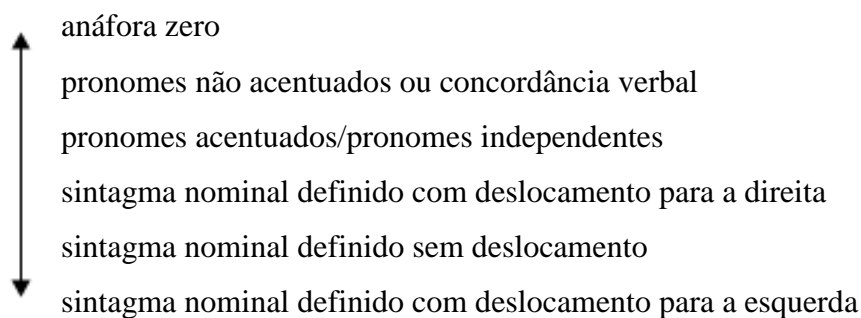
Conforme também já mencionamos no subcapítulo anterior, para Givón (1979), o sujeito se origina do tópico e isto quer dizer que o tópico ganha concordância gramatical e passa então a ser reanalisado como sujeito (cf. ideia originária em Givón, 1976). O autor apresenta a seguinte ilustração para este processo:

- (35) a. My ol'man, he rides with the Angels. → b. My ol'man he-rides with the Angels.
TÓPICO PRO V SUJEITO AG-V
“Meu pai, ele viaja com os Angels. → “Meu pai ele viaja com os Angels”
(GIVÓN, 2012[1979], p. 274)

Conforme o exemplo do autor, há duas diferenças entre as construções. A primeira está no status do SN “My ol'd man” e do pronome “he”, que na análise de (35a) são, por ordem, tópico e pronome sujeito, enquanto que na análise de (35b) são sujeito e pronome, morfema de concordância preso ao verbo. A segunda distinção está na presença e na ausência de vírgula que, como o autor considera que a vírgula é utilizada na escrita para representar a separação prosódica nas construções de deslocamento à esquerda, podemos concluir que a construção de (35a) tem pausa prosódica e a de (35b) não tem pausa prosódica, embora sejam idênticas no léxico.

Em Givón (1983), o autor complementa os graus de obviedade do referente com a escala de continuidade tópica no discurso, em que o DE está em oposição à anáfora zero, ou seja, Givón realmente considera que a função de DE é de descontinuidade tópica/assunto, conforme podemos visualizar a seguir:

(36) Tópico mais acessível/contínuo



Tópico menos acessível/descontínuo

(GIVÓN, 1983, p. 17)

As características do DE (não só de deslocamento à esquerda especificamente de sujeito) são apresentadas em Givón (1993), com base em registros orais do inglês. De acordo com o autor, o SN deslocado à esquerda exibe as seguintes características sintáticas: (i) SN mais comumente definido ou genérico; (ii) tem um pronome anafórico no interior da oração; (iii) Caso neutro (“*default*”) (GIVÓN, 1993, p. 210-12). Como característica prosódica, o autor aponta que há um contorno entoacional que separa o elemento deslocado do restante da sentença, que é representado por uma vírgula na escrita, isto significa que estas características são das construções do tipo da exposta em (35a), e não servem para as do tipo de (35b).

Quanto aos aspectos funcionais, Givón considera que: (i) o DE é usado para sinalizar o referente importante (assim como TOP) a que será dedicada alguma parte do discurso posterior; (ii) o DE marca uma ruptura temática (e TOP uma continuidade discursiva); (iii) o DE é usado para reintroduzir referentes no discurso após um intervalo considerável de ausência, com uma distância média de 15 orações, este intervalo é medido pelas orações entre o SN deslocado e a última menção; (iv) o SN deslocado e a última menção se encontram em unidades temáticas distintas; (v) o DE é geralmente usado em tomada de turno na conversação (GIVÓN, 1993, p. 209-12).

No subcapítulo anterior, vimos também que Pontes não se propõe a dar conta da análise entonacional das construções estudadas por ela. Diante disso, Callou *et al.* (2002[1993]), dos autores Dinah Callou, João Moraes, Yonne Leite, Mary Kato, Célia de Oliveira, Elenice Costa, Mônica Orsini e Violeta Rodrigues, surge para sanar esta lacuna no português brasileiro por analisar a construção de deslocamento à esquerda, e de topicalização, sobretudo prosodicamente nos inquéritos do NURC (das capitais de Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador).

Os pesquisadores coletaram 174 ocorrências, sendo 122 divididas em DE e TOP e, a fim de contrastar com estas, 54 ocorrências de sujeito. Como construções de DE, especificamente, foram analisadas 50 ocorrências de quatro tipos: SN vinculado a um pronome (37a), SN vinculado a um demonstrativo (37b), com repetição da mesma expressão (37c,d) e até com a substituição equivalente (37e), ou seja, não foram analisadas apenas as construções de SN seguido imediatamente por pronome correferente, que são as que mais nos interessam neste trabalho. Vejamos algumas ocorrências de DE citadas pelos autores:

- (37) a. Então a minha de onze anos... ela supervisiona o trabalho dos cinco. (D2-SP)
b. Esse problema de puxar pela criança... eu acho que isso não funciona muito. (DID-SSA)
c. O café... em casa o café é muito demorado... muito complicado. (D2-SP)
d. Eles também eles comem muitas coisas. (DID-RJ)
e. O grande problema das estradas brasileiras... o grande mal das estradas brasileiras é o mesmo troço (D2-SSA)

(CALLOU *et al.*, 2002, p. 320-2)

Sem mais delongas, passamos a apresentar os fatores de análise considerados pelos autores e seus respectivos resultados. Como o foco principal deste trabalho são as construções de DE, apresentaremos as análises das construções de topicalização e das construções de sujeito apenas quando julgarmos pertinente para a discussão. Acerca dos fatores sintáticos das construções de DE, foram analisadas a posição sintática e a categoria sintagmática do elemento co-indexado (isto é, o pronome-cópia) e a categoria sintagmática do elemento deslocado. Os autores constataram que, excluindo os casos em que o elemento co-indexado está em uma oração subordinada, o sintagma deslocado à esquerda está indexado ao elemento na posição sintática de sujeito em 87% dos casos e apenas em 13% o elemento co-indexado é complemento. Já a categoria sintagmática do elemento deslocado e a do seu co-indexado são apresentadas através da seguinte tabela:

Tabela 1 – Combinações categoriais dos elementos DE e dos co-indexados

Elemento deslocado	Elemento co-indexado	Número de casos	%
Sintagma nominal	Sintagma nominal	23	46%
Pronome	Sintagma nominal	0	0
Sintagma nominal	Pronome	17	34%
Pronome	Pronome	10	20%

Fonte: Callou *et al.* (2002[1993], p. 326).

De acordo com a tabela, as construções do tipo da exposta em (37c) e (37e) foram as que mais ocorreram no *corpus*, SN deslocado com SN co-indexado, em 46% dos casos, seguidas pelas construções do tipo (37a) e (37b), SN deslocado com pronome co-indexado, com 34%, e, por fim, as do tipo (37d), pronome deslocado e pronome co-indexado, com 20% e quando o elemento deslocado é um pronome não é possível ter um SN como elemento co-indexado. Se olharmos somente para a categoria sintagmática dos elementos deslocados e dos co-indexados de forma isolada, a categoria sintagmática preferível para os elementos deslocados é o sintagma nominal e para o elemento co-indexado é o pronominal.

O modo de interação das ocorrências também foi observado pelos autores. Eles observam que em elocução informal, que diz respeito aos inquiridos de diálogo entre informante e documentador (DID) e de diálogo entre dois informantes (D2), estavam presentes 34% das ocorrências de DE e os outros 58%, a maioria, foram em elocução formal (EF), contexto “em que o falante retoma inúmeras vezes o que foi dito a fim de manter explícitas todas as posições sintáticas, evitando lacunas” (Ibid., p. 327), ou seja, o DE é mais recorrente em discursos monitorados. A fim de ilustração, os autores exibem o seguinte dado de EF:

(38) Todas as subcategorias... todas as categorias, mesmo que tenham, que tenham subcategorias elas terão dentro delas próprias níveis de gradação. (EF-POA)

(CALLOU *et al.*, 2002, p. 327)

Nas análises dos fatores prosódicos, os autores (Callou *et al.*, 2002[1993]) reduziram o *corpus* de 50 ocorrências de deslocamento à esquerda para 43 por questões de audibilidade. A partir do que Pontes (1987) aponta como características do DE em PB (“com pausa, com pronome, não-contrastivo...”, cf. Ibid., 327), os autores mencionam o trabalho de Araújo (1988

apud Callou et al., 2002), que através da audição de fitas, conclui que a presença da pausa não é um parâmetro ideal para caracterizar DE, em oposição a ausência de pausa em TOP, pois, na verdade, a existência de pausa está relacionada com a função contrastiva ao passo que a ausência de pausa está associada a função coesiva das construções de tópico. Além da pausa, a entoação ascendente também é apontada como uma marcação do limite de tópico (cf. Ilari, 1986; Moraes, 1998 *apud Callou et al.*, 2002).

Diante do exposto, os autores constataram quatro possibilidades de pausa nas construções de DE, em maior ou menor duração, exibimos aqui a distribuição nas ocorrências de TOP também:

Tabela 2 – Distribuição da possibilidade de ocorrências de pausa em DE e TOP

Pausa	DE		TOP	
	N	%	N	%
sem pausa	10	23,2%	30	38%
micropausa	19	44,2%	28	35,4%
pausa média	11	25,6%	12	15,2%
pausa longa	3	7%	9	11,4%
Total	43		79	

Fonte: Adaptado de Callou *et al.* (2002[1993], p. 336).

A tabela acima mostra que a ausência de pausa foi constatada em 23,2% e a micropausa em 44,2% das construções de DE, enquanto que, em comparação, nas construções de TOP, 38% das ocorrências não apresentaram pausa e 35,4%, micropausa, ou seja, TOP tem uma maior tendência à ausência de pausa em comparação com o DE. Já os maiores índices de pausa média foram nas construções de DE, ao passo que os maiores índices de pausa longa foram nas construções de TOP. Ainda assim, conforme a tabela 2, a presença de pausa (média e longa) é mais característica das construções de DE (32,6%) do que das de TOP (26,6%).

Outro fator de análise considerado pelos autores foi o padrão entonacional das construções. Estas análises não foram muito determinantes para as construções de DE em sua totalidade, uma vez que houve uma distribuição equilibrada de DE nos diferentes padrões entoacionais analisados. No entanto, se os padrões ascendente e descendente forem combinados, o padrão descendente com ou sem pausa ocorre preferencialmente com DE. Conforme a tabela a seguir:

Tabela 3 – Relação entre padrões prosódicos e ocorrência de pausa em DE e TOP

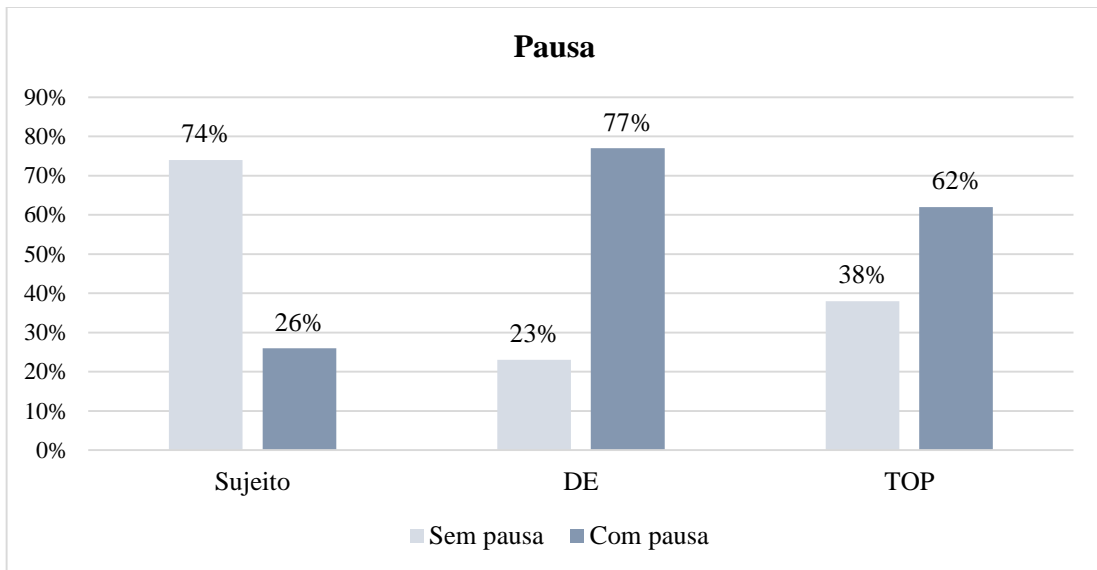
	Asc. com pausa	Asc. sem pausa	Desc. com pausa	Desc. sem pausa
DE	19%	2%	63%	16%
TOP	32%	18%	32%	19%

Fonte: Callou *et al.* (2002[1993], p. 336).

Algo interessante sobre os padrões prosódicos é que não foi encontrada nenhuma ocorrência de padrão prosódico descendente, ou sem modulação, justamente com o padrão de maior constatação de DE, nos dados de Porto Alegre, a única capital em que estes padrões prosódicos foram inexistentes. Assim sendo, ou não ocorreu nenhuma construção de DE nos dados da capital gaúcha ou as construções não seguiram o mesmo padrão prosódico das outras capitais, e foi exatamente isto que aconteceu. Todas as ocorrências de DE em POA foram de padrão ascendente, logo, o padrão geral distintivo para as duas construções não se confirma, o que pode significar que em realidade não há um padrão característico, mas sim padrões regionais, conforme Callou *et al.* (2002).

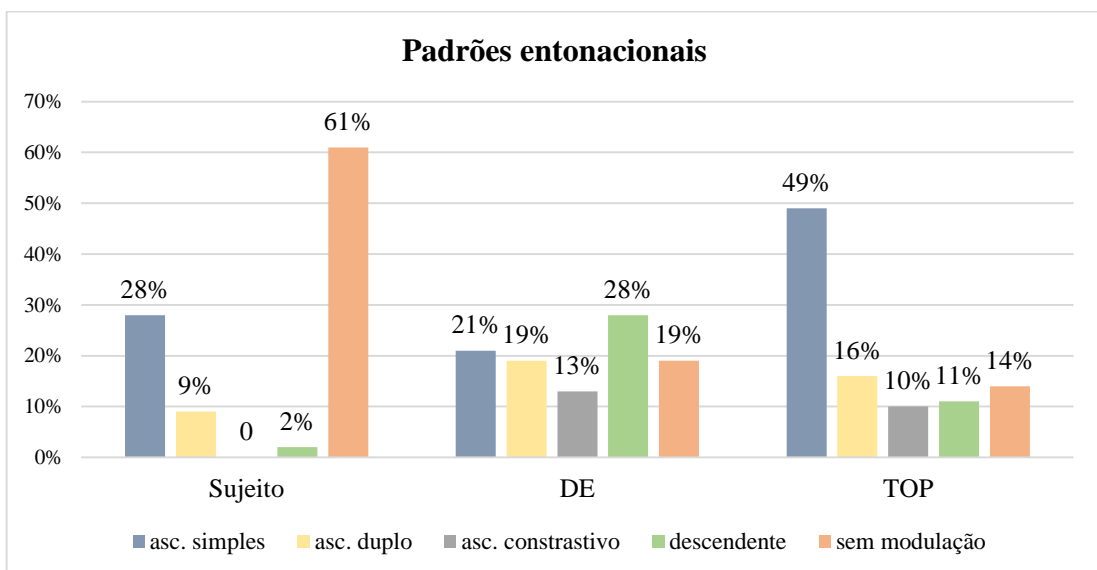
Em uma última etapa de investigação, os autores analisaram o comportamento prosódico das construções sujeito-predicado e descobriram que apenas em 2% ocorreu padrão prosódico descendente e em 37% dos casos ocorreu padrão ascendente, a maioria, os 61%, ocorreu sem modulação. Já a pausa na fronteira entre sujeito e predicado foi inexistente em 74% dos dados, os poucos casos de presença de pausa, 26%, foram atribuídos à maior extensão do sujeito, a maioria com 6 a 10 sílabas e outros com mais de 10 sílabas. Destacamos as diferenças entre as três construções nos gráficos abaixo:

Gráfico 1 – Ocorrências de pausa após SN sujeito, SN DE e SN TOP



Fonte: Adaptado de Callou *et al.* (2002, p. 336 e 350).

Gráfico 2 – Padrões entoacionais das construções



Fonte: Adaptado de Callou *et al.* (2002, p. 349 e 354).

Em geral, Callou *et al.* (2002) concluem que a distinção entre DE e TOP, além da vinculação a um elemento ou a uma categoria vazia, não é muito evidente em fatores prosódicos, há apenas tendências. No entanto, segundo os autores, estes fatores servem para opor as construções de tópico-comentário às construções de sujeito-predicado.

Duarte (1995), buscando relacionar o duplo sujeito com a perda do Princípio “Evite Pronome” (CHOMSKY, 1981) no PB, analisou uma amostra de língua oral composta pelo *corpus* do NURC-RJ (datado de 1992), por entrevistas de TV (1991) e por entrevistas de rádio (1993). Importa esclarecer que o que Duarte denomina como “duplo sujeito” não coincide com

o significado mencionado por Pontes, com base nos estudos de Li e Thompson (1976) (cf. subcapítulo 1.2). Veremos, pelos exemplos de Duarte (1995), que a autora chama de “duplo sujeito” o deslocamento à esquerda específico de sujeito.

Das sentenças com sujeito pleno que foram encontradas, a autora constatou construções com duplo sujeito em 16% (86) dos dados da amostra de fala espontânea e em 13% dos dados de cada amostra de mídia analisada em diferentes estruturas. A seguir, evidenciamos alguns exemplos das construções com duplo sujeito do *corpus* do NURC-RJ que foram consideradas por Duarte (1995):

- (39) a. A Clarinha ela cozinha que é uma maravilha. (Fem, 59-74 anos)¹⁸
b. Eu, eu sinto demais isso, né? (Fem, 45-53 anos)
c. Eu e a Paula, a gente ficava (dizendo): "Herodes tinha razão!" (Fem, 25-32 anos)
d. Eu acho que o povo brasileiro ele tem uma grave doença. (Masc, 25-32 anos)
e. Eu conheço duas (moças) que elas não sabem ficar sozinhas. (Fem, 25-32 anos)
f. Não vou falar de bermuda, porque os alunos hoje em dia no verão eles vêm assistir aulas com bermuda de qualquer tamanho... (Masc, 45-53 anos)
g. As minhas amigas, que achavam ridículo véu e grinalda, hoje em dia elas tão casando de véu e grinalda. (Fem, 25-32 anos)
h. O comércio acho que ele é sábio. (Masc, 25-32 anos)
i. Eu acho que um trabalho ele teria que começar por aí. (Masc, 25-32 anos)
j. Um homem comum, ele, tem um conforto compatível com a dignidade de uma pessoa humana, entendeu? (Masc, 59-74 anos)

(DUARTE, 1995, p. 108-11)

Conforme as ocorrências exibidas pela autora, ela considerou, como construção com duplo sujeito, a retomada pronominal tanto de um nominal quanto de outro pronominal, sem elemento interveniente entre o SN e o pronome (29 ocorrências, 34%) e com interrupção, por adjunto (27 ocorrências, 31%), por orações adjuntas (20 ocorrências, 23%), por relativas (7 ocorrências, 8%) e até casos de retomada na subordinada (3 ocorrências, 4%), (cf. 39h). Quanto ao tipo oracional, a maioria dos casos de duplo sujeito foi constatada em orações principais (35 ocorrências, 41%), seguida pelas ocorrências em orações independentes (32 ocorrências, 37%)

¹⁸ Duarte (1995) salienta que em seus exemplos a vírgula entre o elemento deslocado e pronome é indicativa de pausa na fala.

e pequenas porcentagens em completivas (8 ocorrências, 9%), adjuntas pospostas (8 ocorrências, 9%) e duplicação de relativo (3 ocorrências, 4%), (cf. 39e).

As ocorrências constatadas pela autora no *corpus* do NURC-RJ revelam algumas novidades para as construções com duplo sujeito. Primeiro, a pausa, que é representada pela vírgula nos dados de Duarte, não é característica da construção, conforme os exemplos (39a,d,e,f,h,i). Segundo, há possibilidade do SN duplicado ser indefinido ou genérico (cf. 39i,j), o que não foi encontrado por Pontes. Terceiro, de acordo com Duarte, das 86 ocorrências registradas, 76 tinham referência definida e 10 com referência arbitrária. A autora inclusive apresenta uma tabela com a distribuição destas ocorrências de acordo com a referência e a faixa etária dos informantes. Pela tabela, que exibimos abaixo, mais da metade das ocorrências constatadas é de informantes mais jovens:

Tabela 4 – Referência do duplo sujeito por faixa etária

Referência	Grupo 1 25 a 32 anos	Grupo 2 45 a 53 anos	Grupo 3 59 a 74 anos	Total
1ª pessoa singular	7	5	5	17
1ª pessoa plural	2	2	-	4
3ª pessoa singular	18	12	4	34
3ª pessoa plural	12	7	2	21
Ref. arbitrária	9	-	1	10
Total	48 (56%)	26 (30%)	12 (14%)	86 (100%)

Fonte: Adaptado de Duarte (1995, p. 110).

Já nos dados das entrevistas de TV e rádio, a autora não explicita a porcentagem em termos de orações ou tipo do SN duplicado, mas menciona que encontrou nestas amostras os mesmos contextos descobertos no *corpus* do NURC-RJ (em orações principais e encaixadas, com ou sem elementos intervenientes, retomando SNs ou pronomes, com referência definida ou arbitrária). As constatações de Duarte (1995) são indicativas de mudanças no estatuto das construções com duplo sujeito no PB, uma vez que não há restrições para a ocorrência de duplicação. Ainda, como bônus, a autora apresenta alguns dados produzidos por crianças:

- (40) a. Esse carro ele tem alarme também? (L., 7 anos)
 b. O menino que levou a tesourada ele foi pra tesouraria. (L., 7 anos)
 c. Tia G., a Laís ela não quer deixar eu brincar no computador. (J. P., 9 anos)
 d. O Daniel, né, ele é o mais brincalhão da classe. (J. P., 9 anos)
 e. O Miúra ele é cinza e vermelho. (J. A., 10 anos)
 f. Aí o meu amigo outro dia ele saiu assim... (J. A., 10 anos)

(DUARTE, 1995, p. 122-3)

E, adicionalmente, mostra a infiltração da construção com duplo sujeito em dados de língua escrita, desde a alfabetização até o período universitário. Aqui exibimos um exemplo de cada período em (42).

- (41) a. Papai,
Eu, a mamãe, o José e o João, nós estamos no jantar do banco. (Bilhete, L., 7 anos)
 b. A nasalidade ela possui valor fonológico quando ela distingue significados. (Prova de universitário)

(DUARTE, 1995, p. 115)

Diante dos tipos de ocorrências que foram constatadas por Duarte, ressaltamos que o duplo sujeito está tão infiltrado no português brasileiro que já não há mais restrições quanto a qual sintagma sujeito pode ser duplicado por um pronominal e que a construção está presente na língua oral e escrita de crianças a estudantes universitários. Segundo Duarte (1995), os resultados das análises apontam que as construções com duplo sujeito “retomam um referente nitidamente esperado e próximo” (p. 123) e são incompatíveis com línguas de sujeito nulo, o que pode ser usado como “argumento a favor do afastamento do PB desse grupo de línguas” (p. 123). Quanto à causa do fenômeno no PB, a autora considera que o que desencadeou as construções com duplo sujeito foi o empobrecimento do paradigma flexional do verbo, o mesmo causador da expressão lexical de sujeitos referenciais por pronominal (cf. Duarte, 1995; 2000).

Britto (1998), com base nos trabalhos de Kuroda (1972; 1976; 1992), para quem as línguas codificam sintaticamente os juízos tético e os categórico (por exemplo, em japonês, o morfema -ga, além de marcar o sujeito da oração, é expressão do juízo tético, e -wa, ademais de ser marcador de tópico, é expressão do juízo categórico) e fazendo um paralelo com o estudo de Martins (1994) para o português europeu (PE), correlaciona a estrutura sintática SV (sujeito-

verbo) à interpretação do juízo tético e a estrutura NP_{DE}SV (sintagma nominal deslocado à esquerda + pronome resumptivo sujeito) à interpretação do juízo categórico, diante da perda da ordem VS (verbo-sujeito) no PB.

As línguas românicas, de acordo com Kato (2020), conservam as ordem VS/SV para codificar, em ordem, o juízo tético, que é apresentativo (o foco está na ação verbal), e o juízo categórico, que é predicacional (o foco está no sujeito), independente do tipo do verbo. Esta correspondência acontece perfeitamente no português europeu, porém o mesmo não pode ser considerado para o português brasileiro, conforme já mencionamos, o paralelismo é um pouquinho distinto:

Quadro 5 – Configurações sintáticas de juízos categórico e tético em PE e PB

	Juízo Categórico	Juízo Tético
Português europeu	SV	VS
Português brasileiro	NP _{DE} SV	SV

Fonte: Britto (1998, p. 2).

Vejamos alguns exemplos contextualizados da expressão destes dois juízos em PB, de acordo com Britto (1998):

(42) [contexto] Uma pessoa chega em casa e, sem ter perguntado nada, alguém diz:

- I. a. Joana ligou.
- b. *A Joana ela ligou.
- II. a. (Vo)cê viu o jornal? Um judeu matou o Primeiro Ministro de Israel.
- b. *(Vo)cê viu o jornal? Um judeu ele matou o Primeiro Ministro de Israel.

(43) [contexto] Há uma semana não se fala em outra coisa que não de uma certa viagem e da guia, chamada Joana, contratada. A pessoa chega em casa e pergunta sobre as novidades, ao que o outro replica:

A Joana ela ligou e disse que está tudo certo.

(BRITTO, 1998, p. 28-9)

Assim, de acordo com Britto, as construções com sintagma deslocado à esquerda não aceitam interpretação não-específica, ou seja, o referente necessita estar ativado de alguma

forma. A autora também se dedica a diferenciar os dois juízos em termos de estrutura sintática, conforme (44):

- (44) a. [IP A Maria_i [I telefonou_j [VP t_i t_j]]]
b. [ΣP A Maria [IP ela_i [I telefonou_j [VP t_i t_j]]]]

(BRITTO, 1998, p. 208)

A tese de Britto, basicamente, é que em português brasileiro a expressão do juízo tético é refletida na estrutura sintática (44a) e a expressão do juízo categórico na estrutura (44b). A autora também discorre a respeito das implicações da estrutura sintática em (44b) quanto ao Critério Temático e ao Filtro do Caso (conforme já vimos em 1.1.3, mais especificamente nas notas de rodapé 6 e 7). Quanto ao Filtro do Caso, segundo o qual todo sintagma nominal pronunciado precisa ter Caso, o elemento gerado na base em Spec,ΣP tem Caso Tópico e o pronome, necessariamente fraco, é alçado da posição interna a VP e tem seu Caso Nominativo checado pelo núcleo funcional, o que normalmente acontece com os argumentos externos.

Já quanto ao Critério Temático, apoiada em Nunes (1995), que defende, com base em Chomsky (1993) que “o Critério-θ é uma condição relativa à *atribuição* e não ao *recebimento*” (NUNES, 1995, p. 168 *apud* BRITTO, 1998, p. 211, grifos da autora) de papéis temáticos, Britto considera que o indispensável é que os atribuidores de papéis temáticos saturem suas atribuições, o que é feito aos argumentos externos “A Maria” em (44a) e “ela” em (44b). Desta forma, (44b) não viola o Critério Temático com a presença do sintagma “A Maria”, que apenas checa traços formais em tal posição que é gerado, não estando vinculado a qualquer papel temático do V (cf. Britto, 1998, p. 213).

Assim, a autora conclui que a identificação de *pro* [+referencial] é impossível no PB atual, por causa da ausência de traços de pessoa no núcleo de concordância (Agr, *agreement*) (cf. Figueiredo Silva, 1996), e no lugar de *pro*, pronome fraco nominativo, “o PB apresenta, homófono ao seu correspondente forte, um pronome fraco nominativo lexicalizado” (p. 232) que pode ser [+/- animado], ao contrário do pronome forte que só pode ser [+animado]. Por outro lado, a autora faz um paralelismo entre as sentenças com DE de sujeito do PB e do francês com as sentenças SV do PE, tendo em vista que a posição Spec,IP é dedicada apenas a pronomes fracos (cf. Cardinaletti, 1997) e a posição Spec,ΣP é dedicada ao sujeito de juízo categórico (cf. Martins, 1994). A seguir, uma representação da estrutura sintática do juízo categórico nas três línguas mencionadas:

- (45) a. [ΣP S [IP *ele* [I V]]] PB
 b. [ΣP S [IP *il* [I V]]] Francês
 c. [ΣP S [IP *pro* [I V]]] PE

(BRITTO, 1998, p. 233)

Desta forma, na construção que estamos estudando, para Britto (1998), assim como para Kato (1998; 1999), o sintagma nominal inicial está deslocado e o pronome correferente é um pronome fraco. Kato (1998) considera que os elementos que podem ser deslocados se distinguem dos que podem ser sujeito da oração por terem as seguintes propriedades: (i) “sempre semanticamente referenciais, isto é, não podem ser quantificados”; (ii) “sintaticamente, não exercem diretamente um papel argumental; o argumento a eles associado aparece em forma de pronome, clítico, epíteto, DP repetido ou categoria vazia”; (iii) “pragmaticamente, não podem ser parte do foco (informação nova)” (KATO, 1998, p. 67-8). Acerca especificamente do pronome correferente, Kato (1999) argumenta que o PB criou um paradigma de pronomes nominativos fracos para satisfazer o Princípio de Projeção Estendido por causa do enfraquecimento da concordância verbal.

Moraes e Orsini (2003), em uma interface sintaxe/prosódia, investigam a relevância da prosódia na caracterização das construções de tópico (de deslocamento à esquerda e de topicalização), que se diferenciam segundo os autores, pela presença e pela ausência de pronome-cópia no interior do comentário, respectivamente, e também as construções de tópico-anacoluto (chamadas de construções de “duplo sujeito” por Li e Thompson, 1976), tópico-sujeito, sujeito e estrutura contrastiva. Antes de mais nada, cabe ressaltar que os autores elucidam que consideram como tópico “o sintagma nominal anterior, externo à sentença, normalmente já ativado no contexto discursivo, sobre o qual se faz uma proposição por meio de uma sentença-comentário” (p. 262).

Para as análises das construções, os autores elaboraram um *corpus* controlado composto por 20 frases contemplando as estratégias sintáticas usadas para “topicalizar” um elemento, conforme as ocorrências de língua falada encontradas no NURC-RJ. Todos os tópicos são constituídos de dois itens lexicais paroxítonos, ou seja, os autores não consideraram o deslocamento à esquerda de um pronominal, por exemplo. Segundo os autores, quando um tópico desempenha papel sintático de sujeito na oração comentário, não há um padrão entonacional com valor contrastivo, independente de ser uma construção de topicalização ou de deslocamento à esquerda, porém, enquanto o DE de sujeito é sempre não contrastivo, o DE de objeto direto pode ser [+/-contrastivo].

Acerca dos padrões prosódicos encontrados nas construções de tópico mencionadas, e em construção sujeito-predicado, os autores encontraram três padrões de pausa, que evidenciamos no quadro a seguir:

Quadro 6 – Padrões prosódicos nas construções examinadas por Moraes e Orsini (2003)

Padrão	Característica	Construção
Padrão 1	ausência de pausa, subida na segunda tônica maior que na primeira e sustentação do mesmo nível de altura na postônica	Sujeito “ <u>O primeiro emprego</u> é o mais marcante”
		Topicalização de argumento interno “ <u>O primeiro emprego</u> ache o mais marcante”
		Tópico-sujeito (Padrão tonal 1 com pausa) “ <u>O primeiro emprego</u> [pausa de 41ms] tinha muitas regalias”
Padrão 2	ausência de pausa, mas com uma altura mais elevada na postônica final do tópico	Estrutura contrastiva “A faculdade ele não levou muito a sério, mas <u>o primeiro emprego</u> ele trabalhou muito”
Padrão 3	presença de pausa, ainda que eventualmente curta, e primeira tônica com valor de F0 maior que a segunda e descida na postônica final do tópico	Deslocamento à esquerda “ <u>O primeiro emprego</u> [pausa de 40ms] <u>ele</u> é o mais marcante”
		Tópico-anacoluto “ <u>Primeiro emprego</u> [pausa de 288ms] todo mundo se sente feliz de entrar no mercado de trabalho”

Fonte: Adaptado de Moraes e Orsini (2003, p. 266-270).

O *corpus* elaborado pelos autores foi lido por um informante carioca, gravado e digitalizado para a análise acústica. Após detectarem os três padrões prosódicos, os autores ainda fizeram um teste de percepção e aplicaram com dez indivíduos, a fim de sanar alguma dúvida quanto à questão do *corpus* ter sido lido por um único informante. Os resultados, obtidos com base em uma construção de cada padrão, confirmam que os falantes distinguem e identificam os três padrões prosódicos detectados. O Padrão 1 foi 80% identificado na construção de sujeito, o Padrão 2 e o Padrão 3 foram 60% identificados, cada um, nas construções, por essa ordem, de estrutura contrastiva e de deslocamento à esquerda. No entanto, seria importante ouvir os julgamentos para as outras construções também, topicalização, tópico-sujeito e tópico-anacoluto, que não fizeram parte desta etapa de investigação. Moraes e Orsini (2003) ainda concluem que o papel sintático desempenhado pelo tópico na oração comentário não interfere no padrão prosódico da construção, e nem a presença ou a ausência de preposição no tópico.

Costa, Duarte e Silva (2004) argumentam que o PB realmente possui construções com deslocamento à esquerda, mas igualmente dispõe de construções com redobro do sujeito. A diferença é que DE, segundo De Cat (2002; 2005[2003]) para o francês, mas que se aplica igualmente para as construções de DE do PB, conforme os autores, é impossível com sujeitos quantificados, é agramatical sem quebra entoacional, só é possível com interpretação de tópico, é possível haver XPs entre o SN inicial e o pronome, sendo, portanto, uma estrutura de SN na periferia esquerda de IP e o pronome fraco em Spec,IP. Por outro lado, nas construções de redobro de sujeito, eles sugerem que o próprio sintagma sujeito hospeda traços de pessoa, de forma que o pronome fraco é uma lexicalização pós-sintática do valor deste traço. Conforme a estrutura a seguir:

(46) [IP [DP [DP O João] [D' [D ele]]] [VP ... correu...]]

(COSTA; DUARTE; SILVA, 2004, p. 142)

Pela estrutura sintática que é apresentada pelos autores, eles predizem que:

- i) Não há ruptura prosódica entre o DP em posição inicial e o pronome, uma vez que ambos ocupam a mesma projeção máxima.
- ii) O DP em posição inicial não tem obrigatoriamente propriedades de tópico, uma vez que não ocupa uma posição na periferia de IP.
- iii) Esta estrutura é mais complexa do que uma estrutura em que um DP simples ocupa a posição de Spec,IP, predizendo-se que só esteja disponível após a estabilização do traço de pessoa, e, portanto, que seja de aquisição tardia, conforme os fatos (GROLLA, 2000; GONÇALVES, 2004).
- iv) Não há XPs entre o DP e o pronome, uma vez que estes últimos se encontram numa relação Spec-head.
- v) Esta construção só está disponível com DPs definidos, uma vez que só estes podem ter diferentes especificações para o traço de pessoa.
- vi) Esta construção ocorre generalizadamente com 2ª e 3ª pessoas, uma vez que são estas as formas verbais deficitárias quanto à marcação de pessoa. (COSTA; DUARTE; SILVA, 2004, p. 142-3)

Os autores fazem uma ressalva quanto ao que consideram como sintagma definido. Eles, assumindo a análise de construção genitiva aos quantificadores com interpretação partitiva (cf. Miguel, 2004) e que o núcleo sintático do quantificador é um NP definido, defendem que é perfeitamente gramatical o redobro de sujeito com quantificadores. Conseqüentemente, (47a) e (48a) são gramaticais em PB, pois elas têm, respectivamente, as interpretações indicativas de (47b) e (48b), assim como (49) também é gramatical, já que seleciona um sintagma definido como complemento:

- (47) a. Cada criança ela leva seu livro para a escola.
 b. Cada um dos meninos leva um livro para a escola.
- (48) a. Alguns meninos eles levam um livro para a escola.
 b. Alguns dos meninos levam um livro para a escola.
- (49) Todos os meninos eles levam um livro pra escola.

(COSTA; DUARTE; SILVA, 2004, p. 143)

Duarte e Soares da Silva (2016), em amostras do *corpus* do NURC-RJ, apontam que o português brasileiro apresenta uma expressiva ocorrência de sujeitos deslocados à esquerda, o que não é encontrado nas línguas de sujeito nulo românicas. Eles constataram que a estrutura de DE é encontrada em oração matriz e subordinada, podendo o elemento deslocado estar adjacente ou não ao pronome correferente e não há restrições semânticas para o referente. Nas 52 ocorrências que encontraram na amostra analisada, 24 são [+humano][+específico], 21 são [-humano][+específico], 4 são [+humano][-específico] e 3 são [-humano][-específico], conforme os respectivos exemplos em (50). A análise dos traços semânticos de [+/-humano] e [+/- específico] feita pelos autores indica que é a especificidade do referente que mais influencia na ocorrência desta construção.

- (50) a. Eu acho que o povo brasileiro ele tem uma grave doença.
 b. O comércio eu acho que ele é sábio.
 c. Em qualquer dessas cidades, um homem comum ele tem um conforto compatível com a dignidade de uma pessoa humana, entendeu?
 d. Um apartamento com um banheiro só ele já vale menos.

(DUARTE; SOARES DA SILVA, 2016, p. 19-20)

Já Quarezemin (2019) considera que o PB apresenta dois tipos de construções em que o sujeito pré-verbal é seguido pelo pronome correferente, uma com pronome fraco e uma com pronome forte (cf. Quarezemin, 2018). Diante disso, a autora sugere que existem também dois tipos de estrutura: (i) com pronome fraco: o DP sujeito ocupa a posição Spec,SubjP, há redobro simples de um sujeito em posição argumental, mantendo a estrutura informacional sujeito-predicado, conforme (51); (ii) com pronome forte: o DP sujeito está deslocado à esquerda e tem as propriedades do tópico, a retomada pronominal é feita por um pronome que ocupa

Spec,SubjP, tendo a estrutura informacional tópico-comentário, conforme (52). A seguir, as estruturas apresentadas por Quarezemin e respectivos exemplos:

(51) [SubjP DP_i [Subj ele [TP t_i [T' V (...)]]]

- a. A Clarinha ela cozinha que é uma maravilha¹⁹.
- b. Eu acho que um trabalho sério ele teria que começar por aí.

(52) [TopP DP [SubjP eles_i [Subj [TP t_i [T' V (...)]]]]

- a. Você, no Canadá, você pode ser o que quiser.
- b. A empresa, eles reembolsaram passagem, hospedagem, alimentação...²⁰
- c. Espírito... eles ficam preso aqui na terra.
- d. O EPA, hoje em dia eles têm a preferência de mesclar.

(QUAREZEMIN, 2019, p. 55 e 58)

Diante do exposto, a tese da autora é que nos dois casos há redobro de sujeito. No primeiro caso (cf. 51), o sujeito é redobrado por um pronome fraco, o que a autora denomina como redobro de sujeito simples, e não há nenhum tipo de deslocamento, uma vez que esta “duplicação ocorre até mesmo onde um tópico não é permitido” (Ibid, p. 57). No segundo caso (cf. 52), o sujeito é redobrado por um pronome forte e se caracteriza como deslocamento à esquerda de sujeito, ocorrendo apenas quando há pausa prosódica e/ou tem algum elemento interveniente entre o sintagma inicial e o pronome. Neste último caso, conforme Quarezemin, “a concordância não é realizada com o DP sujeito, mas sim com o pronome” (Ibid, p. 55) (cf. 52b-d).

1.3.1 Resumo

Diante do exposto neste subcapítulo, verificamos que a construção formada por um sintagma nominal inicial, que tem um nome como núcleo, adjacente ao seu pronome correferente no português brasileiro é quase que unanimemente considerada como deslocamento à esquerda de sujeito (cf. Givón, 1979; 1983; 1993; Callou *et al.*, 2002[1993];

¹⁹ De acordo com Quarezemin (2019), os exemplos em (51a,b) e (52a) são de Duarte (2000, p. 28).

²⁰ De acordo com Quarezemin (2019), os exemplos em (52b-d) são de Souza (2007, p. 111).

Duarte, 1995; 2000; Britto, 1998; Kato, 1998; 1999; Moraes e Orsini, 2003; Duarte e Soares da Silva, 2016). As únicas exceções desta quase unanimidade estão em Givón (1979) (por considerar o pronome como morfema de concordância preso ao verbo, cf. 35b), em Costa, Duarte e Silva (2004) e em Quarezemin (2019).

Costa, Duarte e Silva (2004) e Quarezemin (2019) não negam a existência de construções com DE no PB, porém apresentam argumentos para a existência concomitante de construções com redobro de sujeito, estando o sintagma inicial em posição argumental. Pela análise de Costa, Duarte e Silva (2004), o sintagma inicial está em Spec,IP, junto com o pronome fraco, que é uma lexicalização pós-sintática (cf. 46), sob outra perspectiva, pela análise de Quarezemin (2019), o sintagma inicial está em Spec,SubjP e o pronome fraco é uma realização de Subj (cf. 51). Em ambos os casos, o pronome fraco está associado ao traço de pessoa e a análise estrutural dos autores subjaz a adjacência dos dois elementos e a ausência de pausa entre eles.

Vimos, pelas análises prosódicas de Callou *et al.*, 2002[1993] feitas em amostras do NURC, *corpus* de língua falada, que há construções de DE sem pausa, em 23,2% dos dados, mas em comparação com a construção de TOP, a pausa, seja ela média ou longa, está mais presente em 32,6% das construções de DE (*versus* os 26,6% da construção de TOP). No entanto, não podemos esquecer que os autores não consideraram como DE apenas as construções em que o SN inicial está adjacente ao pronome correferente, pelos exemplos no texto, eles consideram igualmente o SN vinculado a um demonstrativo, com repetição da mesma expressão e inclusive com a substituição equivalente (cf. 37). Moraes e Orsini (2003), também ao analisar a prosódia da construção, declaram que a construção de DE se caracteriza pela presença de pausa, ainda que eventualmente curta, como de 40ms (cf. quadro 6).

Conforme Britto (1998; 2000), o DE de sujeito é a expressão do juízo categórico em português brasileiro e o referente necessita estar ativado de alguma forma, pois, sendo uma expressão predicacional, o foco está no sujeito. Já Kato (1998) considera que os sintagmas deslocados diferem dos sintagmas sujeitos pelas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas, uma vez que a autora afirma que o elemento deslocado não exerce um papel argumental, necessita ser referencial e não pode ser uma informação nova.

Diante disso, as pesquisas de Duarte (1995; 2000) e de Duarte e Soares da Silva (2016), também considerando os dados do NURC, são importantes por apresentarem que em PB as construções de DE de sujeito: (i) são produtivas tanto em orações principais, quanto em subordinadas, independentes e completivas; (ii) podem ter SN adjacente ao pronome, mas também podem ser interrompidos por adjunto, orações adjuntas e relativas (cf. 39); (iii) não são

limitadas pela semântica característica do referente (cf. Duarte e Soares da Silva, 2016). Isto é, talvez a construção um dia foi realmente uma expressão de algum elemento tópico/assunto, mas o mesmo não se confirma atualmente, já que não há restrições semânticas para a ocorrência da construção.

Assim sendo, o único autor que analisou as construções em que o sintagma nominal inicial está adjacente ao seu pronome-cópia quanto aos aspectos sintáticos, prosódicos e funcionais foi Givón (1993) e considerando o inglês. Agora, resta saber se as considerações feitas para o inglês se aplicam de igual forma para o português brasileiro e o que, dos autores acima mencionados que consideraram o PB em seus estudos, ainda se confirma atualmente. Obviamente, alguns pontos contraditórios, por exemplo, a respeito da necessidade do referente já estar ativado ou não ou até mesmo a presença de pausa entre o sintagma nominal e o pronominal, serão esclarecidos.

2 PRÉ-ANÁLISES

As ocorrências de sintagma nominal, como sujeito pré-verbal, adjacente ao pronome correferente foram investigadas no *corpus* de língua falada LínguaPOA²¹. Neste capítulo, apresentaremos o *corpus* e descreveremos a metodologia utilizada para as análises, que serão expostas no próximo capítulo.

2.1 O *corpus* LínguaPOA

O *corpus* LínguaPOA reúne registros do português brasileiro falado em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, teve início no ano de 2015 e as últimas entrevistas são datadas de 2019, sendo o banco de dados mais atual da cidade. O acervo do *corpus* é constituído por entrevistas sociolinguísticas, que são documentadas por pesquisadores do Instituto de Letras da UFRGS. As entrevistas são roteirizadas, feitas por um ou dois entrevistadores, e têm o intuito de instigar o informante a expor as narrativas pessoais e o próprio cotidiano na cidade gaúcha. Os informantes necessariamente nasceram em Porto Alegre, ou se mudaram antes dos 5 anos de idade, e permaneceram a maior parte de suas vidas na cidade.

As entrevistas, levando em conta as informações dos entrevistados, são estratificadas pelos seguintes critérios:

- 2 gêneros: feminino e masculino
- 3 grupos etários: 20-39 anos, 40-59 anos e 60+ anos
- 3 níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior
- 4 zonas: central, norte, sul e leste
- 2 bairros por zona (por renda média mensal em salários mínimos, cf. ObservaPOA (www.observapoa.com.br))

De acordo com as informações disponíveis no próprio site do LínguaPOA, o acervo é um resultado do projeto Variação fonético-fonológica e classe social na comunidade de fala de Porto Alegre (março de 2015 a fevereiro de 2019), coordenado pela Profa. Dra. Elisa Battisti (PPG Letras da UFRGS), registrado no CNPq (cf. Battisti *et al.*, 2017).

²¹ LÍNGUAPOA. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015-2019 (2016-2018). Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/linguapoa/>>. Acesso em: 27 out. 2021.

Na presente pesquisa, foram analisadas dezessete entrevistas datadas entre os anos de 2015 a 2018. As informações sociolinguísticas dos dezessete informantes são apresentadas a seguir:

Quadro 7 – Informações sociolinguísticas dos informantes

Informante	Gênero	Faixa etária	Escolaridade	Zona	Estrato	Data da entrevista
INF06	Feminino	20-39	Superior	Central	B1	2016
INF24	Feminino	20-39	Superior	Central	C2	2017
INF30	Feminino	40-59	Superior	Central	B2	2016
INF35	Feminino	60+	Médio	Central	C1	2017
INF42	Feminino	20-39	Superior	Norte	A	2018
INF48	Feminino	40-59	Superior	Norte	C1	2017
INF51	Masculino	60+	Superior	Norte	A	2018
INF57	Masculino	20-39	Superior	Norte	B2	2016
INF60	Feminino	20-39	Superior	Norte	B2	2016
INF77	Feminino	20-39	Médio	Leste	A	2018
INF91	Masculino	20-39	Fundamental	Leste	B2	2017
INF92	Masculino	20-39	Médio	Leste	C1	2016
INF108	Feminino	60+	Superior	Leste	B2	2018
INF120	Feminino	40-59	Superior	Sul	A	2015
INF123	Masculino	60+	Superior	Sul	A	2018
INF129	Masculino	20-39	Superior	Sul	B1	2016
INF132	Feminino	20-39	Superior	Sul	A	2016

Fonte: a autora.

2.2 Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa é baseada em análises de *corpus* de língua falada, tais análises foram divididas em seis grandes etapas. A primeira etapa da pesquisa foi a leitura das entrevistas transcritas que nos foram gentilmente disponibilizadas pelo acervo do LínguaPOA, em formato de texto (.doc). Após identificar a produtividade das construções de redobro de sujeito, em um segundo momento, decidimos selecionar as ocorrências de uma construção bem específica para a presente investigação: sintagma nominal, que tem um nome como núcleo, adjacente ao pronome correferente, conforme os exemplos a seguir:

Entrevistador: E o que que, eles fazem alguma coisa, eles estudam, trabalham?

Informante: **O meu irmão, ele tem oito anos**, ele tá estudando ali no Santa Inês. A minha mãe tava trabalhando até recentemente, mas agora ela foi demitida. **E o meu pai, ele trabalha com com publicidade.**

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 77.

Outras construções de redobro de sujeito também foram observadas no *corpus*, mas nem foram contabilizadas, por exemplo:

- Redobro de pronominal

Entrevistador: E tem algum tipo de jogo específico que tu joga ou vários tipos?

Informante: Eu jo/ eu era bem mais, eu gostava bem mais dos, **eu eu jogava vários tipos de jogos quando era mais novo**, mas sei lá depois de um tempo assim mais eu gosto de jogar são jogos de estratégia os, os que são de RPG online que são de um conteúdo mais ahm sei lá, não jogos de tiro, de luta, eu gostava quando era mais novo, mas hoje em dia não sou muito.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 57.

- Sintagma nominal não adjacente ao pronome correferente

Entrevistador: E dos teus pais, assim, dos teus familiares tu costumava ouvir alguma história?

Informante: Meu vô. **Meu vô toda a vez que eu ia dormir, eu era pequeno, ele contava uma história.**

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 91.

- Algum elemento fonológico entre o sintagma nominal e o pronome correferente

Entrevistador: Ahm, e tu já correste algum risco de vida, Maria? Alguma situação que tu te lembres, ou se tu conhece alguém que já correu risco de vida, assim, um assalto, um acidente.
Informante: **Um amigo meu, ahm, ele é de São Leopoldo**, ele, teve um assalto que que quebraram o maxilar dele e eu, se não me engano, ahm, apontaram uma arma pra ele, mas foi, tipo, o máximo que eu conheço, assim.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 132.

Nas dezessete entrevistas transcritas foram constatadas 76 ocorrências de SN adjacente ao pronome correferente, do tipo que estávamos investigando. Assim, o terceiro passo foi dedicado à escuta das entrevistas, em formato de áudio (.mp3), com o intuito de confirmar as ocorrências encontradas na transcrição. Da leitura para a escuta, perdemos três ocorrências, uma por haver um verbo entre o SN e o pronome e as outras duas por critérios de anonimização de dados, uma vez que os nomes que identificam o informante precisam ser cortados nos áudios. Nestas duas ocorrências, além do nome, o pronome que está presente na transcrição também foi cortado. Diante disso, consideramos, então, 73 ocorrências para as nossas investigações.

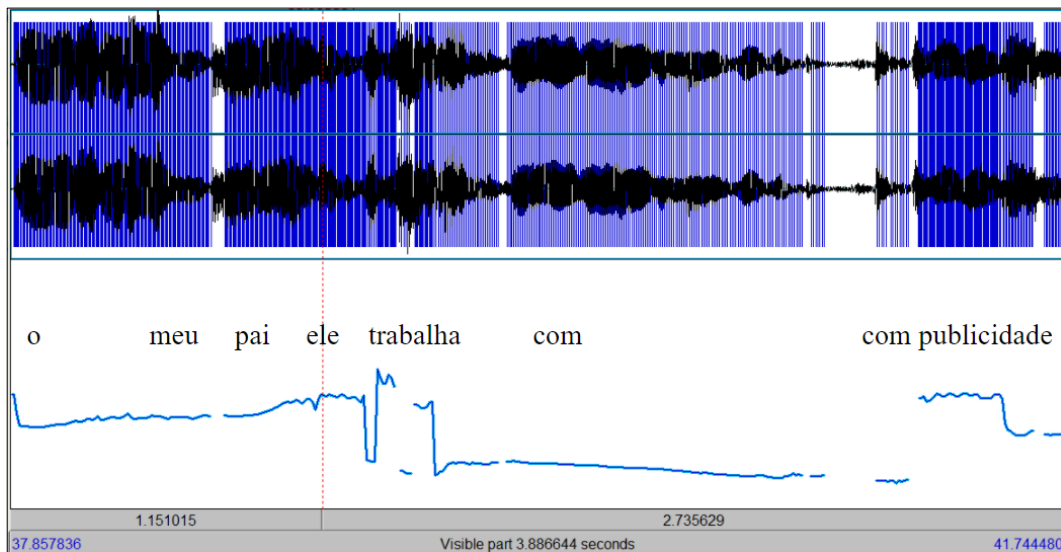
No quarto momento, nos dedicamos a analisar a ausência e a presença de pausa entre o sintagma nominal e o pronome. Pelas análises prosódicas feitas no Praat e por nossa análise pessoal de oitiva, observamos que a vírgula entre o SN e o pronome, presente na transcrição de algumas construções, não correspondia à presença de pausa, mesmo que mínima, na fala do informante. Como exemplo, as construções acima mostradas como o modelo da construção específica a que esta pesquisa se dedica, “O meu irmão, ele tem oito anos” e “O meu pai, ele trabalha com publicidade”, foram transcritas com vírgula, porém não há nenhuma marcação de pausa no áudio, de acordo com as respectivas análises na figura 1 e na figura 2. No Praat, consideramos os *pulses*, que são os ciclos de vibração das cordas vocais, assinalados com linhas azuis verticais, e o contorno do *pitch*, que é ilustrado através da linha azul no quadro inferior, a continuidade da linha significa a ausência de pausa e a ruptura, a presença de pausa.

Figura 1 – Praat “O meu irmão ele tem oito anos” [INF77]



Fonte: a autora.

Figura 2 – Praat “O meu pai ele trabalha com: com publicidade” [INF77]



Fonte: a autora.

Depois de analisar a prosódia das ocorrências, exclusivamente a presença ou a ausência de pausa entre SN e pronome, em um quinto momento, reunimos cada ocorrência encontrada no *corpus* em uma planilha, formato (.xls), especificando o número da ocorrência (coluna A), o informante (coluna B), a sentença (coluna C) e a pausa (quando existente) em milissegundos (ms) (coluna D), conforme a figura 3 abaixo:

Figura 3 – Planilha de análise dos dados

	A	B	C	D
1	Nº	Informante	Sentença	Pausa (ms)
2	1	INF06	O pai, ele trabalhava no: Demae, no: sistema de águas.	64
3	2	INF06	o meu marido, ele é motoboy	72
4	3	INF06	<i>Porque</i> eu e o meu pai a gente não é muito assim a	0
5	4	INF06	<i>Então</i> o meu pai ele fico, assim, ele t/ ele fico sustentand	0
6	5	INF06	<i>porque</i> o meu marido, ele fuma	270
7	6	INF24	As minhas amigas elas moram meio que por aqui, pelo B	0
8	7	INF24	<i>que</i> meu padrasto ele tinha um emprego em Curitiba	0
9	8	INF24	<i>Ah então</i> , a minha mãe ela é professora de inglês	0
10	9	INF24	<i>É que</i> a minha prime(i)ra namora ela já tinha uma namora	0
11	10	INF24	<i>Aí</i> a Mimi ela era de uma amiga minha	0

Fonte: a autora.

Por fim, nos dedicamos a analisar os aspectos sintáticos e os informacionais/discursivos de cada ocorrência, outras colunas foram acrescentadas na planilha para reunir estas investigações. Os resultados das três análises, prosódicas (exclusivamente no que concerne à pausa), sintáticas e informacionais/discursivas, serão apresentados no próximo capítulo. Ainda, na última subseção do capítulo subsequente, investigaremos se há algum aspecto sociolinguístico contribuindo para a manifestação das construções.

3 ANÁLISES

Para dar início às discussões, apresentaremos o comportamento das 73 construções encontradas no *corpus* LínguaPOA. Neste capítulo, mostraremos a forma como as estruturas foram usadas pelos informantes e em quais situações discursivas, discutiremos os principais resultados e quais são os contextos favorecedores da construção de SN adjacente ao pronome correferente, tanto sem pausa quanto com pausa.

3.1 Aspectos prosódicos

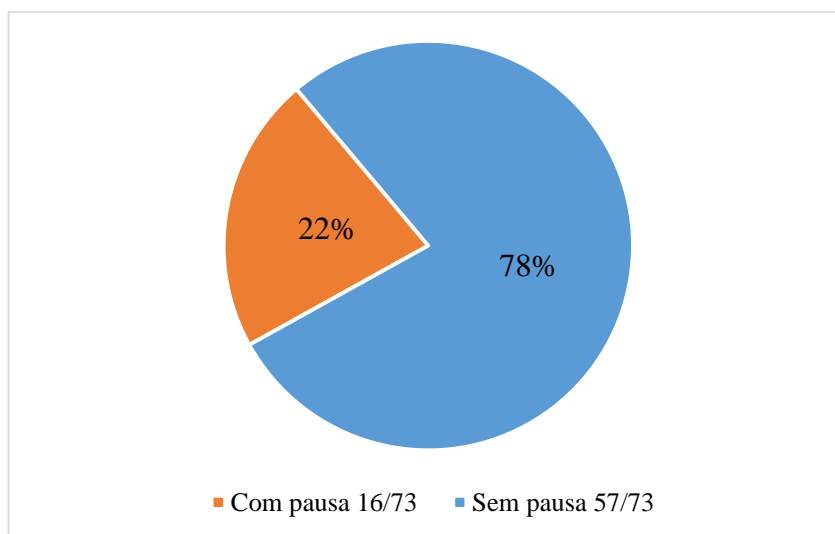
Começaremos a exposição de nossas análises por uma característica presente em toda a literatura que foi citada a respeito da construção de sintagma nominal adjacente ao pronome-cópia, independentemente de ser considerada como deslocamento à esquerda de sujeito ou redobro de sujeito: a pausa prosódica. A presença de pausa entre o SN e o pronome é uma característica destas construções desde Ross (1967), para o inglês, e foi confirmada por Pontes (1987) nos dados do português brasileiro. Apesar de Pontes considerar que é possível não haver pausa, a autora aponta que a pausa é favorecida e frequente em DE e a correlaciona ao pronome-cópia. Os estudos de Callou *et al.* (2002), no *corpus* do NURC, confirmam a possibilidade da ausência de pausa, mas a presença de pausa ainda é considerada como característica das construções de DE, em oposição às ocorrências de TOP (cf. tabela 2 no subcapítulo 1.3), o que é confirmado pelos testes de Moraes e Orsini (2003) (cf. quadro 6). Enfim, por tudo que já foi exposto, podemos concluir, pela frequência, que a pausa é uma característica da construção, embora haja alguns dados destoantes.

Os estudos mais recentes (cf. Costa, Duarte e Silva, 2004; Quarezemin, 2019), que investigam apenas o redobro ou o DE de sujeitos, não correlacionam a presença da pausa ao pronome correferente (como Pontes, por exemplo). Para eles, basicamente, a presença de pausa prosódica e/ou a não adjacência entre o sintagma inicial e o pronome caracterizam uma construção de deslocamento à esquerda de sujeito, enquanto a ausência de pausa e/ou adjacência seriam caracterizadores de construção de redobro de sujeito. Diante disso, e como os autores não mencionam a frequência de cada construção, analisamos como se dá a pausa entre o SN e o pronome nos dados do *corpus* LínguaPOA.

3.1.1 Com pausa ou sem pausa entre o SN e o pronome correferente?

As 73 ocorrências de sintagma nominal, em posição de sujeito pré-verbal, seguido imediatamente de seu pronome-cópia, foram analisadas no Praat e apresentam a seguinte distribuição quanto à pausa entre os dois elementos:

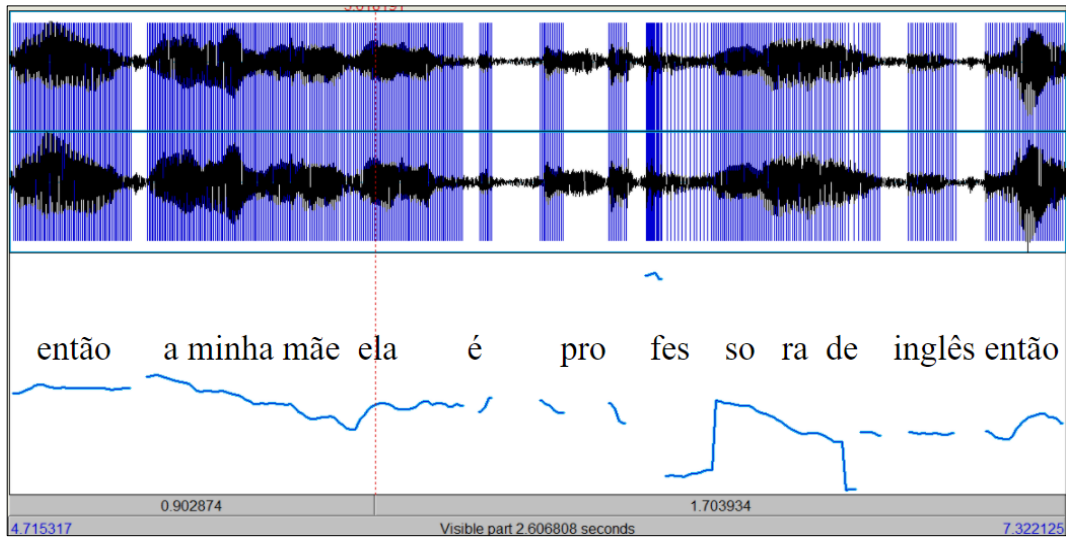
Gráfico 3 – Distribuição entre presença de pausa e ausência de pausa total



Fonte: a autora.

No gráfico acima é perceptível a discrepância entre o que é apontado na literatura e as ocorrências do *corpus*. Não podemos dizer que há um favorecimento de pausa, pelo contrário, os dados apontam que é a ausência de pausa prosódica que está sendo utilizada atualmente na construção. Duas construções sem pausa já foram expostas no capítulo anterior (figura 1 e 2), de acordo com as respectivas análises do Praat. Aqui, acrescentamos mais dois exemplos:

Figura 4 – Praat “A minha mãe ela é professora de inglês” [INF24]



Fonte: a autora.

Figura 5 – Praat “Queijo camembert ele vira um molho da massa” [INF48]



Fonte: a autora.

3.1.2 Qual o tempo de duração da pausa entre o SN e o pronome correferente?

Quanto aos dados com pausa entre o SN e o pronome, foram consideradas três possibilidades de presença de pausa prosódica em Callou *et al.* (2002[1993]), micropausa, pausa média e pausa longa (cf. tabela 2 no subcapítulo 1.3), porém os autores não explicitam qual foi o tempo considerado para cada tipo de pausa. Diante disso, decidimos utilizar a mesma

nomenclatura e determinamos a referência para cada pausa de acordo com as ocorrências de pausa encontradas no *corpus*, de 20ms a 1.040ms.

Tabela 5 – Tempo de duração da pausa em milissegundos

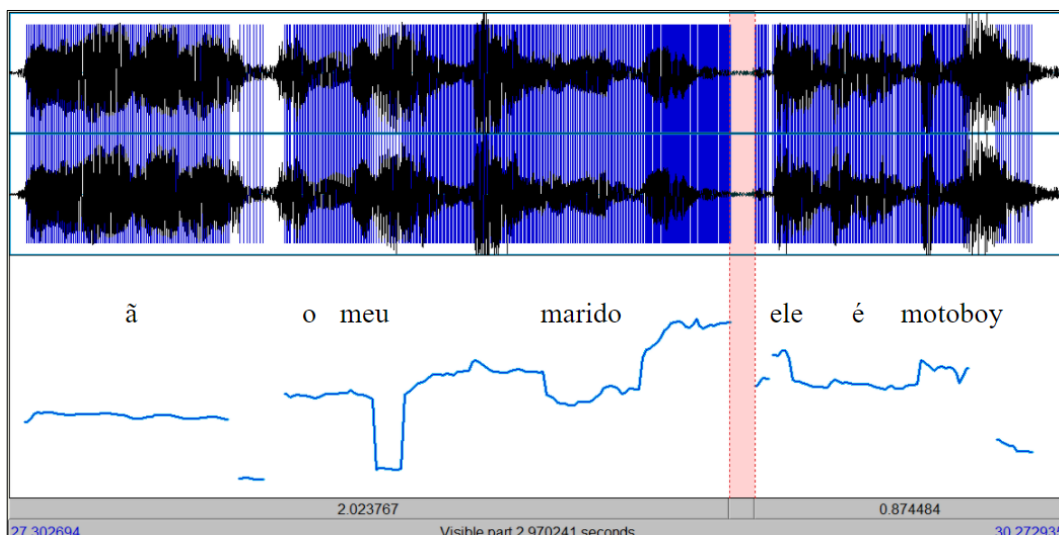
Pausa	Ocorrências no <i>corpus</i>	Total	
		16	100%
micropausa (20 a 250ms)	20ms, 25ms, 26ms, 64ms, 72ms, 124ms, 225ms	7	44%
pausa média (251 a 500ms)	260ms, 270ms, 273ms, 440ms	4	25%
pausa longa (501 a 1.040ms)	518ms, 541ms, 607ms, 701ms, 1.040ms	5	31%

Fonte: a autora.

Conforme podemos visualizar na distribuição exposta na tabela, houve 7 ocorrências do que consideramos como micropausa (de 20 a 225ms), 4 de pausa média (de 260 a 440ms) e 5 de pausa longa (de 518 a 1.040ms). Isto significa que, nesta distribuição, 44% das ocorrências são de micropausa, entretanto, se considerarmos as ocorrências de pausa média e longa em conjunto, o percentual é superior ao que foi encontrado para micropausa (56%). A seguir, vejamos um exemplo de cada grupo de tempo, conforme as análises do Praat. Nas figuras, o tempo de duração da pausa é selecionado em rosa.

- Micropausa - com pausa de 72ms

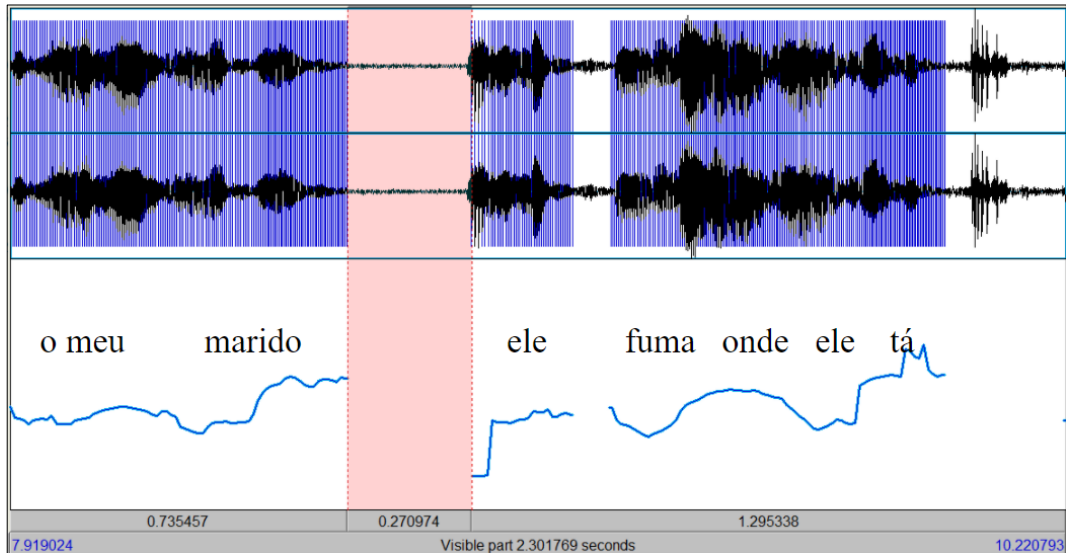
Figura 6 – Praat “O meu marido, ele é motoboy” [INF06]



Fonte: a autora.

- Pausa média - com pausa de 270ms

Figura 7 – Praat “O meu marido, ele fuma onde ele tá” [INF06]



Fonte: a autora.

- Pausa longa - com pausa de 607ms

Figura 8 – Praat “Porto Alegre, ela tem mais essa diversi/diversidade” [INF48]



Fonte: a autora.

Enfim, diante dos resultados das análises feitas no Praat, constatamos que a maior parte dos dados não tem pausa entre o SN e o pronome correferente (57 ocorrências, 78%), mas realmente há algumas ocorrências com pausa entre os elementos (16 ocorrências, 22%), variando entre 20ms e 1,04s. Agora, resta saber se há alguma diferença na formação do sintagma ou de cunho funcional entre as construções sem pausa e as com pausa prosódica.

3.2 Aspectos sintáticos

Nesta subseção, investigaremos como se dá a formação sintática das 73 sentenças com o sintagma nominal sujeito adjacente ao seu respectivo pronome correferente. A seguir, primeiro apresentaremos a composição do sintagma nominal destas construções e questionaremos se realmente é necessário que todos os SNs sejam definidos, conforme Pontes (1987), para as construções com deslocamento à esquerda, e Costa, Duarte e Silva (2004), para as construções com redobro de sujeito. Posteriormente, investigaremos quais são os pronomes correferentes que apareceram nos dados do *corpus* e os tipos de orações em que a construção está inserida, observando se porventura há alguma distinção sintática entre aquelas que não possuem e as que possuem pausa prosódica. Finalmente, relembremos as possibilidades de estrutura sintática presentes na literatura tanto para as construções com pausa quanto para as sem pausa.

3.2.1 Qual é a forma do sintagma nominal nas construções?

Nas 73 ocorrências de SN adjacente ao pronome-cópia foram encontradas 21 formas distintas de composição do SN. As maiores ocorrências são de SN formado por artigo, pronome possessivo e substantivo (18 ocorrências, 25% do total), seguido de SN formado por artigo e substantivo (16 ocorrências, 22%) e por SN formado por pronome possessivo e substantivo (8 ocorrências, 11%). As outras composições não atingem 10% e há dez composições com apenas uma ocorrência cada. Os tipos de composição do sintagma nominal são expostos na tabela 6 a seguir, com um exemplo ilustrativo para cada e os respectivos números de ocorrência²²:

²² As siglas utilizadas nas tabelas 6 e 7 deste subcapítulo são as seguintes:

Adj – Adjetivo

Adv – Advérbio

Art – Artigo

ArtInd – Artigo Indefinido

Conj – Conjunção

Pron – Pronome

PronD – Pronome Demonstrativo

PronP – Pronome Possessivo

Subs – Substantivo

SP – Sintagma Preposicional

Tabela 6 – Composição do sintagma nominal total

Nº	Composição do SN	Exemplo	Ocorrência
1	Art+PronP+Subs	“O meu irmão, ele é formado em história” [INF57]	18 (25%)
2	Art+Subs	“a Mimi ela era de uma amiga minha” [INF24]	16 (22%)
3	PronP+Subs	“Minha família, ela não é grande” [INF60]	8 (11%)
4	Art+Subs+Adj	“a zona sul ela é muito espaçada” [INF132]	6 (9%)
5	Art+Subs+SP	“o bairro em si ele já é dividido, em algumas categorias” [INF129]	3 (5%)
6	Art+PronP+Adj+Subs	“O meu amigo João ele fuma” [INF77]	2 (3%)
7	Art+PronP+Subs+Adj	“A minha família imediata ela não é tão grande” [INF132]	2 (3%)
8	Pron+Art+Subs+SP	“todas as mudanças de Porto Alegre elas são boas e ruins” [INF132]	2 (3%)
9	Pron+Conj+Art+PronP+Subs	“eu e o meu pai a gente não é muito assim” [INF06]	2 (3%)
10	Pron+Conj+Pron	“eu e ele a gente era, superamigo” [INF60]	2 (3%)
11	Substantivo	“Porto Alegre, ela, não é uma cidade por exemplo turística” [INF57]	2 (3%)
12	ArtInd+Subs+Adj	“um pouco da estrutura da cidade ela não, ela não foi preparada pra, parece que, ser algo grande como tá sendo” [INF60]	1 (1%)
13	Adv+Art+Subs	“aqui o trânsito ele tem pessoas que dirigem bem e outras que dirigem muito mal” [INF51]	1 (1%)
14	Art+Adv+Subs	“A mais velha, ela, ela tá fazendo a pós na Uniritter” [INF108]	1 (1%)
15	Art+Pron+Subs	“o outro tio ele trabalha com móveis pré-planejados” [INF132]	1 (1%)
16	Art+PronP+Subs+SP	“A minha família de sangue, ela, mora em Roraima” [INF42]	1 (1%)
17	Art+Subs+Adj+PronP	“o curso técnico nosso ele tinha uma empregabilidade sensacional” [INF51]	1 (1%)
18	PronD+Adv	“essa daqui ela vai dar ali na Bordini” [INF48]	1 (1%)
19	PronD+PronP+Subs+Adj	“essa minha avó paterna, ela nasceu em mil oitocentos e noventa e nove” [INF30]	1 (1%)
20	PronD+Subs	“essa empresa ela trabalha vendendo uma/ ela trabalha com uma plataforma vendendo esse tipo de coisa e outras coisinhas ligadas a telecomunicações” [INF51]	1 (1%)
21	Subs+Adj	“queijo camembert ele vira um molho da massa” [INF48]	1 (1%)
TOTAL			73 (100%)

Fonte: a autora.

Ao observar o SN somente das construções sem pausa e o SN das construções com pausa, em ambos, os maiores números de ocorrências nos dois tipos de construções seguem sendo de SN composto por artigo, pronome possessivo e substantivo, 13 ocorrências nas sem pausa (23%) e 5 ocorrências nas com pausa (31%). Novamente, este SN é seguido pelo SN formado por artigo e substantivo, 12 ocorrências nas sem pausa (21%) e 4 ocorrências nas com pausa (25%), conforme a tabela abaixo:

Tabela 7 – Composição do sintagma nominal nas construções sem e com pausa

Nº	Composição do SN	Sem pausa	Com pausa
1	Art+PronP+Subs	13 (23%)	5 (31%)
2	Art+Subs	12 (21%)	4 (25%)
3	PronP+Subs	6 (11%)	2 (13%)
4	Art+Subs+Adj	6 (11%)	-
5	Art+Subs+SP	3 (5%)	-
6	Art+PronP+Adj+Subs	2 (3%)	-
7	Art+PronP+Subs+Adj	2 (3%)	-
8	Pron+Art+Subs+SP	2 (3%)	-
9	Pron+Conj+Art+PronP+Subs	2 (3%)	-
10	Pron+Conj+Pron	2 (3%)	-
11	Substantivo	-	2 (13%)
12	ArtInd+Subs+Adj	1 (2%)	-
13	Adv+Art+Subs	1 (2%)	-
14	Art+Adv+Subs	-	1 (6%)
15	Art+Pron+Subs	1 (2%)	-
16	Art+PronP+Subs+SP	-	1 (6%)
17	Art+Subs+Adj+PronP	1 (2%)	-
18	PronD+Adv	1 (2%)	-
19	PronD+PronP+Subs+Adj	-	1 (6%)
20	PronD+Subs	1 (2%)	-
21	Subs+Adj	1 (2%)	-
TOTAL		57 (100%)	16 (100%)

Fonte: a autora.

Na tabela acima, importa observar que os três primeiros tipos de SNs são mais encontrados nas construções sem pausa, o que corresponde a uma média de 70% dos SNs totais, em cada tipo de SN. Já o quarto tipo de SN é o que apresenta a maior diferença em termos de distribuição, pois 100% das 6 ocorrências totais foram constatadas nas construções sem pausa prosódica. Por outro lado, não é possível associar a quantidade de itens lexicais à presença de pausa prosódica, uma vez que, por exemplo, as duas ocorrências de SN formado somente por substantivo (tipo 11), ambos próprios e iguais (“Porto Alegre”), aconteceram com pausa²³.

3.2.2 Todo o sintagma nominal é definido?

Diante das 21 formas distintas de composição do SN (tabela 6), quase todos os sintagmas nominais adjacentes aos respectivos pronomes correferentes são realmente definidos, confirmando Givón (1979; 1983; 1993) e Pontes (1987), para as construções com deslocamento à esquerda, e Costa, Duarte e Silva (2004), para as construções de redobro de sujeito. A única exceção foi uma ocorrência de SN formado por artigo indefinido, substantivo e sintagma preposicional (“um pouco da estrutura da cidade ela não, ela não foi preparada pra, parece que, ser algo grande como tá sendo” [INF60]). A possibilidade de ocorrências destas construções com SN indefinido já foi apresentada por Duarte (1995) com dados do *corpus* do NURC.

3.2.3 Quais são os pronomes usados na construção?

Foram observados pronomes correferentes de três pessoas gramaticais na amostra do *corpus* analisado: 3ª pessoa do singular (ele/ela), 1ª pessoa do plural (a gente) e 3ª pessoa do plural (eles/elas), conforme a distribuição na tabela:

²³ Durante a leitura das transcrições, notamos uma ocorrência de SP adjacente ao pronome-cópia: “na parte da zona norte, ela é uma parte, assim, além de ser mais afastada, especificamente, aonde eu moro tem muitas empresas” [INF60]. Por curiosidade, analisamos o dado no Praat e confirmamos que há uma pausa antes do pronome de 121ms.

Tabela 8 – Os pronomes correferentes das construções

Pronomes		Todas	Sem pausa	Com pausa
3ª pessoa singular:	ele	24 (34%)	18 (31%)	6 (38%)
	ela	30 (41%)	22 (39%)	8 (50%)
1ª pessoa plural:	a gente	4 (5%)	4 (7%)	0
3ª pessoa plural:	eles	9 (12%)	8 (14%)	1 (6%)
	elas	6 (8%)	5 (9%)	1 (6%)
Total		73 (100%)	57 (100%)	16 (100%)

Fonte: a autora.

A respeito da tabela acima, os maiores números de ocorrências são dos pronomes da 3ª pessoa do singular: 75% nos dados totais, 70% nos dados sem pausa e 88% nos dados com pausa. Vale observar que o pronome “a gente”, 1ª pessoa do plural, só foi constatado nas construções sem pausa entre o SN e o pronome, e não houve nenhuma ocorrência do pronome “nós”. Dada a especificidade da construção em análise, SN adjacente ao pronome-cópia, não teria como ocorrer pronomes de 1ª pessoa do singular e nem de 2ª pessoa do singular e do plural.

3.2.4 A construção é utilizada em quais orações?

De acordo com Duarte e Soares da Silva (2016), as construções que eles consideram como deslocamento à esquerda de sujeito são produtivas tanto em orações principais, quanto em subordinadas, independentes e completivas. Contudo, especificamente, dos 86 dados de “duplo sujeito” analisados em Duarte (1995), 35 ocorrências (41%) foram constatadas em orações principais. Vejamos na tabela a seguir qual foi a distribuição das construções quanto ao tipo oracional em que estavam inseridas:

Tabela 9 – O tipo oracional das construções

Oração	Todas	Sem pausa	Com pausa
Principal	36 (49%)	26 (46%)	10 (63%)
Subordinada	21 (28%)	17 (30%)	4 (25%)
Coordenada	16 (22%)	14 (24%)	2 (12%)
Total	73 (100%)	57 (100%)	16 (100%)

Fonte: a autora.

A tabela acima confirma os achados de Duarte (1995), de que o maior percentual de ocorrências da construção é em orações principais, quando comparadas às orações subordinadas e coordenadas. Nas construções em conjunto, 36 construções (49%) foram encontradas na oração principal, das quais 26 são sem pausa entre o SN e o pronome e 10 são com pausa. O percentual das construções sem pausa foi similar ao total encontrado nas orações principais (46%), já o percentual com pausa foi um pouco maior, atingindo os 63% do total destas construções. Tal discrepância foi refletida nas ocorrências de construções com pausa em oração coordenada, com apenas 2 ocorrências (12%).

3.2.5 E a estrutura sintática?

No subcapítulo 1.3 (“DE ou redobro de sujeito”), vimos quatro estruturas sintáticas para a construção em análise, de SN seguido imediatamente de seu pronome correferente, três delas consideram a presença ou a ausência de pausa para diferenciar a mesma construção lexical em duas estruturas distintas. Na primeira, de Givón (2012[1979]), podemos compreender que quando há pausa entre o SN e o pronome, a estrutura é de tópico e pronome sujeito (53a), mas, quando não há pausa, o SN é sujeito e o pronome é um morfema de concordância preso ao verbo, portanto, é uma construção de sujeito-predicado (53b):

- (53) a. My ol'man, he rides with the Angels. (=35a)
TÓPICO PRO V

“Meu pai, ele viaja com os Angels”

- b. My ol'man he-rides with the Angels. (= 35b)
SUJEITO AG-V

“Meu pai ele viaja com os Angels”

(GIVÓN, 2012[1979], p. 274)

Na segunda proposta de estrutura, de Britto (1998), é argumentado que o SN está localizado em Spec,ΣP, posição dedicada ao sujeito de juízo categórico (cf. Martins, 1994), e o pronome está em Spec,IP, posição dedicada apenas a pronomes fracos (cf. Cardinaletti, 1997), uma vez que *pro* [+referencial] é impossível no português brasileiro atual diante da ausência de traços de pessoa no núcleo de concordância (cf. Figueiredo Silva, 1996). Assim, para Britto (1998), trata-se de uma construção de SN deslocado à esquerda (NP_{DESV}, cf. quadro 5):

- (54) [ΣP A Maria [IP *ei*_i [I telefonou_j [VP *t_i* *t_j*]]]] (= 44b)

(BRITTO, 1998, p. 208)

A terceira proposta, de Costa, Duarte e Silva (2004), considera que há uma estrutura de SN na periferia esquerda de IP e o pronome fraco em Spec,IP (55a) quando há quebra entonacional, de acordo com os autores, esta é uma estrutura de deslocamento à esquerda de sujeito e é agramatical com a ausência de pausa. Por outro lado, na ausência de ruptura prosódica há o que os autores nomeiam como construções de redobro de sujeito, em que o próprio sintagma sujeito hospeda traços de pessoa, de forma que o pronome fraco é uma lexicalização pós-sintática do valor deste traço (55b). Vale mencionar que nas construções de redobro de sujeito, conforme os autores, não pode haver XPs entre o SN e o pronome, pois eles estão em uma relação de Spec-head.

- (55) a. [DP DP] [IP *ele* [VP ...V...]]

- b. [IP [DP [DP O João] [D' [D *ele*]]] [VP ... correu...]] (= 46)

(COSTA; DUARTE; SILVA, 2004, p. 142)

Por fim, na quarta proposta, de Quarezemin (2018; 2019), é considerado que, quando há algum elemento entre o sintagma inicial e o pronome ou uma pausa prosódica, o sujeito é

redobrado por um pronome forte e se caracteriza como uma estrutura de deslocamento à esquerda de sujeito (56a), logo, é uma estrutura tópico-comentário. No entanto, a autora argumenta que também há uma estrutura específica para as construções com pronome fraco e, nesse caso, por oposição àquele, sem elemento interveniente e sem pausa, há redobro simples de um sujeito em posição argumental (56b), mantendo a estrutura informacional sujeito-predicado.

(56) a. [_{TopP} DP [_{SubjP} ele_i [_{Subj} [_{TP} t_i [_{T'} V (...)]]] (= 52)

b. [_{SubjP} DP_i [_{Subj} ele [_{TP} t_i [_{T'} V (...)]]] (= 51)

(QUAREZEMIN, 2019, p. 55 e 58)

Diante das propostas de análise disponíveis e das análises prosódicas realizadas nas construções encontradas no *corpus* LínguaPOA, nos parece que inicialmente é preciso distinguir estruturalmente as construções com pausa entre o SN e o pronome correferente das construções sem a presença da pausa, o que já torna a proposta de Britto (1998) insuficiente. Deste modo, restam, então, três propostas em que as duas construções, com e sem pausa, são diferenciadas basicamente pela especificidade do pronome correferente.

Nas construções com pausa, o SN está deslocado e o pronome é considerado sujeito por unanimidade (cf. Givón, 2012[1979]; Costa, Duarte e Silva, 2004; Quarezemin, 2018; 2019), o que se configura como uma construção de tópico-comentário. Em contrapartida, nas construções sem pausa, o SN é analisado como sujeito e o pronome pode ser um morfema de concordância preso ao verbo (cf. Givón, 2012[1979]), uma especificação para o traço de pessoa, ocupando a mesma projeção máxima do DP/SN, (cf. Costa, Duarte e Silva, 2004) ou um pronome fraco como uma realização de núcleo de SubjP (cf. Quarezemin, 2018; 2019). Nesta dissertação, não exploraremos os prós e os contras de cada análise estrutural e nem nos posicionaremos a respeito de qual estrutura consideramos como mais adequada. No próximo subcapítulo, trataremos de outros aspectos que extrapolam a sintaxe da frase propriamente dita.

3.3 Aspectos informacionais e discursivos

Após as investigações prosódicas e sintáticas realizadas nas construções de SN adjacente ao respectivo pronome encontradas no *corpus* LínguaPOA, voltamos nossa atenção

para as circunstâncias de uso e se há contextos favorecedores de tais construções. Procuraremos, especialmente, saber se há alguma distinção entre aquelas que não possuem e as que possuem pausa prosódica entre o SN e o pronome.

3.3.1 Qual o valor dos traços [+/-específico] e [+/-humano] dos SNs?

De acordo com Duarte e Soares da Silva (2016), vimos que, entre os traços semânticos de [+/-específico] e [+/-humano], é a especificidade do referente que mais influencia na ocorrência de sujeitos deslocados à esquerda. Das 52 construções que os autores encontraram em amostras do *corpus* do NURC-RJ, 24 (46%) são [+humano][+específico], 21 (40%) são [-humano][+específico], 4 (8%) são [+humano][-específico] e 3 (6%) são [-humano][-específico]. Vejamos qual foi a distribuição dos mesmos traços na amostra do *corpus* que estamos analisando:

Tabela 10 – Traços semânticos dos SNs

Traços	Todas	Sem pausa	Com pausa
[+humano] [+específico]	42 (58%)	30 (53%)	12 (75%)
[-humano] [+específico]	24 (33%)	21 (37%)	3 (19%)
[+humano] [-específico]	4 (5%)	3 (5%)	1 (6%)
[-humano] [-específico]	3 (4%)	3 (5%)	0
Total	73 (100%)	57 (100%)	16 (100%)

Fonte: a autora.

Apesar de termos considerado os dois traços ([+/-humano] e [+/-específico]), percebemos que o traço que desempenha um papel fundamental nesta distribuição é o de especificidade. A tabela acima confirma que de fato a especificidade é predominante em 91% dos dados, é até um pouco mais que os 86% encontrados por Duarte e Soares da Silva (2016). Ainda, podemos observar que não há muita diferença entre as construções sem pausa e as construções com pausa prosódica, pois os SNs duplicados são [+específicos] em 90% dos dados sem pausa e em 94% dos dados com pausa, não ocorrendo nenhum caso de [-humano] e [-específico] nestes últimos.

3.3.2 O SN é um referente que veicula informação velha na entrevista?

Vimos que para Pontes (1987) as construções de tópico-comentário, sejam de topicalização ou de deslocamento à esquerda, se caracterizam pelo tópico não poder introduzir um assunto novo (cf. subcapítulo 1.2). Isto significa que, com base na articulação informacional de informação nova/informação velha, o tópico será sempre a informação velha, algo já ativado no contexto discursivo. Com base nisso, analisamos se todos os SNs adjacentes aos pronomes correferentes no *corpus* são realmente referentes que veiculam informação velha, ou seja, que já apareceram anteriormente na entrevista. Os resultados encontrados estão expostos na tabela a seguir:

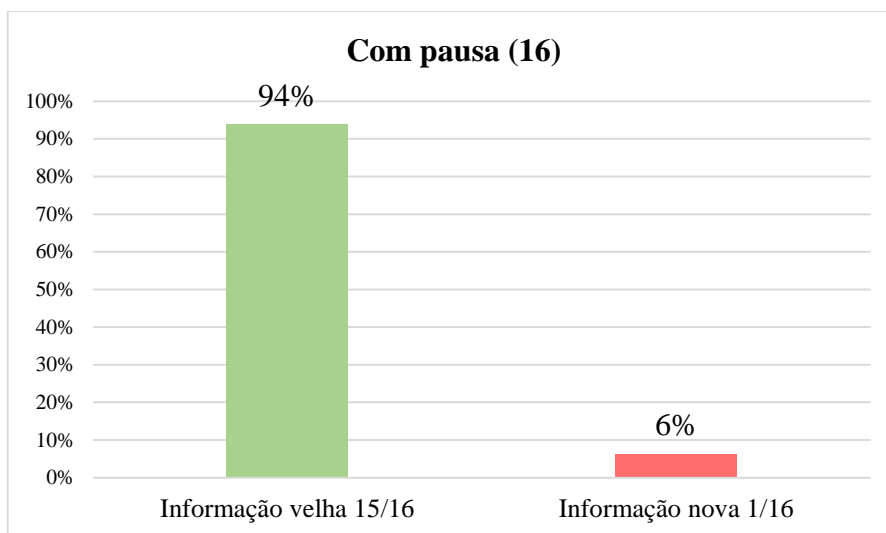
Tabela 11 – Informação velha *versus* informação nova total

Referente	Todas
Informação velha	54 (74%)
Informação nova	19 (26%)
Total	73 (100%)

Fonte: a autora.

Como podemos observar na tabela com as ocorrências totais, a maioria dos SNs (74%) é de referentes que veiculam informação velha. No entanto, há uma parcela de referentes a ser considerada (26%), especialmente por divergir do que é apontado na literatura, que veicula informação nova, quer dizer, referentes mencionados pela primeira vez na entrevista. Agora importa saber se estes referentes ocorreram mais em construções com pausa ou em construções sem a presença da pausa. Reparemos como se deu a distribuição das ocorrências com pausa:

Gráfico 4 – Informação velha *versus* informação nova nas construções com pausa



Fonte: a autora.

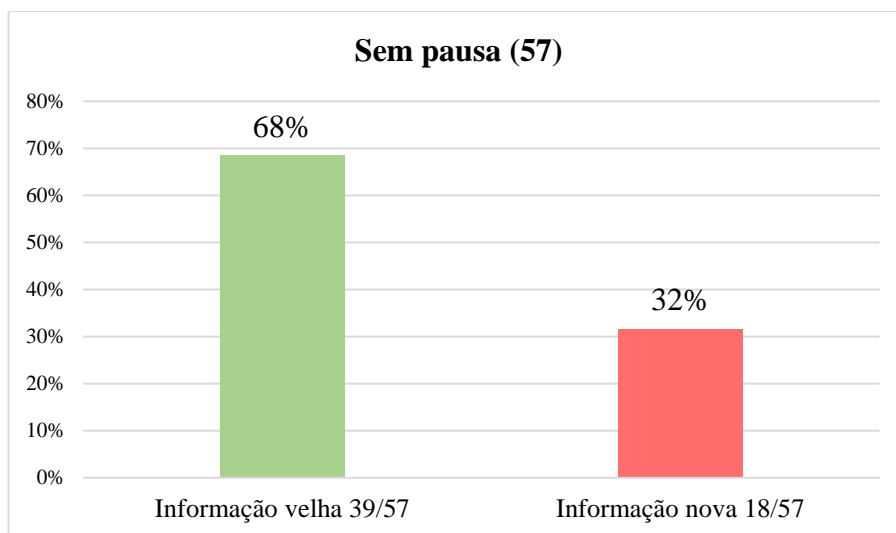
Os resultados encontrados nas construções com pausa não são muito destoantes do que é apontado por Pontes (1987), por Duarte (1995), que considera que as construções com duplo sujeito “retomam um referente nitidamente esperado e próximo” (p. 123), e por Kato (1998), para quem pragmaticamente os elementos deslocados não podem ser parte do foco/informação nova (p. 68). Houve apenas uma única exceção de referente veiculando informação nova com a presença de pausa (de 26ms, que julgamos como micropausa) entre o SN e o pronome, mas que pode ser até discutível, pois anteriormente a informante fez uma interrupção discursiva na última sílaba do SN, como expomos no trecho a seguir:

Entrevistador: Considerando as quatro zonas de Porto Alegre, sul, norte, leste e centro. Tu frequenta quais zonas, além do centro e da norte que tu já falou? Tu conhece a sul e a leste?
Informante: Sul, uhum, a sul um pouco mais porque eu/, **os meus so/, os meus sogros, eles moram no Lami**, né, então a gente vai bastante pra lá assim, tem alguns conhecidos deles, assim, que são ali da Vila Nova, ahm, meus tios que eu tinha por parte do pai moravam na Belém Velho, uma coisa assim eu acho, e então a gente tem mais, fora centro e norte, a zona sul é a que a gente mais vai, assim.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 60.

Como a informante não finalizou o SN anterior, consideramos como informação nova. Porém, se for cogitada como uma informação velha, 100% das construções com pausa serão de referentes que veiculam informação velha. Por outro lado, nas construções sem a presença de pausa, a distribuição entre informação velha e informação nova foi bem distinta do esperado, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 5 – Informação velha *versus* informação nova nas construções sem pausa



Fonte: a autora.

Nas construções sem pausa, apesar da maioria ser de informação velha, praticamente um terço é de referentes que veiculam informação nova - os 18 casos representam 95% das ocorrências totais de referentes novos (19). Parece que a ausência de pausa está atrelada a uma construção inovadora que está permitindo SNs novos. Isto significa que no português brasileiro atual nem todas as construções de SN sujeito seguido imediatamente por seu pronome correferente são do tipo tópico-comentário, já que o SN em posição inicial não tem obrigatoriamente propriedades de tópico (cf. Costa, Duarte e Silva, 2004, para as construções com redobro de sujeito). Tal resultado contribui para o entendimento de que nestas construções, com ausência de pausa, o SN sujeito é duplicado pelo pronome, e não está deslocado.

3.3.3 A estrutura marca uma continuidade discursiva ou ruptura?

Conforme Pontes (1987), a construção de deslocamento à esquerda é usada para dar continuidade ao discurso (cf. quadro 4, capítulo 1), pois o sintagma deslocado é um elemento dado no discurso ou no contexto pragmático. A autora menciona uma exceção em que o tópico pode ser uma informação nova, que não fora mencionado previamente, que acontece quando a informação faz parte do contexto discursivo. Por outro lado, para Givón (2012[1979]), a construção é utilizada quando o referente é menos óbvio, ou seja, está menos acessível no

discurso. Esta concepção do autor é notória tanto pelos graus de obviedade (cf. Givón, 1979) quanto pela escala de continuidade tópica no discurso (cf. Givón, 1983).

Como apresentamos no capítulo de fundamentação teórica (mais especificamente no subcapítulo 1.3), o autor apresenta os graus de obviedade (cf. Givón, 1979) em que o pronome/concordância é usado quando o referente é óbvio ou idêntico, o SN pleno e definido para referente menos óbvio e o DE de sujeito quando o referente não é nenhum pouco óbvio. Já pela escala de continuidade tópica no discurso (cf. Givón, 1983), o “sintagma nominal definido com deslocamento para a esquerda” representa o tópico menos acessível/descontínuo e está em sentido oposto à anáfora zero, que representa o tópico mais acessível/contínuo.

Diante disso, analisamos as 73 ocorrências encontradas no *corpus* do LínguaPOA em um *continuum* de três graus de ativação: (i) Super ativado - significa que o SN foi utilizado em continuidade discursiva ou retomada, neste caso o sintagma nominal duplicado por pronominal faz parte da pergunta ou já foi mencionado na resposta; (ii) Ativado - quando o referente está ancorado ou acessível, isto é, o SN duplicado não faz parte da pergunta, mas está ativado ou acessível no assunto, por exemplo, no assunto “família” está ativado “pai”, “mãe”, “irmão”, etc.; (iii) Não ativado - quando o SN duplicado é um referente novo no discurso e não está ancorado. A seguir, evidenciamos um exemplo de cada grau de ativação:

- Super ativado

Entrevistador: E... E o que que eles fazem, assim, que que o teu pai fa:z? Que que teu marido faz? Pessoal que mora contigo, assim, prime(i)ro lugar. Que que eles fazem? Estudam? Trabalham?

Informante: É, eu, por exemplo, no momento, eu tô só estudando. Ã:: o meu pai tá aposentado. Então o pai... ((suspiro)) Ele fica assim, ele faz o s/ o: lazer, assim, [na verdade, assim.

Entrevistador: [O que que o teu pai fazia?

Informante: **O pai, ele trabalhava no: Demae, no: sistema de águas.** Ele era: técnico de desenhos no: no Demae. Ã:: **o meu marido, ele é motoboy.** Então o meu marido trabalha praticamente vinte e quatro horas do dia, assim. Ele sai de manhã cedo e volta de noite porque ele tem, ele trabalha em dois serviços. Então ele trabalha no período da m/ do dia em um e no período da noite ele trabalha em outro, [então...

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 06.

Como podemos ver no trecho acima, os dois referentes que foram duplicados já faziam parte da pergunta feita pelo entrevistador. Ambas construções ocorreram com pausa entre o SN e o pronome correferente, a primeira com uma pausa de 64ms e a segunda com 72ms (cf. figura 6, subcapítulo 3.1).

- Ativado

Entrevistador: Mas a tua família continua indo à missa?
 Informante: Uhum, sim.
 Entrevistador: Frequentemente, assim?
 Informante: Sim.
 Entrevistador: Uma vez por semana?
 Informante: **A minha mãe ela é catequista**, daí ela (tem que tá todos os dias, né,) praticamente, na igreja.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 129.

Agora, no trecho que exemplifica o segundo grau de ativação, o referente “a minha mãe” não fazia parte manifestamente da pergunta, mas está acessível/ativado em “família”. Nesta ocorrência não houve pausa entre o SN e o pronome.

- Não ativado

Entrevistador: E: quais são as linhas que tu costuma utiliza(r) em Porto Alegre? Tu usa bastante o transporte público?
 Informante: ã na verdade eu pego ônibus assim mais pra... pra i(r) e volta(r) da faculdade mesmo... ã não costumo assim anda(r) muito. **As minhas amigas elas moram meio que por aqui, pelo Bom Fim**, então às vezes eu pego Uber, às vezes eu vo(u) a pé. Eu não costumo pega(r) muito ônibus na verdade.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 24.

No último nível de ativação analisado, na verdade, de não ativação, o SN duplicado não tem nenhuma relação com a pergunta, sobre transporte público, e nem com o discurso prévio. Esta é a primeira e única vez que o referente “as minhas amigas” aparece na entrevista, e não há pausa entre o SN e o pronome. Enfim, vejamos os resultados quantitativos destas investigações que estão expostos na tabela a seguir:

Tabela 12 – Graus de ativação do SN

Graus de ativação	Todas	Sem pausa	Com pausa
Super ativado	37 (51%)	25 (44%)	12 (75%)
Ativado	27 (37%)	23 (40%)	4 (25%)
Não ativado	9 (12%)	9 (16%)	0
Total	73 (100%)	57 (100%)	16 (100%)

Fonte: a autora.

Segundo os resultados das análises quanto aos graus de ativação do SN da construção considerada neste trabalho, a maior percentagem das ocorrências acontece quando o SN está super ativado (37 ocorrências, 51%), o que se encaixa na continuidade discursiva apontada por Pontes (1987). Contudo, há casos em que o SN está apenas ativado/acessível (27 ocorrências, 37%) e o mais surpreendente está nas 9 ocorrências (12%) de SN não ativados, o que foi apontado por Givón (1979; 1983; 1993) para o inglês, mas ainda não tinha sido identificado no português brasileiro.

Os resultados obtidos para as construções sem pausa e as com pausa, separadamente, evidenciam que todas as ocorrências de SNs não ativados foram identificadas nas construções com ausência de pausa. Ademais, a distribuição dos outros graus de ativação nas construções sem pausa foi muito similar (44% super ativados e 40% ativados), porém os resultados foram bem distintos para as construções com pausa. Nestas construções, foram identificados 75% de SNs super ativados (24% a mais do que foi encontrado para todas as construções e 31% a mais do que as construções sem pausa) e 25% de SNs ativados. O único referente que veicula informação nova encontrado nas construções com pausa, conforme mencionado anteriormente, foi considerado como ativado, uma vez que a informante já havia mencionado o esposo várias vezes no discurso anterior.

Ainda sobre a tabela 12, vale ressaltar que, dos 18 casos de referentes que veiculam informação nova encontrados nas construções sem pausa, 9 são não ativados, isto é, são novos e não estão ancorados no discurso prévio, e 9 estavam ativados, pois apesar de não fazerem parte da pergunta diretamente, o referente estava acessível/ancorado no assunto. É o que acontece com o referente “o Português” no trecho a seguir, que, apesar de ser um SN novo, já estava de certa forma acessível em “Lisboa”.

Entrevistador: E: entre os diferentes/ as diferentes cidades que o senhor já moro(u) no Brasil, ã/ percebe [diferenças também?

(...)

Informante: () e até as pronúncias, né? Eu acho que a pronúncia do Sul, por exemplo, é uma pronúncia com mais vogais... Mais aberta... Né? (E tem acento) muito, o gaúcho da fronte(i)ra então é demai(s), influência espanhola, “de”, né? Já no Rio é mais/ ã: em Porto Alegre já é mais/ mais () “di”, ã, mais fechada... Né? No Rio é be:m diferente a coisa... Chiam muito, não é? No Rio de Jane(i)ro... Tem uma/ uma coisa, assim, da pronúncia rápida e lige(i)ra, né? Bem diferente da nossa. São Paulo é mais próxima, São Paulo, Paraná () (ali) pronu/ a prosódia do Sul, não é? Mas acho que a nossa é mais escandida, a do Rio Grande do Sul, do Paraná... É be:m/ com vogais bem salientadas, né? “So(u) de Rio Grande, de Porto Alegre” ((pronunciando sem palatalização)), aquela coisa, não é? Isto é bem característico da:/ da

prosódia do Sul, eu acho. No Rio é mais fechado, não é? Chiado e tal. Não é o chiado de Lisboa... Aqueles átonos de Lisboa, a língua átona fechadinha, não é? () com o francês. **O Português ele come certas vogais, né?** Ele diz, é/ é: “correio” ((com sotaque típico português, apagando o primeiro “o”)) em vez de dize(r) “correio”, não é? Ele: diz assim, em vez de dize(r) “estrume”, ele diz “estrume” ((apagando o “e” final)), essas coisas são/ são átonas. A Língua Portuguesa é meio fechada... Tem essa prosódia, né? E com chiado bem grande... [Não é?

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 123.

3.3.4 O SN está envolvido em alguma relação de contraste?

Givón (1979), pelos graus de obviedade, defende que o deslocamento à esquerda de sujeito representa, então, uma mudança de tópico, sendo uma construção utilizada em inglês para quando o sujeito é trocado inesperadamente ou contrastivamente. Pontes (1987), analisando especificamente o português brasileiro, conclui que a construção é utilizada geralmente sem contraste (cf. subcapítulo 1.2, quadro 4), enquanto que Moraes e Orsini (2003) asseveram que o DE de sujeito é sempre não contrastivo (cf. subcapítulo 1.3). Sendo assim, também investigamos se o sintagma nominal das construções encontradas na amostra do *corpus* do LínguaPOA está envolvido em alguma relação de contraste, conforme a tabela:

Tabela 13 – Contraste do SN

Contraste	Todas	Sem pausa	Com pausa
Com contraste	38 (52%)	30 (53%)	8 (50%)
Sem contraste	35 (48%)	27 (47%)	8 (50%)
Total	73 (100%)	57 (100%)	16 (100%)

Fonte: a autora.

A tabela acima demonstra quase que uma divisão exata entre SN com relação de contraste e SN sem relação de contraste, tanto para as construções em conjunto quanto para as construções separadas por ausência e presença de pausa entre o SN e o pronome correferente. Isto significa que a construção está sendo utilizada contrastivamente em PB, contrariando Pontes (1987) e Moraes e Orsini (2003). A seguir um exemplo do que consideramos como uma

típica relação de contraste. Neste caso, o contraste é entre dois sujeitos duplicados, ambos sem pausa:

Entrevistador: E tu ouvia histórias, Maria, tu lembra de ouvi(r) histórias quando tu era criança?

Informante: Si:m, meu pai era um grande contador de histórias, ele tinha/ ele tinha/ ele inventava personagens, ele fazia as história dele, a gente falou pra ele escreve(r) isso e ele acabou não escrevendo.

Entrevistador: E tu lembra de alguma que tu posso nos conta(r) [alguma coisinha, assim,

Informante: [Ai

Entrevistador: =um trecho, um personagem que marcou?

Informante: Ele tinha/ ele tinha, assim, era sempre a dupla, né, era a/ puta, agora va/ agora vai se(r) difícil, era a/ a/ era a Memeia e a bruxa Teteia, alguma coisa, assim, e aí o/ a/ **a Memeia ela vivia catando: amoras na floresta pra faz(r) bolos e tortas e tal, e a Teteia ela tinha muita inveja**, então ela/ ela pegava cocozinho de cabrito e fazia/ e pra faze(r)/ pra substitui(r) as tortas de amora e faze(r) a outra se da(r) mal, só que ela sempre acabava comendo as tortas de cocô de cabrito, era sem/ era sempre uma variação sobre isso, assim, era muito engraçado.

Fonte: Acervo LínguaPOA – Informante 132.

Depois de analisarmos as construções de SN adjacente ao pronome correferente formalmente, quanto aos aspectos prosódicos, sintáticos e informacionais/discursivos, tivemos a curiosidade de abranger um pouco as nossas análises para contemplar também os aspectos sociolinguísticos. Assim, no próximo subcapítulo, veremos se há algo de extralinguístico que esteja favorecendo tais construções.

3.4 Aspectos sociolinguísticos

Nesta subseção, cruzaremos as informações sociolinguísticas dos informantes (cf. quadro 7, capítulo 2) com o número de ocorrências produzidas por cada informante, separando as ocorrências sem pausa das com pausa. Com estas investigações, esperamos saber se por acaso há algum fator extralinguístico que esteja contribuindo para a manifestação das construções analisadas neste trabalho. As informações que aparecerão nos gráficos a seguir são baseadas na tabela 14:

Tabela 14 – Informantes e as ocorrências de construções sem e com pausa

INF	Gênero	Faixa etária	Escolaridade	Zona	Estrato	Data	Sem pausa	Com pausa
06	Fem	20-39	Superior	Central	B1	2016	2	3
24	Fem	20-39	Superior	Central	C2	2017	7	-
30	Fem	40-59	Superior	Central	B2	2016	-	2
35	Fem	60+	Médio	Central	C1	2017	1	-
42	Fem	20-39	Superior	Norte	A	2018	-	1
48	Fem	40-59	Superior	Norte	C1	2017	3	2
51	Masc	60+	Superior	Norte	A	2018	5	-
57	Masc	20-39	Superior	Norte	B2	2016	1	2
60	Fem	20-39	Superior	Norte	B2	2016	3	3
77	Fem	20-39	Médio	Leste	A	2018	6	-
91	Masc	20-39	Fundamental	Leste	B2	2017	2	-
92	Masc	20-39	Médio	Leste	C1	2016	-	1
108	Fem	60+	Superior	Leste	B2	2018	-	2
120	Fem	40-59	Superior	Sul	A	2015	1	-
123	Masc	60+	Superior	Sul	A	2018	3	-
129	Masc	20-39	Superior	Sul	B1	2016	4	-
132	Fem	20-39	Superior	Sul	A	2016	15	-
E	Fem	20-39	-	-	-	2018	3	-
E	Masc	20-39	-	-	-	2016	1	-
TOTAL							57	16
							73	

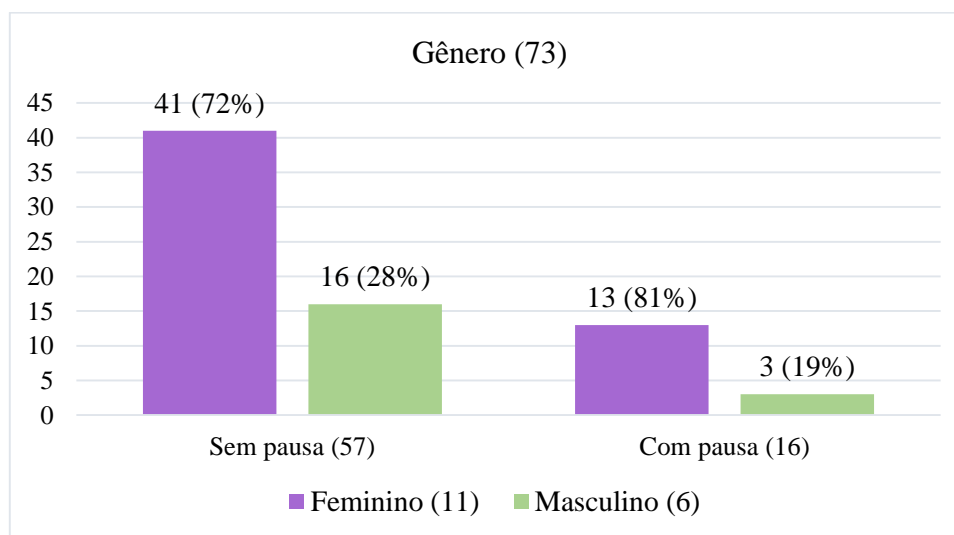
Fonte: a autora.

A tabela acima rerepresenta as informações sociolinguísticas dos 17 informantes, mas, desta vez, com as respectivas ocorrências das construções, sem e com pausa, de SN adjacente ao pronome correferente. Vale notar que somente quatro informantes (a saber, 06, 48, 57 e 60)

produziram tanto construções com pausa quanto construções sem pausa, os demais enunciaram exclusivamente um tipo de construção, o que já indica uma tendência individual. Além disso, duas linhas foram inseridas nesta tabela para contemplar as quatro ocorrências pronunciadas pelos entrevistadores (E). Três ocorrências foram enunciadas por entrevistadoras, sendo uma na entrevista da informante 77 e duas na entrevista do informante 123, ambas datadas do ano de 2018, e uma ocorrência foi proferida por um entrevistador na entrevista do informante 92, no ano de 2016. Nas entrevistas não há nenhum dado acerca dos entrevistadores, não sendo possível saber especialmente a zona e o estrato destes, sabemos apenas que são da faixa etária de 20-39 e são graduandos ou pós-graduandos, aqui consideraremos os entrevistadores como de nível superior. Diante destes motivos, as quatro ocorrências dos entrevistadores não serão consideradas nos cruzamentos entre os tipos de construções, sem e com pausa, e a zona e o estrato.

Começamos com a distribuição das construções com ausência e com presença de pausa entre os gêneros, sendo que a amostra analisada é composta por 11 informantes do gênero feminino e 6 do gênero masculino. No gráfico abaixo, também consideramos os dados produzidos pelas entrevistadoras e o dado produzido pelo entrevistador:

Gráfico 6 – Distribuição das construções pelos gêneros dos informantes

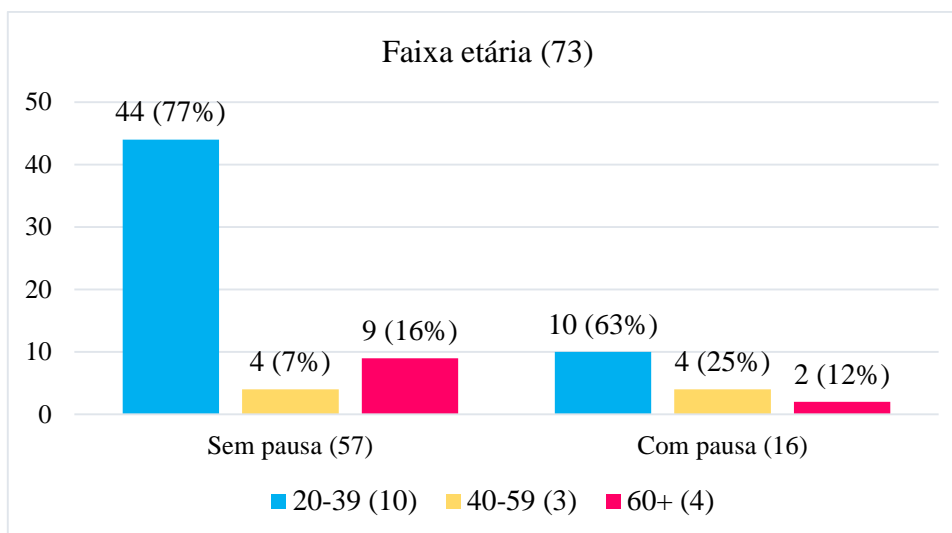


Fonte: a autora.

Segundo o gráfico, o gênero feminino é o que produz as maiores ocorrências de SN sujeito adjacente ao pronome correferente, tanto com pausa (81%) quanto sem pausa (72%). Contudo, não podemos esquecer que a amostra é composta por quase que o dobro de informantes do gênero feminino (65% das 17 entrevistas) em comparação com os do gênero

masculino (35% das 17 entrevistas). Esta desproporção também é notória na faixa etária, porque, das 17 entrevistas, 10 entrevistados são da faixa etária de 20-39, 3 são da faixa etária de 40-59 e 4 são 60+. Ainda assim, chamamos a atenção para o gráfico que segue:

Gráfico 7 – Distribuição das construções pelas faixas etárias dos informantes

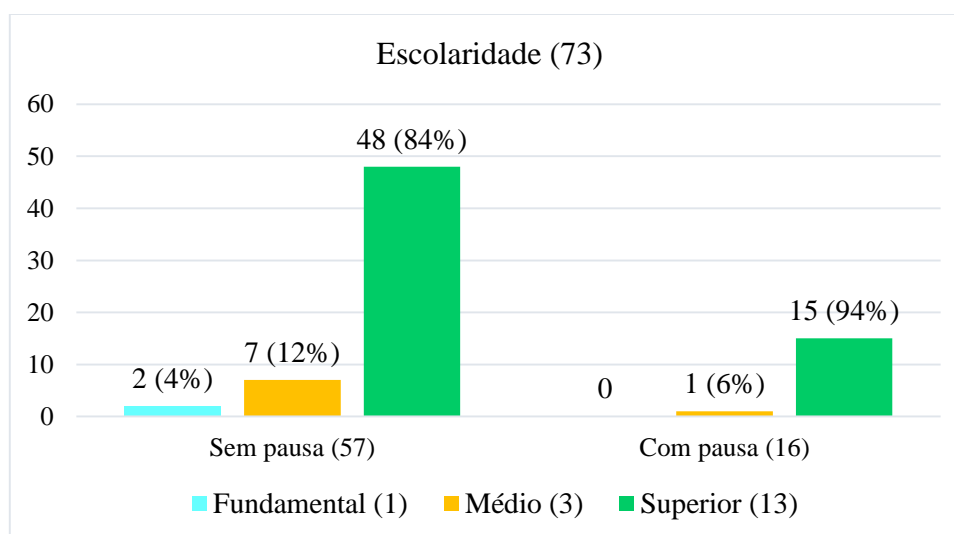


Fonte: a autora.

Pelo gráfico acima, a primeira faixa etária, de 20-39, é responsável por 77% das construções sem pausa entre o SN e o pronome e também por 63% das construções com pausa. A segunda faixa etária, 40-59, foi a que apresentou a menor percentagem de construções sem pausa (7%) e representa uma quantidade considerável das construções com pausa (25%). Já a faixa etária 60+ apresentou uma distribuição igual à primeira, um maior percentual de construções sem pausa (16%) e um menor de construções com pausa (12%).

Quanto à escolaridade, apenas 1 informante é de nível fundamental, 3 são de nível médio e 13 são de nível superior. Como já mencionamos, as ocorrências dos entrevistadores foram consideradas como de nível superior. Vejamos no gráfico abaixo a distribuição das construções entre os níveis de escolaridade:

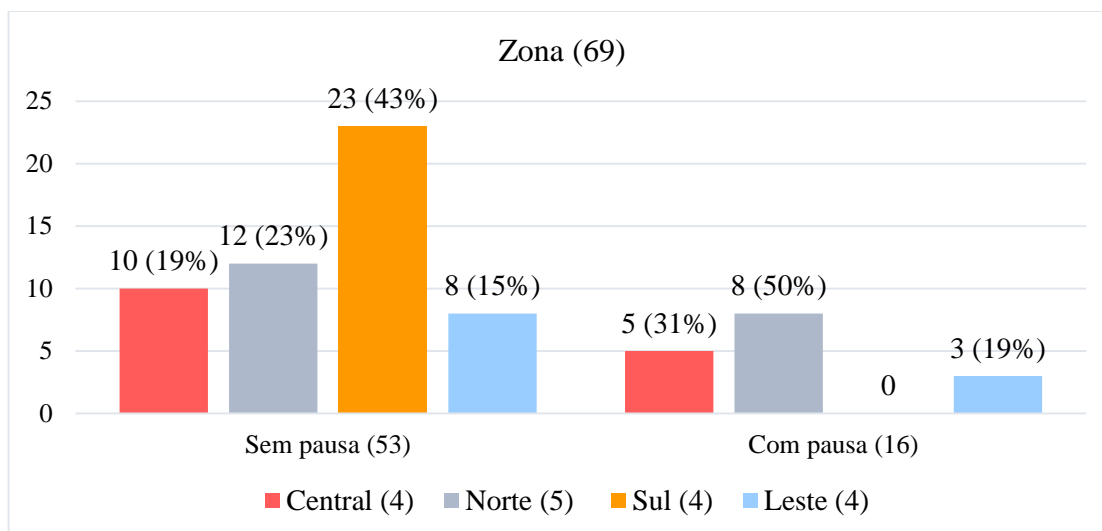
Gráfico 8 – Distribuição das construções pelos níveis de escolaridade dos informantes



Apesar de 13 informantes serem do nível superior (76% das 17 entrevistas), vale repararmos na quantidade de construções neste nível de escolaridade. Quase que a totalidade das construções com pausa foi produzida por informantes de nível superior (94%) e as construções sem pausa também tiveram um percentual muito elevado neste nível (84%). No nível médio, houve apenas 1 construção com pausa e 7 sem pausa, no entanto, no nível fundamental, não ocorreu nenhuma construção com pausa.

Agora, na distribuição das construções entre a zona e o estrato social, não consideramos as 4 ocorrências que foram produzidas pelos entrevistadores, pelos motivos já mencionados acima. Portanto, 69 ocorrências equivalem a 100% das construções que foram observadas nestes aspectos. A divisão das entrevistas pelas zonas da cidade de Porto Alegre foi o aspecto sociolinguístico de maior igualdade, uma vez que a amostra é composta por 4 ou 5 informantes de cada zona, especificamente 5 são da zona Norte e os outros 12 são igualmente divididos pelas outras três zonas, Sul, Leste e Centro. Pelas zonas, as construções sem e com pausa foram distribuídas conforme o gráfico:

Gráfico 9 – Distribuição das construções pelas zonas dos informantes

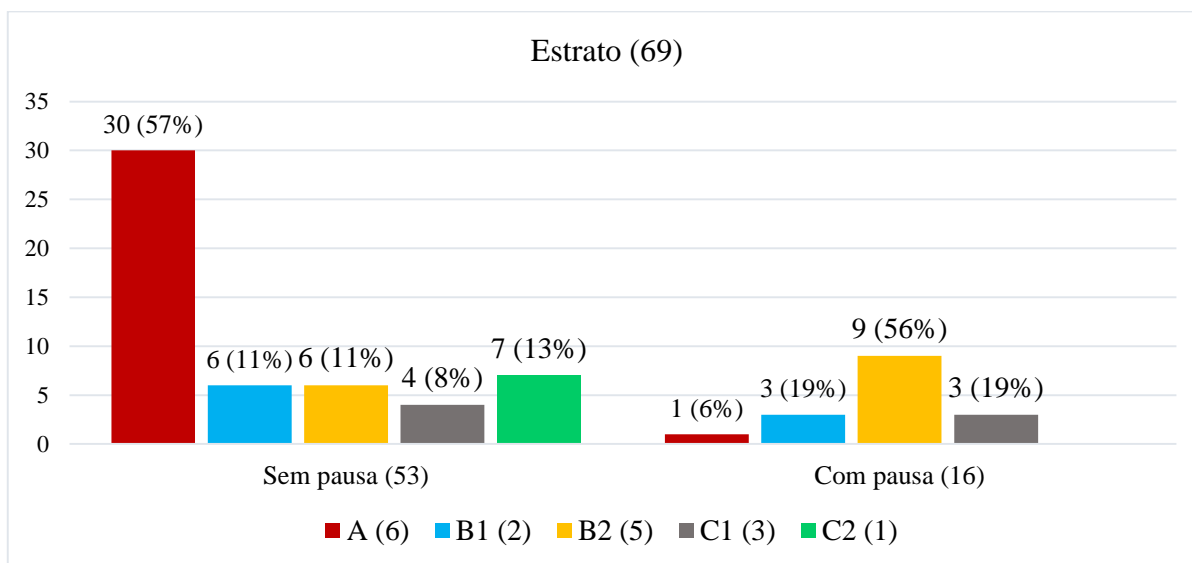


Fonte: a autora.

Segundo o gráfico acima, todas as ocorrências dos informantes da zona Sul são com ausência de pausa, o que representa 43% das construções sem pausa. O restante destas construções teve um percentual similar para as outras três zonas. Já as construções com a presença de pausa foram mais abundantes nos entrevistados da zona Norte (50%) e, nas outras duas, Central e Leste, o número de ocorrências foi quase o mesmo.

Por fim, a distribuição das construções pelo estrato social dos informantes, que variou entre A e C2, sendo 6 informantes do estrato A, 5 do B2 e os outros 6 divididos entre B1, C1 e C2, é exposta a seguir:

Gráfico 10 – Distribuição das construções pelo estrato social dos informantes



Fonte: a autora.

Conforme o gráfico acima, é notória a maior ocorrência de construções sem pausa nos informantes do estrato A (57%), enquanto que a maior ocorrência de construções com pausa é dos informantes do estrato B2 (56%). As outras ocorrências sem pausa foram bem distribuídas pelos outros estratos, mas o mesmo não pode ser dito para as construções com pausa. Enquanto os informantes dos estratos B1 e C1 produziram o mesmo número de construções com pausa, houve apenas 1 ocorrência com pausa enunciada por informante do estrato A e nenhuma no estrato C2.

Diante dos gráficos apresentados neste subcapítulo, podemos considerar que há aspectos sociolinguísticos contribuindo para a manifestação das construções. Mais do que isso, há dois aspectos que contribuem para diferenciar as construções com ausência de pausa das que apresentam pausa entre o SN e o pronome: a zona e o estrato social dos informantes. A seguir, um quadro com o resumo dos resultados apresentados nos gráficos desta subseção:

Quadro 8 – Resumo dos aspectos sociolinguísticos favorecedores das construções

Aspectos sociolinguísticos	Sem pausa	Com pausa
Gênero	Feminino (72%)	Feminino (81%)
Faixa etária	20-39 (77%)	20-39 (63%)
Escolaridade	Superior (84%)	Superior (94%)
Zona	Sul (43%)	Norte (50%)
Estrato	A (57%)	B2 (56%)

Fonte: a autora.

De acordo com o quadro, as construções em geral são igualmente favorecidas em três aspectos: gênero feminino, faixa etária entre 20-39 anos e escolaridade de nível superior. Contudo, as construções sem pausa se distinguem das construções com pausa por serem enunciadas por informantes da zona Sul e do estrato social A, enquanto as com pausa são de informantes da zona Norte e do estrato B2. Não conseguimos extrair uma generalização robusta com base nos dados sociolinguísticos; no entanto, os dados levam a indicar que as construções de sintagma nominal adjacente ao pronome correferente, em geral, são favorecidas pelos mais jovens e de estrato social mais elevado.

Com este subcapítulo, finalizamos nossas análises acerca das construções consideradas neste trabalho. A seguir, nas Considerações Finais, retomaremos os principais pontos de

investigação e resultados, bem como quais são os fatores de análises, entre aspectos sintáticos e principalmente informacionais/discursivos, nos quais as construções sem pausa entre o SN e o pronome correferente se diferenciam das construções com pausa prosódica entre os dois elementos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi compreender como a construção de sintagma nominal sujeito adjacente ao pronome correferente é usada no português brasileiro. Como era esperado em nossas hipóteses, encontramos tais construções com pausa entre o SN e o pronome na amostra transcrita do *corpus* de língua falada LínguaPOA. A escuta das entrevistas também confirmou outra hipótese: algumas das ocorrências não apresentaram pausa prosódica entre o SN e o pronome correferente. Diante disso, começamos a investigar as construções encontradas em seus aspectos prosódicos, através de nossa análise pessoal de oitiva e, posteriormente, pelo uso do programa Praat. Após esta análise prosódica inicial, descobrimos que a maioria das ocorrências não apresentava pausa entre o SN e o pronome correferente, algo um tanto inesperado, uma vez que não era o que a literatura em PB reportava.

No decorrer deste trabalho, investigamos a literatura sobre construções com SN sujeito adjacente ao pronome que o refere. Vimos que o pesquisador pioneiro no estudo da construção de SN seguido de seu pronome correferente é Ross (1967), para o inglês, que a considera como deslocamento à esquerda de sujeito, uma construção de tópico-comentário. No português brasileiro, a construção passa a ser considerada a partir dos estudos de Pontes, em 1980. Aqui apresentamos toda a obra de 1987, um compilado de artigos e apresentações em congressos. Pontes (1987) mostra que a referida construção é produtiva no PB e, apoiada em Ross (1967), também a considera como DE de sujeito. Conforme a autora, o DE acontece com SN definido e com presença de um pronome correferente no lugar de origem do SN, o que está intimamente ligado com a presença da pausa entre o SN e o pronome, especialmente quando adjacentes, e é usado geralmente sem contraste e para dar continuidade no discurso.

Outros pesquisadores analisaram as construções apresentadas por Pontes pelos aspectos prosódicos, pelos sintáticos e/ou pelos informacionais/discursivos e concluíram que realmente se trata de uma construção de DE de sujeito, sendo a pausa entre o SN e o pronome praticamente categórica (cf. Callou *et al.*, 2002[1993]; Duarte, 1995; Britto, 1998; Moraes e Orsini, 2003; Duarte e Soares da Silva, 2016). No entanto, nenhum destes trabalhos, como já mencionado, analisa as construções considerando os três aspectos, o único autor que faz isso é Givón (1979; 1983; 1993) e para o inglês.

Diante do exposto, nos propomos a investigar se as construções encontradas no *corpus*, tanto as com pausa quanto as sem pausa (a “novidade” do PB), se distinguem de alguma forma quanto aos aspectos sintáticos e informacionais/discursivos que apresentavam. As informações

sociolinguísticas presentes no cabeçalho da transcrição de cada entrevista nos possibilitaram, como um bônus para o nosso trabalho, analisar se havia algum aspecto sociolinguístico favorecendo as construções com ausência de pausa e as com presença de pausa. Expomos o resumo de nossas análises no quadro a seguir:

Quadro 9 – Resumo de todos os aspectos analisados

Aspectos		Prosódicos	
		Sem pausa (57)	Com pausa (16)
Sintáticos	Sintagma nominal	Definido (98%); Indefinido (2%)	Definido (100%)
	Oração	Principal (46%) Subordinada e coordenada (54%)	Principal (63%)
	Pronome	3ª pessoa do singular (70%)	3ª pessoa do singular (88%)
	Estrutura sintática	O SN é sujeito e o pronome pode ser: (i) um morfema de concordância preso ao verbo (cf. Givón, 2012[1979]); (ii) uma especificação para o traço de pessoa, ocupando a mesma projeção máxima do DP/SN, (cf. Costa, Duarte e Silva, 2004) (iii) um pronome fraco como uma realização de Subj (cf. Quarezemin, 2018; 2019).	O SN está deslocado e o pronome é considerado sujeito por unanimidade (cf. Givón, 2012[1979]; Costa, Duarte e Silva, 2004; Quarezemin, 2018; 2019).
Informacionais e discursivos	Traços semânticos do SN	[+humano][+específico] (53%)	[+humano][+específico] (75%)
	Traço fundamental	especificidade (90%)	especificidade (94%)
	Referente	Informação velha (68%) Informação nova (32%)	Informação velha (94%) Informação nova (6%)
	Grau de ativação	Super ativado (44%) Ativado (40%) Não ativado (16%)	Super ativado (75%) Ativado (25%)
	Contraste	Com contraste (53%)	Com contraste (50%)
Sociolinguísticos	Gênero, faixa etária e escolaridade	Feminino (72%) 20-39 (77%) Superior (84%)	Feminino (81%) 20-39 (63%) Superior (94%)
	Zona da cidade	Sul (43%)	Norte (50%)
	Estrato social	A (57%)	B2 (56%)

Fonte: a autora.

Nas nossas investigações, descobrimos que as construções sem pausa se diferenciam das com pausa em alguns pontos. Destacamos, em primeiro lugar, o fato dos referentes das construções com pausa veicularem quase 100% de informação velha (94%), enquanto os referentes das construções sem pausa, ainda que a maioria vincule informação velha (68%), podem veicular informação nova (32%). Em segundo lugar, as construções diferem quanto ao grau de ativação do referente, pois os referentes das construções com pausa são 75% super ativados e os referentes das construções sem pausa se dividem quase igualmente entre super ativados (44%) e ativados (40%), e ainda há um percentual a ser considerado de referentes não ativados (16%), isto é, SNs novos no discurso e não ancorados.

Quanto aos aspectos sintáticos, as construções não variaram muito. Vale destacar apenas que houve uma ocorrência de SN indefinido nas construções com ausência de pausa e que, nas construções com pausa, os SNs são totalmente definidos. Pela análise do tipo oracional em que as construções estavam inseridas, as duas construções são mais encontradas em orações principais, sem pausa (46%) e com pausa (63%), mas se considerarmos as orações não principais (subordinadas e coordenadas) como uma só, a maioria das construções sem pausa são encontradas nestas (54%).

A respeito das análises sociolinguísticas, as duas construções são favorecidas em informantes do gênero feminino, faixa etária jovem (20-39 anos) e de nível de escolaridade superior. A diferença entre as construções é notória apenas pela zona em que o informante mora e pelo estrato social a que ele pertence: ausência de pausa - zona Sul (43%) e estrato A (57%); presença de pausa - zona Norte (50%) e estrato B2 (56%). Isto é, as construções mais inovadoras do português brasileiro são produzidas por informantes que são mais favorecidos economicamente.

Diante do exposto, o mais significativo, e inesperado, em nossas análises foi sem dúvida alguma, além da ausência de pausa na maioria dos dados, a possibilidade do SN das construções sem pausa entre o SN e o pronome correferente veicular informação nova. Importa lembrar que as construções de tópico-comentário para Pontes (1987), em termos discursivos, se caracterizam pelo elemento inicial, o tópico, não poder ser uma informação nova. Com isso, as construções com pausa se configuram perfeitamente como construções com deslocamento à esquerda de sujeito, porém o mesmo não pode ser dito para as construções com ausência de pausa.

Neste sentido, concluímos que as ocorrências sem pausa entre SN e pronome são construções inovadoras do português brasileiro atual, pois o SN não se qualifica como um tópico, mas sim como um típico sujeito. Assim sendo, o sujeito no PB pode ser definido como

o sintagma nominal que desencadeia a concordância verbal e que pode ser duplicado por um pronome correferente. A partir da conclusão deste trabalho, resta saber qual é a estrutura sintática desta construção, mais especificamente, em qual posição estrutural está o pronome. Algumas opções já podem ser encontradas na literatura, conforme exposto no quadro acima, podendo este pronome ser um morfema de concordância preso ao verbo (cf. Givón, 2012[1979]), uma especificação para o traço de pessoa, ocupando a mesma projeção máxima do DP/SN, (cf. Costa, Duarte e Silva, 2004) ou um pronome fraco como uma realização de núcleo de Subj (cf. Quarezemin, 2018; 2019).

Por ora, não nos preocupamos em discutir os prós e os contras de cada análise estrutural, apenas ressaltamos que a manifestação de construções com SN sujeito seguido imediatamente do pronome correferente sem a presença da pausa, a duplicação de sujeito, provavelmente esteja relacionada ao enfraquecimento da flexão verbal no português brasileiro (cf. quadro 1, subcapítulo 1.1). Conforme os tipos de pronomes correferentes que foram encontrados no *corpus*, a duplicação de sujeito acontece com verbos de morfologia pobre, visto que, por exemplo, houve quatro ocorrências com a 1ª pessoa de morfologia pobre (“a gente”), todas sem ruptura prosódica, enquanto que não houve nenhum caso com a 1ª pessoa do plural de morfologia rica (“nós”). Desta forma, o pronome correferente pode ser compreendido como um especificador da flexão, estando integrado ao verbo (cf. Givón, 2012[1979]), um especificador de pessoa, estando integrado ao SN sujeito (cf. Costa, Duarte e Silva, 2004) ou outra hipótese ainda não sugerida.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília *et al.* *Novas palavras, nova edição*. v.2. São Paulo: FTD, 2010.

ARAÚJO, Sumaia. A pausa e a função discursiva de construções com topicalização ou com deslocamento para a esquerda. *Anais do IX Encontro Nacional de Linguística*, PUC-RJ, p. 173-87, 1988.

AYRES, Mônica Rigo. *Contextos licenciadores de sujeitos nulos em português brasileiro*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2021.

BATTISTI, Elisa *et al.* *LínguaPOA*, acervo de entrevistas sociolinguísticas em constituição: desenho da amostra e resultados dos primeiros estudos. SeTAL 2017.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 23.ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Curso Médio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1961].

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição revista e ampliada. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BRITTO, Helena de Souza. *Deslocamento à Esquerda, Resumptivo-Sujeito, Ordem SV e a Codificação Sintática de Juízos Categórico e Tético no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1998.

BRITTO, Helena de Souza. Syntact codification of categorical and thetic judgments in brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (Eds.). *The Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt & Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 195-222.

CALLOU, Dinah *et al.* Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe e prosódia. In: CASTILHO, Ataliba (Org.). *Gramática do Português falado: as abordagens*. vol.3. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002[1993]. p. 315-59.

CARDINALETTI, Anna. Subjects and clause structure. In: HAEGEMAN, Liliane MV (Ed.). *The new comparative syntax*. London: Longman, 1997.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CHAFE, Wallace L. Some thoughts on schemata. In: WILKES, Yorick (Ed.). *Theoretical issues in natural language processing*, 1975.

CHAFE, Wallace. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: LI, Charles N. (Ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 25-55.

- CHOMSKY, Noam. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (Eds.). *The view from Building 20: Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*, MIT Press, 1993.
- CHOMSKY, Noam. *Estruturas sintáticas*. Tradução e comentários de Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, Noam. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho, 1994.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, Noam. *The logical structure of linguistic theory*. Cambridge: Harvard University, 1955.
- COSTA, João; DUARTE, Inês; SILVA, Cláudia. Construções de redobro em português brasileiro: sujeitos tópicos vs. soletração do traço de pessoa. *Leitura - Estudos em sintaxe comparativa*, n.33, p. 135-14, 2004.
- CREIDER, Chet. On the explanation of transformation. In: GIVÓN, Talmy. (Ed.) *Syntax and Semantics 12: Discourse and Syntax*. New York: Academic Press, 1979.
- CULICOVER, Peter W. A constraint on coreferentiality. *Foundations of Language*, v.14, n.1, p. 109-118, 1976.
- CUNHA, Celso. *Gramática de Língua Portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Fename, 1976.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2.ed. 1985.
- DE CAT, Cécile. *French Dislocation*. Tese de Doutorado, Universidade de York. 2002.
- DE CAT, Cécile. French subject clitics are not agreement markers. *Língua*, v.115, n.9, p. 1195-1219, 2005.
- DUARTE, M. Eugênia; SOARES DA SILVA, Humberto. Microparametric variation in Spanish and Portuguese: The null subject parameter and the role of the verb inflectional paradigm. In: KATO, Mary Aizawa; ORDÓÑEZ, Francisco (Orgs.). *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford University Press, 2016. p. 1-26.
- DUARTE, Maria Eugenia. *A perda do princípio "Evite pronome" no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

DUARTE, Maria Eugenia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DUARTE, Maria Eugenia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; Mary Aizawa (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

DUARTE, Maria Eugenia. The loss of the “avoid pronoun” principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (Eds.). *The Null Subject Parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt & Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 17-36.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

FIRBAS, Jan. On the concept of communicative dynamism in the theory of functional sentence perspective. *Sborník Prací Filozofické Fakulty Brněnské Univerzity*, 1971.

GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012.

GIVÓN, Talmy. *English Grammar: A Function-based Introduction*, vol. II. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1993.

GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, Talmy. The drift from VSO to SVO in Biblical Hebrew: The pragmatics of tense-aspect. In: LI, Charles N. (Ed.). *Mechanism of syntactic change*. Austin: University of Texas Press, 1977.

GIVÓN, Talmy. Topic continuity in discourse: An introduction. In: _____. *Topic Continuity in Discourse: A quantitative cross-language study*. vol.III. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1983. p. 1-41.

GIVÓN, Talmy. *Topic continuity in discourse: the functional domain of switch reference*. MS: July, 1981.

GIVÓN, Talmy. Topic, pronoun and grammatical agreement. In: LI, Charles N. (Ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

GONÇALVES, Fernanda Maria Ribeiro. *Riqueza morfológica e aquisição da sintaxe em português europeu e brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade de Évora. 2004.

GREENBERG, Joseph Harold. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: _____. *Universals of Language*. 2.ed. Cambridge: The MIT Press, 1978.

GRICE, Herbert Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (Eds.) *Syntax and Semantics 3*. New York: Academic Press, 1975.

GROLLA, Elaine Bicudo. *A aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, 2000.

ILARI, Rodolfo. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Editora da UNICAMP, 1986.

KATO, Mary Aizawa. *Determinantes prosódicos em mudança sintática*. [S.l.]: Abralín ao vivo, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=t3BLRPloZJI&t=8s>>. Acesso em: 23 out. 2021.

KATO, Mary Aizawa. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. *Probus*, p. 1-37, 1999.

KATO, Mary Aizawa. *Tópicos como alçamento de predicados secundários*. Cad. Est. Ling., Campinas, p. 67-76, 1998.

KEENAN, Elinor Ochs; SCHIEFFELIN, Bambi. Foregrounding Referents: A Reconsideration of Left Dislocation in Discourse. In: THOMPSON, Henry *et al.* (Eds.) *Proceedings of the second annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. University of California, Berkeley, 1976.

KENEDY, Eduardo. O status tipológico das construções de tópico no Português Brasileiro: uma abordagem experimental. *Revista da ABRALIN*, v. 13, n. 2, p. 151-183, 2014.

KURODA, Sige-Yuki. *Japanese syntax and semantics*. Dordrecht: Springer, 1992. p. 222-239.

KURODA, Sige-Yuki. Subject. *Syntax and semantics*, p. 1-16, 1976.

KURODA, Sige-Yuki. The categorical and thethetic judgment: Evidence from Japanese syntax. *Foundations of language*, p. 153-185, 1972.

LAKOFF, George. Linguistic gestalts. In: BEACH, Woodford *et al.* (Eds.) *Papers from the Thirteenth Regional Meeting*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1977.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, Charles N. (Ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 457-489.

MARTINS, Ana Maria. *Clíticos na História do Português*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, 1994.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Dicionário de Filosofia e Gramática*. 3.ed. São Paulo: J. Ozon, 1968.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MIGUEL, Matilde. *O sintagma nominal em português: posições de sujeito*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. 2004.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.

MORAES, João Antônio de. Intonation in Brazilian Portuguese. In: DI CRISTO, Albert; HIRST, Daniel (Eds.) *Intonation systems: a survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 179-194, 1998.

MORAES, João Antônio de; ORSINI, Mônica Tavares. Análise prosódica das construções de tópico no português do Brasil: estudo preliminar. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 4, p. 261-272, 2003.

NASCENTES, Antenor. *Léxico de Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Rio de Janeiro: Dois Mundos, 1946.

NICOLA, José. *Língua, literatura & redação*. v.2. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

NUNES, Jairo. Inherent case as a licensing condition for A-movement: The case of hyper-raising constructions in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 7-2, p. 83-108, 2008.

NUNES, Jairo. *The copy theory of movement and linearization of chains in the Minimalist Program*. Tese de Doutorado. Universidade de Maryland, 1995.

OCHS, Elinor. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, Talmy. (Ed.) *Syntax and Semantics 12: Discourse and Syntax*. New York: Academic Press, 1979.

OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo (Orgs.) *Chomsky: a reinvenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4.ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

PERINI, Mário A. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PRINCE, Ellen. A functional approach to text analysis: left dislocation and topicalization. *Symposium on Approaches to Text Analysis*, University of Chicago, 1980.

PRINCE, Ellen. Topicalization, focus-movement, and yiddish-movement: a pragmatic differentiation. *Papers from Berkeley Linguistics Society*, 1981.

QUAREZEMIN, Sandra. A arquitetura da sentença no Português Brasileiro: considerações sobre Sujeito e Tópico. *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, n.96, p. 196-218, 2017.

QUAREZEMIN, Sandra. A cartografia das posições de sujeito nas sentenças com redobro em português brasileiro. *Comunicação apresentada no Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática da ANPOLL*, 2018.

QUAREZEMIN, Sandra. Um novo olhar sobre as sentenças com redobro em português brasileiro. *Revista da Anpoll*, v.1, n. 48, p. 52-63, 2019.

ROSS, John Robert. *Constraints on variables in syntax*. Tese de doutorado. Massachusetts Institute of Technology - MIT, 1967.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. 9.ed., São Paulo: Melhoramentos [atualizada por Adriano da Gama Kury]. 1966[1923].

SAID ALI, Manuel. *Gramática Secundária*. 6.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.